LAGOS RECEBE AINDA A ÁGUA QUE LHE DEU D. MANUEL I (PÁG. CENTRAL)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SABADO, 23 DE AGOSTO DE 1969 N.º 16 766 ANO 49.º UM ESCUDO

COMPRE JOGO
no
CAMPIÃO
LOTARIA - TOTOBOLA

A «VOLTA» ESTÁ EM LISBOA

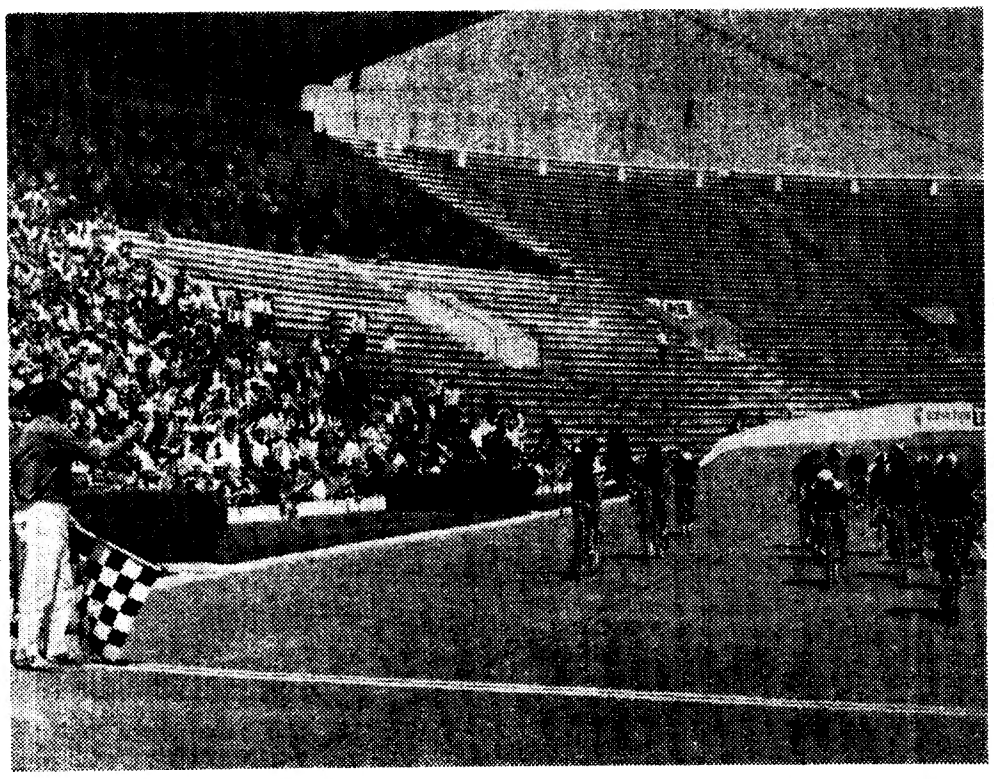
LEONEL MIRANDA FOI O VENCEDOR EM ALVALADE

Lisboa viu hoje a «Volta a Portugal». Ciclistas de sete equipas nacionais fizeram a sua primeira passagem pela capital.

Lisboa veio para a rua ver os seus ídolos. Foi como que a anteprimeira da jornada derradeira, da etapa que vai decidir a mais apaixonante prova desportiva de verdadeiro sentido popular, realizada no nosso País. E, enquanto não chega domingo, dia 31 deste mês, o lisboeta antecipa a sua festa.

O sportinguista Leonel Miranda, batendo ao sprint os seus companheiros de fuga, venceu a etapa que terminou em Alvalade. A seguir, e com o mesmo tempo, classificaram-se: 2.º, Pedro Moreira (Bf.); 3.º, Lino Santos (Sangalhos) e 4.º, António Pereira (Coeli-

(Continua na ultima página)



A esquerda, destacando-se dos demais, está Leonel Miranda, que vai vencer a etapa de Alvalade
O pelotão que marcha junto á corda (lado direito) entrou no estádio, tempo depois dos quatro fugitivos

Marcello Caetano visitou esta tarde as zonas afectadas pelo incêndio no Caramulo

AVEIRO, 23—O prof. Marcello Caetano, acompanhado do chefe do distrito de Aveiro, dr. Vale Guimarães, visitou, esta tarde, a zona devastada pelo fogo que lavrou na encosta da serra do Caramulo.

O Presidente do Conselho chegou a Águeda cerca das 15 e 30, dirigindo-se para Castanheira do Vouga, uma das zonas mais afectadas pelas chamas.

Ao fim da tarde, o prof. Marcello Caetano regressou a Lisboa.

HOJE 36 PAGINAS

VISADO PELA CENSURA

O INCÊNDIO DA MESQUITA

NASSER: A FORÇA É A SOLUÇÃO

CAIRO, 23 — (A. N. I. e R.) — O presidente Nasser declarou que o incêndio na mesquita de El Aqsa veio mostrar que a força é a única solução para a situação no Médio Oriente.

Numa mensagem dirigida às Forças Armadas, o presidente acrescentou ter pensado profundamente no «horrível crime» e concluído não haver outra alternativa além do uso da força.

«Reflecti longamente sobre o terrível crime que foi cometido contra o mais sagrado dos lugares santos da nossa religião, da nossa história e da nossa civilização» — declarou o presidente na sua mensagem, prosseguindo:

«Finalmente, nada mais encontrei senão a confirmação de factos que se tinham tornado claros para nós desde o primeiro dia da nossa cruel experiência, nomeadamente, que não há substituto, não há esperança nem qualquer outro caminho além da força dos árabes, toda a força que eles puderem mobilizar, toda a força que eles puderem dirigir e com a qual possam exercer pressão até

(Continua na ultima página)

DESFILE DE PROTESTO NA IRLANDA DO NORTE

BELFAST, 23 — (F. P.) — Os extremistas protestantes da Irlanda do Norte decidiram organizar hoje um «desfile motorizado», entre o centro de Belfast e o Stormont (Parlamento da Irlanda do Norte), em sinal de protesto contra a decisão de desarmar os auxiliares da Polícia do Ulster.

No final da manifestação será entregue uma petição ao Stormont

Sabe-se, por outro lado, que uma reunião de rua foi convocada para amanhã em Belfast, no bairro católico de Falls Road, apesar da proibição de organizar manifestações nas ruas

NOVAS DIFICULDADES DE CHICHESTER-CLARK

BELFAST, 23 — (Por Michel Goudstikker, da F. P.) — A decisão, em parte esperada, do comando britânico na Irlanda do Norte de desarmar os «B-specials» colocou o Governo unionista de James Chichester-Clark perante novas dificuldades, segundo pensam os observadores em Belfast.

William Craig, antigo ministro e um dos chefes do Partido Unionista, declarou que esta decisão era contrária ás garantias obtidas pelo Partido da parte do Governo do Ulster e que tinham levado Craig e os seus companheiros a darem apoio ao primeiro-ministro, após as decisões de Londres anunciadas por Harold Wilson.

O «DIA MUNDIAL DO FOLCLORE» NÃO SE COMEMOROU EM PORTUGAL

O «Dia Mundial do Folclore», hoje comemorado em muitos países, não é assinalado, por qualquer forma, no nosso, embora muito se fale no seu valor como atractivo turístico. Não quisemos, porém, deixar de ouvir a opinião de diversas pessoas ligadas, de maneiras diferentes, ao folclore português: Manuela Couto Viana, Fernando Lopes Graça, Pedro Homem de Mello, Padre Mourinho, João de Freitas Branco e dr. Joaquim de Magalhães (nas fotos, da esquerda para a direita). As respostas às perguntas que formulámos são reveladoras da existência de formas diversas de encarar o folclore, que — ficou bem claro — não é a mesma para todos. (LER NA PÁGINA CENTRAL)

Edição da noite

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Convocada uma reunião ministerial da Liga Árabe

CAIRO, 23 — (R.) — O secretário-geral da Liga Árabe, Abdel Khalek Hassouna, convidou hoje os ministros dos Negócios Estrangeiros dos 14 Estados membros a reunirem-se, no Cairo, na segunda-feira, para se ocuparem do fogo na mesquita de Al Aqsa e doutros problemas relativos aos árabes.

O convite seguiu-se a uma reunião extraordinária dos delegados da Liga Árabe, realizada a noite passada, na qual foi estudado um pedido da Jordânia para a realização urgente de uma conferência.

Os círculos afectos á Liga Árabe mostram-se convencidos de que a maior parte dos Estados membros aceitarão o convite.

NOVO CHEFE DO GOVERNO DE SAIGÃO

SAIGÃO, 23 — (F. P.) — O presidente Nguyen Van Thieu pediu ao general Tran Khiem para formar o próximo Governo (oficial).

Entretanto, Tran Van Huong, primeiro-ministro demissionário, asegurará interinamente as suas funções, indica o comunicado da presidência da República.

Manifestação protestante proibida em Belfast

BELFAST, 23 — (R.) — O Governo da Irlanda do Norte proibiu hoje um desfile automóvel organizado pelos protestantes, apenas algumas horas antes dos primeiros carros deverem entrar em Belfast numa manifestação de protesto contra a decisão britânica de desarmar as forças especiais da Polícia do Ulster.

O procurador-geral declarou que o projectado desfile, organizado pelo clérigo anticatólico Ian Paisley, constituía uma violação da ordem que proíbe as reuniões públicas.

Paisley, que é o moderador da Igreja Prebisteriana Livre, constituída por extremistas protestantes, tinha a intenção de se dirigir com os seus partidários até ao castelo de Stormont, sede do Parlamento da Irlanda do Norte, e entregar ali uma petição ao primeiro-ministro James Cichester-Clark.

A petição condenava a ordem dada ontem pelo comando militar britânico para que fossem rigorosamente controladas as armas do corpo de reservistas da Polícia.

Entretanto, os homens daquele corpo, constituído por protestantes militantes, temidos e odiados pela minoria católica do Ulster, começaram hoje a entregar as suas armas no arsenal central de Belfast, à medida que iam saindo do serviço.

O responsável britânico pela segurança na Irlanda do Norte, general «Sir» Ian Freeland, declarou que, segundo a ordem de ontem, os membros do corpo especial da Polícia de Ulster apenas podem entregar as suas armas ao comando britânico. Os observadores afirmam que os protestantes extremistas vêem na decisão do general uma ameaça directa à sua segurança.

O general Freeland afirmou também que as suas tropas dominam completamente a situação.

OS JORNALISTAS GREGOS REJEITAM A LEI DE IMPRENSA PROPOSTA PELO GOVERNO

ATENAS, 23 — (R.) — A poderosa Associação dos Jornalistas de Atenas anunciou hoje ser inaceitável um projecto de Lei de Imprensa elaborado pelo Governo militar da Grécia.

O projecto de lei tem por objectivo submeter os jornalistas à autoridade do Ministério da Imprensa, afirmou a Associação num comunicado, acrescentando que tal projecto, embora restaurando a liberdade de Imprensa, introduz certas medidas de «contrôle» demasiadamente rigorosas e penas severas relativamente a uma numerosa lista de infracções.

O primeiro-ministro George Papadopoulos prometeu aos jornalistas de Atenas, o mês passado, que levantaria a censura imposta quando o Exército ssumiu o Poder, em Abril de 1967, restaurando a liberdade de Imprensa, mas ficando os jornalistas sujeitos a procedimento nos tribunais após a publicação da Lei de Imprensa.

O Governo concedeu às associações dos jornalistas e directores de jornais um prazo até 15 de Setembro para que apresentem as suas sugestões, antes de o Governo preparar o texto final da lei.

Um capítulo especial do projecto refere-se ao exercício da profissão dos jornalistas e exige que todos os repórteres e redactores se inscrevam no Ministério da Imprensa, após os seus casos individuais terem sido apreciados por uma comissão composta por juízes, professores universitários e altos funcionários do Governo.

Áreas angolanas temporàriamente vedadas a pesquisas mineiras

Por portaria da Direcção-Geral de Economia, serão vedadas a pesquisas mineiras, até 31 de Dezembro de 1970, três áreas da província de Angola, definidas pelos seguintes limites: a) Norte — paralelo 11° 30' S.; Sul — paralelo 12° 00' S; Este — meridiano 14° 30' E.; Oeste — meridiano 14° 00' E.; b) Norte — paralelo 11° 24' S.; Sul — paralelo 11° 30' S.; Este — 14° 03' E.; Oeste — meridiano 13° 55' E.; c) Norte — paralelo 10° 58' S.; Sul — paralelo 11° 05' S.; Este — meridiano 14° 07' E.; Oeste — meridiano 14° 00' E.

Reforçada a despesa extraordinária do orçamento de Angola

Uma portaria da Direcção-Geral de Fazenda abre um crédito especial da importância de 40 000 000$00 destinado a reforçar verbas da tabela de despesa extraordinária do orçamento geral de Angola para o ano em curso.

«O PAPEL DA FÉ NUMA CIVILIZAÇÃO TÉCNICA» – TEMA GERAL DO CONGRESSO DOS ANTIGOS ALUNOS DOS JESUÍTAS QUE COMEÇA HOJE EM LISBOA

Começam hoje e prolongam-se até ao dia 26, os trabalhos do VIII Congresso da Federação Europeia dos Antigos Alunos da Companhia de Jesus.

O tema escolhido para debate — «O papel da Fé numa civilização técnica» — divide-se em vários subtemas, entre os quais se contam «Habitação e Família», «Ensino profissional» e «Participação e contestação dos jovens», e tem despertado muito interesse nas centenas de congressistas que hoje começaram a chegar a Lisboa, vindos dos diversos países da Europa.

O primeiro acto oficial do congresso efectua-se, esta tarde, na igreja de São Roque, com uma concelebração dedicada aos congressistas. As sessões de trabalho começam amanhã de manhã, no Colégio de São João de Brito, ao Lumiar, com a apresentação do tema pelo rev. François Russo, S. J.

Fumarada e cheiro a gás numa caixa de distribuição das C. R. G. E. na Travessa dos Inglesinhos

Muito fumo e um intenso cheiro a gaz saíndo de uma caixa de distribuição das C. R. G. E.; na Travessa dos Inglesinhos, frente ao prédio com o n.º 20 provocaram certa efervescência, ao princípio da tarde de hoje, no Bairro Alto.

Aglomerou se muita gente e logo compareceram as 1.ª e 2.ª companhias do B. S. B., comandadas pelo subchefe ajudante José de Almeida. Isolado o local, foi imediatamente pedida a comparência do piquete de serviço das C. R. G. E. para proceder à observação da referida caixa de distribuição, procurando detectar a razão do sucedido. Entretanto, desaparecera a fumarada, mas o cheiro a gaz coninuava. Retirads as tampas exterior e interior da caixa, foram retirados e observados os fusíveis e verificada a tensão. Estava em bom nível. A única anormalidade observada foi um fio desligdo, o que não é motivo para o sucedido. Como razão para tal foi aventado o possível quecimento dos cabos.

Depois de tirar o «brevet» de aviador civil, Cordobés fez-se fotografar tal como o reproduzimos acima

CORDOBÉS — TOUREIRO E AVIADOR

Foi no passado dia 20 que Manuel Benitez, mais conhecido por «El Cordobés», pilotou pela primeira vez o seu avião. Pelo menos foi a primeira vez que o fez legalmente, isto é, com «brevet».

«El Cordobés» tornou-se assim, o primeiro matador de touros a pilotar o seu próprio avião. É que Manuel Benitez precisa de possuir tudo. Ele tem de ser o primeiro em tudo. Ele ter hoje dinheiro que chega para deixar de tourear e levar uma rica vida de milionário. Mas Manolo gosta do perigo, de uma vida cheia.

Agora, anda muito contente com o seu flamante uniforme de piloto aviador. Apesar de bonito, ele é bem diferente daquele que tem de vestir por «pueblos» e cidades de Espanha, em tardes de glória, assobios ou «opiniones muy divididas». Mas ainda mais diferente daquele que teve de vestir durante toda uma infância e uma adolescência que o não foram, pelo simples facto de que era um pobre.

Em matéria de dinheiro, o toureiro-aviador não é muito ambicioso.

—Não me interessa viver com luxo. É a comodidade que me tenta — afirmou Manuel Benitez Perez, «El Cordobés», recentemente.

A tradicional qualidade japonesa *a preços de mercado europeu*

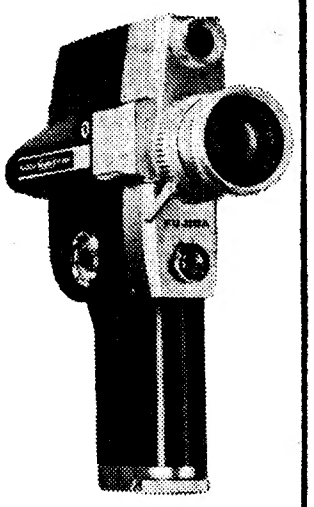
FUJICA

carregamento instantâneo

Single-8

P300

A mais compacta câmara de filmar com zoom



As famosas câmaras de filmar FUJICA são completamente automáticas e tornam o cinema mais fácil do que a fotografia.

REPRESENTANTE GERAL PARA PORTUGAL

HITZEMANN & C.ª, LDA.

PORTO — R. de Sá da Bandeira, 520/526 Telefs. 22135/6 e 36301

LISBOA — R. do Filipe Folque, 2-C e B Telefs. 59788/9

EXTERNATO INFANTIL E PRIMÁRIO

A ÁRVORE

TRAV. DO OLEIRO, 11, 2.º (a S. Bento) — LISBOA-2

PEDAGOGIA MODERNA

Actividades Artísticas — Matemática Moderna — Iniciação às Ciências e à Música — Visitas de Estudo — Meios Audio-visuais — Ginástica e Jogos no Jardim

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES

TELEFONE 690586 DAS 15 AS 19.30 HORAS

FORA DESTE HORARIO INFORMAÇÕES PELO T. 674480

Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

OS E. U. A. E A AMÉRICA LATINA

II—A DEPENDÊNCIA

O malogro da Aliança para o Progresso, criada em 1961 pela presidene Kennedy, é reconhecido pelos peritos dos organismos interamericanos e eplos próprios dirigentes dos E. U. A. Mas estes ultimos continuam a considerar a América Latina como um «dominio reservado», enquanto os dirigentes latino-americanos começam a denunciar a «exploração» de que se sentem vitimas. É esse o mal-entendido, tema do primeiro artigo de Marcel Niedergang (ver artigo anterior da série).

«Algo terá de mudar». Esta conclusão simples, enunciada por Nelson Rockfeller, no final das quatro etapas de uma missão regularmente agitada, na América Latina, permite esperar que a viagem do governador do Estado de Nova York não tenha sido «inutil», como continuam a pretendê-lo, nos E. U. A., os adversários de uma nova «aproximação» latino-americana.

«Para quê esta viagem improvisada, demasiado rápida, cheia de contingências e de riscos?» — perguntavam certos congressistas em Washington. *«Não dispomos nós já de multiplas fontes de informação em todos os paises da América Latina?».* Um homem de negócios americano chegou a exceder-se, em Buenos Aires, durante a visita de Rockfeller: *«Esta «tournée» permitiu, sobretudo, um reforço da oposição ao regime do general Ongania.»* As criticas expressas em Washington contra o «circo ambulante Rockfeller», responderam alguns representantes dos paises da América Latina, na Organização dos Estados Americanos: *«É certo que a situação dos nossos paises é estudada a fundo, pelos E. U. A. Do que nós precisamos é de bons advogados, para fazermos chegar a nossa voz e as nossas reivindicações aos ouvidos do Governo de Washington...»*

Este ponto de vista é partilhado pelos técnicos que acompanharam o governador do Estado de Nova York, e que estão encarregados de redigir o relatório definitivo para o presidente Nixon. O «mais difícil», segundo eles, será *«vencer a barreira de incompreensão e de indiferença que separa os americanos que não estão interessados nos seus vizinhos do sul.»* O Departamento de Estado dispõe, bem entendido, de «conselheiros e de «técnicos» em todas as capitais da América Latina, mas parece que o presidente Nixon prefere neste domínio como noutros, escutar as opiniões de enviados especiais que tenham «novas» vistas: cerca de uma vintena de organismos e de departamentos federais participam em Washington, na «direcção» dos assuntos latino-americanos. Convém, igualmente, ter em conta influências paralelas ou contraditórias dos diferentes «grupos de pressão» económicos, financeiros ou politicos do Pentágono, dos Serviços Secretos e da C. I. A.

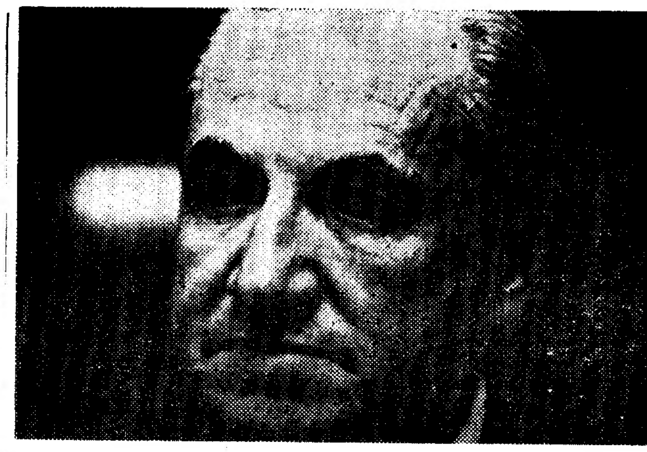
«Em conclusão — murmuram os diplomatas da O. E. A., atingidos pela contestação vinda do Sul —, *não há politica latino-americana absolutamente nenhuma... Ora, o fosso entre nós e os E. U. A. não deixa de se ir alargando cada vez mais. Em Washington, fala-se de auxílio. Na realidade, são os latino-americanos que contribuem para o pleno emprego e para os niveis de vida elevados dos E. U. A. ...»*

No entanto, de há um mês para cá, algo mudou já. Na verdade, não é possível explicar a vaga de cólera suscitada com a acusação de Rockfeller, feita a certos «grupúsculos de estudantes», que se deslocariam de capital para capital, durante a sua viagem. A Imprensa americana nem sequer tentou acolher esta «hipótese» que o enviado especial de Nixon, a certa altura, formulou em Bogotá. O «Washington Sunday Star», que nem sempre se mostrou tão compreensivo como agora, recomenda *«que os E. U. A., no seu próprio interesse, forneçam aos países da América Latina o auxílio técnico, financeiro ou de outra ordem de que eles careçam, numa base de igualdade total, de respeito e de cooperação...»* Fazendo alusão á reforma agrária do Peru, o mesmo jornal acrescenta: *«Ainda que esta tendência possa causar dificuldades imediatas ao Governo dos E. U. A., deverá, o longo prazo, proporcionar a estabilidade económica e politica de que tanto beneficiariam a América do Sul como a América do Norte...»*

O tom geral dos comentários da Imprensa dos E. U. A., apesar dos violentos incidentes e dos atentados contra a Standard Oil e a General Motors, é comedido. O «New York Times» de 27 de Junho de 1969 criticou o presidente Nixon, dizendo que ele *«não revelou, até agora, qualquer disposição porticular para lutar contra as poderosas forças proteccionistas, a fim de eliminar as legitimas razões de queixa da América Latina, no tocante ás trocas comerciais e á politica de auxílio...»* O hebdomadário «Vision», porta-voz habitual da colaboração amigável com os E. U. A., reconhece que *«o problema essencial é o de um sistema capitalista expansionista e de uma sociedade industrial que, contra a sua vontade, se estendem pelo mundo subdesenvolvido, e recolhem, como uma bomba de pressão, os dólares produzidos por esses paises vendedores de alimentos em bruto, matérias-primas e muito poucos produtos semiacabados».*

Por MARCEL NIEDERGANG

Exclusivo «Le Monde» - «Diário de Lisboa»


Raul Prebisch — insuspeito de antiamericanismo

Uma consequência da revolução cubana

Os magazines «Time», «Newsweek» e «U. S. News and World Report» estão de acordo ao citarem uma confidência de Rockfeller, que entende que *«perturbações de uma tal amplitude não precisam de incitamentos exteriores».* O tempo em que os comentadores da Imprensa americana explicavam as revoltas da América Latina ùnicamente por influência da revolução cubana, do castrismo ou do comunismo, parece, pois, provisóriamente passado.

É facto assente, e o próprio presidente Kennedy assim o tinha admitido a titulo privado, que *«não teria havido nunca Aliança para o Progresso sem a revolução cubana».* Foi a necessidade imperativa de responder ao «desafio cubano» que, em 1961, incitou o presidente Kennedy a lançar, solenemente, um vasto plano de auxilio e cooperação, que se propunha atribuir, em dez anos, 20 biliões de dólares, sob a forma de empréstimos públicos ou de investimentos privados. Os países beneficiários comprometiam-se, por sua vez, a realizar a reforma agrária, a eliminar o analfabetismo, o mais tardar em 1970, e a aumentar o rendimento médio em 2,5 por cento por ano.

Não só os créditos da Aliança foram atribuidos em função de critérios discutíveis, como ainda o Congresso de Washington

(Continua na página seguinte)

O FESTIVAL PAN-AFRICANO DE ARGEL

Posta em evidência a divisão entre a África Negra e a África Muçulmana

NAIROBI — O primeiro festival de cultura pan-africana, recentemente efectuado na Argélia, pode ter contribuido mais para a divisão que para a união entre a Africa francófona e a Africa anglófona. Nalguns paises de lingua inglesa diz-se agora, como primeira reacção antifestival, que ele nem foi muito cultural nem muito pan-africano.

O ressentimento que se manifesta filia-se na acusação de que o festival foi grandemente politico, francófono e árabe, o que não era muito dificil de esperar, dado que a Argélia contribuiu com mais de metade dos oito milhões de dólares que o festival custou.

Mas há a impressão de que certos pontos, como os que se seguem, deveriam ter sido tratados com um espirito de maior pan-africanismo:

— os 18 prémios máximos de cultura foram atribuidos a paises francófonos, ou muçulmanos, ou francófonos e muçulmanos (o que aconteceu, na maioria dos casos);

— o festival proporcionou e encorajou, realmente, a propaganda do El Fatah, na sua guerra de guerrilha contra Israel. Este facto colocou certas nações da África Negra em situação embaraçosa, uma vez que recebeu auxilio técnico e financeiro de Israel, e lhe prestam apoio na O. N. U.;

— a canção de Miriam Makeba em louvor de Kwame Nkrumah foi considerada um êxito artístico e pròdigamente louvada pelos argelinos, que, segundo parece, pouco se importaram com o embaraço que a canção poderia causar á delegação do Ghana, que expulsou Nkrumah do Poder em 1966.

CULTURA NEGRA E CULTURA MUÇULMANA

Mal terminou o festival, logo começaram as recriminações. O grupo de danças do Quénia, ao regressar, declarou que só por um óbvio preconceito do júri é que não recebeu um prémio grande.

Os partidários do festival argumentam que os paises de lingua francesa e, particularmente, as nações árabes trabalharam muito mais pelo festival e mereciam imensas medalhas. Certamente não haveria ninguém que pudesse negar a evidência de que o *ballet* da Guiné merecia ganhar o prémio, dizem eles.

Mas não tardou a ofensiva. Philip Ochieng, um dos comunistas mais influentes do Quénia, escreveu um artigo amargo, no qual alcunhava o festival de «pan-árabe».

Ochieng recordou um incidente passado há muitos anos, quando «as esferas oficiais de Londres fizeram cair o Carmo e a Trindade por causa de um grupo feminino de danças do Senegal, cujas componentes *cometeram o pecado* de dançar de peito nu». Depois «obrigaram-nas a cobrir o peito, para não ofenderem Sua Majestade».

Os africanos retorquiram que «dançar de peito coberto não fazia parte da nossa cultura.»

«No primeiro festival de cultura pan-africana», continua Ochieng, «o mesmo grupo foi obrigado a tapar os seios para se conformar com os ideais e as estipulações religiosas e culturais do mundo árabe-muçulmano! Convidam-se os povos para apresentarem as suas culturas e depois ordenam-lhes que se comportem como árabes!»

Outro curioso pomo de discórdia surgiu no festival, quando o conceito de negritude, principal artigo de fé da cultura negra, sofreu um ataque desferido pelo presidente da Guiné, Skou Touré.

Houve muito quem pensasse que o ataque de Sekou Touré (numa mensagem gravada, dirigida aos artistas e intelectuais) se dirigia mais contra o presidente do Senegal, Leopold Senghor, do que pròpriamente contra o conceito, que Senghor perfilhou e alimentou.

Mas houve outros desafios intelectuais, de bastante interesse: Stanislas Adotevi, do Daomé, declarou que o conceito da negritude tinha morrido, Pierre Nze, do Congo-Brazzaville, por sua vez, afirmou que «há diferentes niveis de cultura em Africa; há por exemplo, negritude e arabismo. Devemos sobrepor-nos a estes conceitos e encontrar um conceito de base comum a toda a Africa.»

A premissa de onde Adotevi parte é a de que procurar no passado tradicional do continente a resposta para os problemas africanos não é o caminho indicado para que a Africa ingresse no mundo moderno, o que é a sua necessidade mais premente. Mas, no fim, os partidários da negritude salvaram o conceito desta fragmentação cultural.

Um dos mais penetrantes observadores da Africa francófona, apresentou um ponto de vista muito interessante para justificar a luta decidida em prol do conceito de negritude. Ao mesmo tempo, pode ter oferecido também uma chave para a reacção negativa que a Africa de lingua inglesa opõe ao festival.

Philippe Decrame escreveu no jornal parisiense «Le Monde»:

«De facto, muitos homens de origens culturais da Africa Negra receiam uma certa forma de imperialismo cultural por parte dos paises árabes. Estes ultimos têm uma lingua e uma religião comuns, enquanto os estados de além-Saará possuem centenas de línguas e religiões... a florescência da cultura árabe há séculos que vem sendo universalmente reconhecida...» Isto, conclui Decrame, levou a Africa Negra a colocar-se na defensiva ante o primeiro festival cultural pan-africano.

Por JIM HOAGLAND

(EXCLUSIVO «THE WASHINGTON POST» — «DIÁRIO DE LISBOA»)

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

OS E. U. A. E A AMÉRICA LATINA

(Continuação da pág. anterior)

passou a regatear as somas previstas (500 milhões de dólares de crédito, em 1967; 406, em 1968; apenas 336, em 1969). Também é verdade que os países da América Latina, salvo algumas tentativas isoladas e louváveis, não foram capazes de se lançar, a fundo, nas prometidas reformas de estruturas.

Com muitas dificuldades foram encetadas reformas agrárias (urgentes, no entanto) na Venezuela, no Peru, na Colômbia e no Chile, mas as pressões conjugadas dos grandes proprietários e das sociedades estrangeiras conseguiram limitar-lhes as perspectivas. Foi necessário um novo golpe de estado militar em Lima, e a chegada de um governo autoritário e nacionalista ao poder, para que uma reforma agrária digna desse nome fosse proclamada no Peru.

Claro que não podemos responsabilizar os E. U. A. por todas as incapacidades e insuficiências dos dirigentes latino-americanos. Mas, em todo o caso, é demasiado aventureiro ir injectar dólares em economias **doentes**, desarticuladas ou inadaptadas. «*Com tal sistema, os ricos ficam mais ricos e os pobres ficam mais pobres*» — nota D. Hélder Câmara, arcebispo do Recife.

O que é verdadeiro para as relações entre as classes sociais nos diferentes países latino-americanos, não o é menos para as relações entre o norte e o sul do continente. O aumento real do rendimento *per capita* continuou incessantemente a descer, de 1960 para cá (salvo certas excepções). Os relatórios publicados em 1969 pelo C. I. A. P (Comité Inter-Americano de Aliança para o Progresso), pela A. I. D. (Agência para o Desenvolvimento Internacional) e a C. E. P. A. L. (Comissão Económica das Nações Unidas para a América Latina) comprazem-se em acentuar que «*1968 foi um bom ano, comparado com os progressos mediocres dos anos 1966 e 1967*». Calculam uma «*progressão do rendimento global de 5,4% em 1968, quando em 1967 essa progressão tinha sido de 4,5%, e de 4,6%, em média geral, de 1960 a 1966*».

Mas esses números devem ser postos em paralelo com as taxas de crescimento demográfico, para serem correctamente interpretados.

280 milhões de habitantes em 1970

Esta taxa média é a mais elevada do Mundo. Ao ritmo actual, a população da América Latina ultrapassará os 280 milhões de habitantes, em 1970, isto é, 8% da população mundial. Em 1920, não chegava aos 89 milhões, ou seja, 4,7% da população mundial. Nestes últimos cinquenta anos, o número de habitantes do subcontinente triplicou, e a população mundial apenas duplicou. Outra indicação importante: em 1970, 42% dos latino-americanos terão menos de 15 anos. O aumento real do rendimento *per capita* foi apenas de 1,7% por ano, de 1960 a 1969. É uma média inferior á dos países desenvolvidos (3,7%) e, a despeito do progresso da produção, o rendimento médio na América Latina é ainda de apenas 510 dólares (1), segundo as estimativas da C. E. P. A. L.

Os relatórios dos organismos interamericanos especializados acrescentam que a divida externa do continente passou de 10 biliões de dólares, em 1960, para 20 biliões de dólares, em 1968. O juro desta divida representa, hoje, 36% dos lucros devidos ás exportações da América Latina, contra 25%, em 1960. O número de 6.1%, que é o da progressão das exportações dos países da América Latina em 1966, não é de menosprezar, mas é inferior não só ao das exportações mundiais (9,7%) e ao do comércio dos países industrializados (10,5 %), como também ao do progresso das vendas no conjunto das regiões em vias de desenvolvimento (6,8%).

As vendas da América Latina, nas três grandes zonas industrializadas do Mundo, **baixaram** de 71,9% para 62,4%, entre 1960 e 1969. O constante enfraquecimento dos produtos sul-americanos nos mercados mundiais é, portanto, grave, e pode originar um perigoso desinteresse crescente dos países **industrializados**. Compreende-se, nestas condições, a inquietação dos dirigentes latino-americanos e as precauções dos responsáveis norte-americanos mais lúcidos.

Ligeiras concessões

Sol Linowitz, ex-embaixador de Washington junto da Organização dos Estados da América, declara que «*os E. U. deverão um dia enfrentar uma série de Vietnams a Sul do Rio Grande, se continuarem a ignorar a América Latina...*» Quem teria pensado, ainda só há 2 anos, que o apelo romântico e desesperado de «Che» Guevara seria retomado tão depressa, por um desses próximos colaboradores de Lyndon Johnson? É o próprio Nelson Rockfeller que confia aos seus íntimos: «*As relações com o Sul não têm sido definidas, de modo firme e claro, desde há sei; ou sete anos. Se persistirmos neste erro, em breve teremos uma situação muito séria...*».

E o secretário de Estado, William Rogers, acrescenta. «*Não há um sector do Mundo que seja mais importante para nós que a América Latina...*»

Podemos, contudo, recear que estas belas proclamações **não sejam** rápidamente seguidas de efeitos.

É certo que a tempestade provocada pela viagem de Rockfeller, a querela com o Peru e o severo alerta de Vina-del-Mar incitaram já os **E. U. A.** a fazer **ligeiras concessões**. Em Junho, em Port-of-Spain, na Conferência do Conselho Interamericano Económico e Social, o delegado de Washington prometeu o abandono da cláusula dita da «adicionalidade» (2), denunciada pelos técnicos latino-americanos e por homens tão-pouco suspeitos de antiamericanismo como o dr. Prebisch (3), antigo secretário-geral da Conferência das Nações Unidas para o Comércio Internacional, ou o dr. Filipe Herrera, actual **presidente** do B. I. D. (Banco Interamericano de Desenvolvimento).

Os **E. U. A.** aceitaram que um comité *ad hoc* estudasse, em Outubro próximo, em Washington, os métodos apropriados para «rever as suas relações económicas com a América Latina». Uma reunião interamericana, a **nível** ministerial, examinará por sua vez, no mês de Dezembro, na Venezuela, os resultados de um aventual compromisso entre as posições actuais de Washington e o «caderno de lamentações» adoptado, por unanimidade, em **Vina-del-Mar**. «*Em suma* — observa complacentemente o boletim «Latin America» (4) — *o tribunal latino-americano decidiu um adiamento, concedendo o benefício da dúvida ao acusado, os E U. A. Mas estes últimos parecem esperar que os acusadores vão discutir uns com os outros, antes de o tribunal se reunir de novo...*»

(1) O rendimento *per capita* é, actualmente, de 950 dólares, na Argentina, e de 878, na Venezuela. Este rendimento cai, em compensação, para 233 dólares na República Dominicana, 203 na Bolívia, e apenas 85 no Haiti (que bate o «record» do sub-desenvolvimento) (Fonte: C. E. P. A. L.)

(2) Quando os E. U. A. aceitam financiar trabalhos públicos na América Latina, juntam a contrato uma lista «adicional» que obriga os países beneficiários a comprar-lhes o material e o equipamento necessário, mesmo que os preços sejam superiores aos oferecidos pelas empresas de outras regiões. Todas as missões da A. I. D. foram oficialmente informadas da supressão da cláusula de «adicionalidade» que fazia parte dos programas de assistência, desde 1964. O comunicado da A. I. D especifica, no entanto, que a política dita de «empréstimos ligados», que obriga os beneficiários destes empréstimos a gastarem os fundos provenientes dos créditos, nos E. U. A., continua em vigor «*com raras excepções*».

(3) Raoul Prebisch é agora secretário geral do I. L. P. E. S. (Instituto Latino-Americano de Promoção Económica e Social).

(4) *Latin America Newsletter*. Londres, 27 de Junho de 1969.

Próximo artigo:
A DOMINAÇÃO

Começou esta tarde a 20.ª Exposição Canina Internacional do Estoril

Aberta a exemplares de todas as raças decorre hoje e amanhã, no Parque do Estoril, a 20.ª Exposição Canina Internacional do Estoril promovida pela Junta de Turismo da Costa do Sol, com a colaboração da Sociedade Estoril Sol, de harmonia com os reguramentos e aprovação do Clube Português de Canicultura que terá a seu cargo a disputa de C.A.C.I.B.

A comissão da Exposição é constituída pelos srs. eng.º Frederico Oom, que preside e D. Luí. Mesquitela e dr. Manuel Teles.

Conforme noticiámos, serão atribuídos diversos prémios gerais, prémios de honra e prémios especiais. A taça «Presidente da Republica» destina-se ao expositor que, durante dois anos seguidos ou três alternados, apresentar o melhor exemplar; as taças «Comte de Catalan» serão entregues ao criador do melhor cão estrangeiro, durante dois anos seguidos ou três alternados e ao criador do melhor cão português; a taça «Alvalade» destina-se ao criador do melhor cão classificado durane dois anos seguidos ou alternados.

O programa é o seguinte: hoje, ás 14 horas, entrada dos exemplares; às 15, início da clasificação; ás 20, saída dos exemplares. Amanhã, ás 14, entrada dos exemplares; ás 15, continuação da classificação e atribuição de prémios aos melhores exemplares portugueses e estrangeiros; ás 18 e 30 horas, distribuição de prémios (excepto prémios de raça); e ás 21 e 30 jantar seguido de distribuição dos prémios de raça e desfile dos exemplares.

COMEMORADO O ANIVERSÁRIO DO MEIA PRAIA

LAGOS, 23 — Diversas cerimónias e animadas provas assinalaram o 9.º aniversário do Hotel da Meia Praia. A dois quilómetros do centro da cidade a Meia Praia é uma das pioneiras do turismo moderno no Algarve.

O programa das comemorações foi o seguinte:

Dia 6, missa campal; provas de xadrez, ténis e pingue-pongue; actuação de rancho folclórico e fogo de artifício; dia 7, continuação de provas desportivas, espectáculo pelo Grupo de Musica Antiga de Lisboa; dia 8, gincana de bicicletas; dia 9, provas finais; dia 10, burricada, distribuição de prémios, fogo de artifício e baile.

As classificações foram as seguintes:

XADREZ — 10 concorrentes: 1.º, dr. Beschwitz (Alemanha); 2.º, eng.º João Antas (Portugal-Meia Praia). TENIS — Homens, 18 concorrentes: 1.º, Francisco da Conceição (Portugal-Meia Praia); 2.º, Francisco Falcão (Portugal-Praia da Rocha); Senhoras, 4 concorrentes: 1.º, «Mlle.» Vatal (França); 2.º, «Mrs.» Freytag (Alemanha).

PINGUE-PONGUE — Homens, 30 concorrentes: 1.º, Tony (Austria); 2.º, eng. João Antas (Portugal-Meia Praia); Senhoras, 10 concorrentes: 1.º, Beschwitz (Alemanha); 2.º, Manucha (Portugal-Meia Praia). GINCANA DE BICICLETAS — 38 concorrentes: 1.º, Tony (Austria); 2.º, Miguel Calado (Portugal-Meia Praia). BURRICADA — Homens, 28 concorrentes: 1.º, Silva Ramos (**Portugal**), acompanhante Leonor Falcão (Portugal); 2.º, Carlos Vagos (Portugal, acompanhante Teresa Antas (Portugal. Senhoras, 30 concorrentes: 1.º, Guida Bastos (**Portugal**), acompanhante Luís Carmo (Portugal); 2.º, **Leonor** Falcão (Portugal), acompanhante **José** Falcão (Portugal).

Num total de 138 concorrentes, a classificação geral ficou assim estabelecida:

1.º, Tony (Austria); 2.º, José Pedro Barreira (Portugal); 3.º, eng.º Fonseca Lopes (Portugal); 4.º, Belicha Fonseca Lopes (Portugal); 5.º, dr. Beschwitz (Alemanha).

Neozelandeses pedem correspondentes em Portugal

De muito longe (da Nova Zelandia, calcule-se...) chegou-nos há dias uma carta, subscrita por um estudante de Ciências Sociais, Bruce Grahamond, que pede, para si e para seu irmão, correspondentes portugueses (raparigas ou rapazes) que escrevam em língua inglesa.

Revela o nosso longínquo correspondente que desejaria fazer, no seu curso, um estudo sobre Portugal, pelo que a troca de correspondência que solicita lhe poderá ser, por redobradas razões, ainda mais util.

Quem responde ao Bruce e ao irmão, cujo nome ignoramos?

O endereço é o seguinte: 10, Sandra Ave, Otava, New Zeland.

COLÉGIO NUN'ÁLVARES
PRIMARIO · C. PREPARATORIO 1.º, 2.º e 3.º CICLOS
DIURNO e NOCTURNO — por discip. e secções
Semi-internato — transporte
Praça João do Rio, 2 (ao Areeiro) · Tel. 722461 · Lisboa

ora diga-nos...

— Quantos pares de sapatos compra por ano?

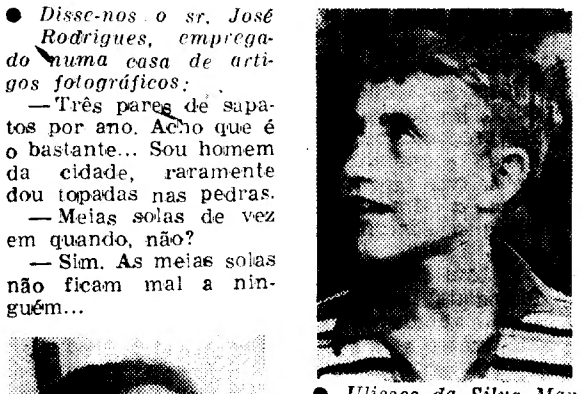
«As biqueiras dos sapatos, nas montras, chutam preços altos...»

● *Disse-nos o sr. José Rodrigues, empregado numa casa de artigos fotográficos:*

— Três pares de sapatos por ano. Acho que é o bastante... Sou homem da cidade, raramente dou topadas nas pedras.

— Meias solas de vez em quando, não?

— Sim. As meias solas não ficam mal a ninguém...



● *Ulisses da Silva Martins, aluno da 4.ª classe, disse-nos:*

— Jogo à bola e lá se vão os sapatos. Quem os compra são os meus pais. Talves uns quatro pares de sapatos por ano... Há quem gaste mais calçado do que eu.

● *Finalmente, declarou-nos Alfredo Linhares Tavares, 2.º ano do Ciclo Preparatório:*

— Três pares de sapatos por ano.

— Só...?

— Bem, às vezes, talvez sejam mais. A verdade é que nunca faço essas contas. Isso é com os meus pais. Quando compram sapatos novos para mim, sempre me dizem para eu ter juizo...

— E tens?

— Tenho.

NOVA CARTA ABERTA A LAURO ANTÓNIO (1)

SOBRE A PSICOPATOLOGIA DA DOBRAGEM

«O nosso intelecto só pode trabalhar eficazmente quando subtraído a forças afectivas demasiado intensas; caso contrário, comporta-se apenas como um instrumento ao serviço duma vontade, e só produz o que esta lhe inculca. Os argumentos lógicos nada podem, pois, contra os interesses afectivos: eis a razão por que o combate à base de raciocínios é tão estéril no mundo dos interesses. A experiência psicanalítica confirma continuamente esta verdade».

(S. FREUD, *Essais de Psychanalyse*, Payot, p. 251).

«... Em nome do publico para quem escrevo e de uma estética cinematográfica que procuro defender e servir, nunca poderei deixar de me manifestar totalmente contrário á prática da dobragem».

(L. ANTÓNIO, *Diário de Lisboa* de 10-8-969).

Meu caro Lauro António:

Depois de me inteirar do teor do seu artigo-resposta sobre a dobragem (dividido cinematográficamente em duas «jornadas», como as fitas em episódios dos bons velhos tempos), fiquei com a convicção definitiva de que à questão da dobragem é, para si, um caso grave de «interesse afectivo», — mais: é uma questão de *crença*, segundo as suas próprias palavras: «...no que eu não ACREDITO é na dobragem, seja ela feita por incompetentes ou não». A partir do momento em que enveredamos pelo miticismo, qualquer discussão é vã.

Mas acontece que V. é um crítico com responsabilidades, e, estou convencido, um um crítico honesto: tenho, até, razões pessoais para o apreciar pela forma independente como V. procura ver nos seus filmes o que neles verdadeiramente lá está, indo muitas vezes contra certas correntes de opinião; tudo isso me é fortemente simpático, bem como a infatigável cruzada a que V. se devotou, montado no seu cavalo branco, quebrando lanças por um cinema de qualidade.

Por estas razões, entendo que devo esclarecê-lo dumas quantas coisas, e depois — se V. os aceitar — dar-lhe-ei alguns conselhos.

O primeiro esclarecimento que se impõe, é que há que distinguir entre um *princípio estético-cinematúrgico* e uma *medida de ordem prática*. Você condena a dobragem como *princípio cinematúrgico?* Também eu, meu caro Lauro António! Nem nunca me passaria pela cabeça outra coisa! Vamos já os dois, de braço dado, empunhando o mesmo cartaz!... Mas isso toda a gente percebeu no meu artigo *O Medo da Dobragem*, publicado no «Diário de Lisboa» de 1 de Agosto!

Agora, atendendo a um certo e calamitoso estado de coisas de *ordem prática* (que infelizmente eu conheço bem), não vamos sobrepor a pureza ideal de um princípio a uma medida prática que a lógica impõe.

Decepar o braço a um cidadão, à sacholada, é crime grave, mas se isso fôr feito com anestesia para salvar o corpo da gangrena, passa a ser acto louvado pela mesma ética que condena o acto anterior. Segundo a sua óptica, Lauro António, nunca se deveria cortar o braço ao cidadão, com gangrena ou sem ela, porque «ter braço é que é bom».

Tal atitude, na sua forma benigna, é sómente irracional. Na sua forma maligna, ou seja, ao querer impôr na prática, sem atender às realidades, a «pureza» dos princípios, é confusão grave que já tem dado origem a famosos totalitarismos.

Recorde-se do que aconteceu durante a Idade Média, em que a proibição de experiências anatómicas, por parte da Igreja e em nome de respeitáveis princípios, fez atrasar a medicina umas centenas de anos.

Enquanto V. não perceber como é que eu posso ser, simultâneamente, contra a dobragem de um ponto de vista puramente filmológico (1), — e a favor dela como medida sanitária de ordem prática, — nada feito. Entre o descalabro técnico-social do nosso cinema e do seu povo, e a dobragem, — eu opto pela última. Vê? É uma distinção tão simples como dramática, que V. se obstina em não atingir.

Claro que a dobragem não é solução única. Outras há, tanto ou mais importantes, que haveria que impor paralelamente. Mas não é disso que estamos a falar agora.

Em todo o caso, observo com satisfação uma significativa mudança de tom entre a sua crítica da «*Helga*» (mais os termos em que se expressava Eduardo P. Coelho, que V. perfilhou), e o seu ultimo artigo: é que já admite claramente (e não apenas subconscientemente) que as dobragens em Portugal possam, sim senhor, ser bem feitas, e que até acredita no aperfeiçoamento dos técnicos portugueses. Quer dizer que V. já «descongelou» um bocadinho. Só por isso valeu a pena a minha intervenção! Oxalá o mesmo possa acontecer a outros ancilosados.

Ora bem. Prosseguindo, esclareçamos outras confusões em que V. incorre. Quando eu, no meu artigo publicado no «Jornal de Letras e Artes» de Agosto de 1968 distingo 4 tipos de dobragem, abordo o problema de um ponto de vista puramente *técnico-formal*, e não *pseudo-estético* como V. inventa, quando vem falar na presença ou ausência do realizador. A «inversão de dados» a que V. se refere só existe na sua cabeça, é um desvio esquisito do que se estava a tratar e nada prova, — até porque há realizadores, como por exemplo Antonioni ou Visconti, que dirigem as dobragens de filmes seus, feitas noutros países. Depois, não contente com isso, atribui à dobragem total (a que está em causa) poderes mágicos que assustam qualquer um: «Ela é a intrusa indesejável... que irá falsear as intenções, deturpar os resultados, escamotear os efeitos longamente preparados pelos responsáveis». Hom'essa! Porquê? Se a dobragem fôr bem feita (e nada impede que o seja) nada disso acontece! A menos que acreditemos em bruxas!

Mais adiante, já na 2.ª «jornada», vêm as confusões entre a «carne de burro» e os «anormais què constituem o nosso povo». Você não tem vergonha de ofender assim o nosso povo? Além disso, em que planeta julga que vive? Filmes maus e assim-assim tanto há na América como na Rússia, e não se percebe porque é que a dobragem irá encorajar o comércio *só* dos filmes maus! (A menos que ela seja *facultativa*, e portanto apenas orientada pelos distribuidores, — ao passo que o que eu preconizo, repito, é uma forma de dobragem *obrigatória*).

Logo a seguir, V. faz depender a «alfabetização cinematográfica do povo» de um prévio conjunto de circunstâncias socioculturais. Quer dizer, V. acha que só quem tem «letras» pode ter acesso mental ao cinema. Sinistro! A isto, meu bom e honrado Lauro António, chamo eu a maior confusão do século. Então V. não sabe que estamos na grande transição da *civilização acústica* (ou livresca) para a *civilização visual* (ou cinemático-televisiva)? Você não se debruça sobre esses candentes problemas da actualidade? Você não sabe que hoje em dia, experiências psicológicas provam que crianças de 5 e 6 anos já conseguem acompanhar o desenvolvimento concepto-visual de certos filmes, mesmo antes de saberem ler? Digo-lhe mais: a promoção cinematográfica das massas, se quisermos ser sociológicamente honestos e actuais, impõe-se com a máxima urgência, paralelamente á promoção literária e económico, — e nunca depois! E, repito, «a dobragem constituiria para isso uma achega importante!»

E já agora, deixe-se de jogos de palavras psicodelirantes, como o trocadilho entre «recuperar a grande massa para o cinema» ou «o cinema para a grande massa». Já analisou bem o que isso significa entre nós? É de morrer de rir! Você conhece TODOS os filmes que se fazem na China? E que tal o mimo de certas afirmações, como p. ex. quando V. diz que o publico da França, da Itália e da Espanha «está desde o início mal habituado, *(por causa da dobragem)*, não sabe o que é bom».

Claro, nós cá em Portugal é que sabemos!!!

Ou então quando 'afirma que «a dobragem, não tem nada a ver com o estado actual do cinema no nosso País». Ah pois não. Tem lá agora! Vê-se mesmo que V. não percebe nada do público do cinema.

Finalmente, admiro a sua ingenuidade quando acredita que a legendagem evita a deturpação do contexto fílmico, porque se pode «aferir a justeza de uma tradução, controlando as legendas pelos diálogos»! Ouça lá: quantas pessoas pensa V. que sabem francês neste país? (Quanto mais inglês ou sueco!) Quantos filmes de Bergman V. julga que «viu mesmo» aqui, em tradução portuguesa? Você tem a certeza que a história «lida» de *Quem Tem Medo de*

(Continua na página seguinte)

(1) Para definição de **filmologia**, cf. a obra clássica de Cohen-Séat.

Novo filme luso-espanhol

Cristina Galbo, a jovem e bela actriz do cinema espanhol, aparece assim numa cena da película «Os cinco avisos de Satanás», onde contracena com Américo Coimbra, Artur Fernandes, Madalena Iglésias, Luís Filipe e Eduardo Fajardo. Realizado por José Luís Merino, o filme «Os cinco avisos de Satanás» foi rodado em Lisboa, Estoril, Guincho, Cascais, Sintra e Praia Grande.

OS PEQUENOS ANÚNCIOS SERVEM OS GRANDES ESPECTÁCULOS

A revista dos **PARODIANTES DE LISBOA** — um espectáculo de **VASCO MORGADO** em segundo mês de lotações esgotadas na sala fresquinha do

MONUMENTAL

em DUAS SESSÕES 20.45 e 23 horas (ADULTOS)

Amanhã, á tarde ás 16 h.

O PÚBLICO RI PERDIDAMENTE

VARIEDADES 5.ª semana

OS DIREITOS DA MULHER

2 HORAS A RIR

com

UM CASO MUITO SÉRIO

A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM

TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE

HENRIQUE SANTANA
IRENE ISIDRO — COSTINHA
LIA GAMA
MARIA HELENA — HENRIQUE SANTOS
LUISA DURÃO
HELENA ISABEL — BENJAMIM FALCÃO

HOJE, ÀS 21.45 H.—AMANHÃ, À TARDE, ÀS 16 H. (Adultos)

FRANCA

VILA DE XIRA

NA PRAÇA MAIS CASTIÇA DE PORTUGAL

A CORRIDA DOS ASES

4.ª-FEIRA 27 ÀS 22 HORAS — M/12 ANOS

CAVALEIROS:

MESTRE BATISTA

LUÍS M. DA VEIGA

ESPADAS:

MANOLO CORTÉS

JOSÉ FALCÃO

FORCADOS AMADORES DE LISBOA

DE SALVAÇÃO BARRETO

4 — TOIROS DE FRANCISCO DE GOES

4 — TOIROS DE PINTO BARREIROS (HERD.)

«A LAREIRA»

Em virtude das muitas solicitações, a gerência comunica que a partir desta data este estabelecimento estará aberto todos os dias,

MATINÉES todas as tardes

AR CONDICIONADO
AMBIENTE ACOLHEDOR

FIGUEIRA DA FOZ

AMANHÃ, 24 DE AGOSTO DE 1969

ÀS 17,30 HORAS — M/ 6 ANOS

FREDERICO CUNHA

EDITH EVANS

JOSÉ SIMÕES

VICTOR M. MARTIN

AMADORES DA TERTÚLIA TAUROMÁQUICA DO MONTIJO

8-Bonitos Toiros-8

DA AFAMADA GANADARIA DO EX.mo SR. CONDE DE MURÇA

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ROMA

TÍTULO — «Nasci para amar».
INTÉRPRETES — Catherine Spaak, Philippe Leroy, O. W. Fischer e Pepe Calvo.
REALIZADOR — Franco Rossi.

Esta Catherine Spaak (Spaak por parte do pai, que é um cidadão respeitável e até com um belo apelido) não canta mal — é certo — mas, quando não canta, é uma mosquinha morta, que até mete raiva.

Bem, podia não ser assim, mas esta Spaak (por parte do pai) não canta neste filme do Franco Rossi (que, pelo menos, neste «Nasci para amar», tem o humor acabado do órfão-órfãozinho).

Mas nestas coisas de cinema é sempre bom contar a história da história. Cá vai ela: Era uma vez, o O. W. Fischer, comandante de um submarino alemão, que ficou sózinho a fazer, no mar-azul, a sua guerra. Uma destas guerras privadas, particularíssimas. Normais, entre os alemães loucos, com a mania de andar ao mar. Não é verdade?

Ora, dentro dessa «era uma vez» do submarino, apareceu um dia um salvado. Um barco (inimigo?) perdeu tudo e até uma gaveta, onde viajava uma menina de um ano. Normal, não é?

Pois, a menina foi socorrida pelo O. W. e cresceu no submarino. Já tinha 20 anos, quando nós a vimos e o realizador também. Assim como nós, ás vezes, arranjamos massa para ir ao «nimas», o realizador arranjou uns tostões para comprar celulóide e vá de o impressionar. A nós não. Mas que tem isso? Spaak é um apelido que fica bem a qualquer Catherine. E aí está.

O resto é o fim.

T. da S.

• NO EUROPA

Título: «O QUARTO N.º 13»
Realizador: Alfred Vohrer, 1968 (Alemanha Oc.)
Intérpretes: Karin Dor, Joachim Fuchsberger, Richard Haussler, etc.

Os estúdios alemães continuam a exportar, em cópias dobradas nas mais diversas línguas, as abundantes e quase sempre muito mediocres películas policiais extraídas de romances do não menos prolixo Edgar Wallace. Com «Mistério até ao Fim» ou sem mistério nenhum, esta série continua a inundar os *écrans*, revelando uma galeria de figuras e actores que se repetem de filme para filme, sem imaginação, nem talento. Por vezes chega a parecer que as mesmas cenas, as mesmas situações, o mesmos «mistérios» passam textualmente de película para película. Eta falta de pudor artesanal, este atestados de pobreza criadora está mais uma vez patente em «O Quarto n.º 13», agora em exibição no cinema Europa.

L. A.

Festival Internacional de Folclore em Sintra

Com fins beneficentes a favor do Movimento Nacional Feminino — Conferências Femininas de S. Vicente de Paulo, realiza-se hoje, ás 21 e 30, no Parque Municipal Dr. Oliveira Salazar, em Sintra, com o patrocínio da Câmara Municipal e da sua Comissão de Turismo, um Festival Internacional de Folclore, sendo intervenientes os seguintes agrupamentos típicos: Folk Dance and Song Society (inglês), Rancho Os Saloios, de Maceira (Sintra), (adulto e infantil) e o Rancho Lavadeiras, do Sabugo.

Os bilhetes estão á venda na Comissão Municipal de Turismo, Restaurante dos Arcos — S. Pedro — e Tabacaria Cajú — Estefânia.

Nova carta a Lauro António

(Continuação da pág. anterior)

Virginia Woolf era a «mesma da fita?... etc. etc. Meu caro, deturpações e mistificações, ou mesmo «atenuações» censórias... se vamos a isso, nunca mais acabamos. Tudo dá lugar a tudo.

Agora, se me permite, vou-lhe dar alguns conselhos. Vêm a propósito da maneira como V. se «lança» a dar a sua resposta. Embora nisto 'de polémicas eu seja partidário de que vale tudo, até tirar olhos (desde que esteja circunscrito à matéria versada), há todavia algumas normas de ordem técnica que convém conhecer para não cairmos em armadilhas estupidas — Faço-o em nome da nossa mutua estima (esta minha aparente agressividade é apenas retórica).

1.º Saber distinguir os diferentes níveis de discussão

Você confunde-os todos. A maior prova é que cita um texto, assinado 'por alguns eminentes cineastas italianos, que V. julga que vem reforçar a sua posição contra a minha. Exactamente o contrário! Esse texto, tal como está redigido, eu próprio o assinaria sem hesitar, imagine! E sem receio de me contradizer! O texto adopta uma posição *filmológica* que é exactamente a minha, — nada tendo a ver com a *situação* cinematográfica em Portugal, — agora. Repare que o texto se insurge contra *qualquer* dobragem (incluindo a dum actor por si próprio), com o que eu, *filmológicamente*, concordo. Quando o actor se vai dobrar a si mesmo, dois ou três meses depois da cena filmada, o melhor da sua espontaneidade interpretativa perdeu-se, inevitávelmente. O que é mau para o estilo, tal como o recurso aos «efeitos sonoros estandardizados» que as cinematografias altamente industrializadas (como a italiana) impõem, por razões de economia e de ritmo de produção. Mas isso não tem nada a ver com o nosso caso. Portanto, meu caro Lauro António, a sua citação desse texto quer dizer simplesmete que V. não o percebeu. Isso é grave. Bom, mas por hoje já basta de prosa. Se V. não vir inconveniente, e como não quero ocupar demasiado espaço á hospitalidade amável do «Diário de Lisboa», deixo para amanhã a continuação desta carta.

ANTÓNIO DE MACEDO

Atrás do reposteiro

- *Já está formado o elenco feminino do Teatro Maria Matos. Compõem-no: Lourdes Norberto, Elvira Velez, Guida Maria, Cremilde Gil, Hermínia Tojal, Maria Alvim, Fernanda Montemor e Adelaide João.*
- *Termina no próximo mês a temporada de teatro a empresa do Estufa Fria.*

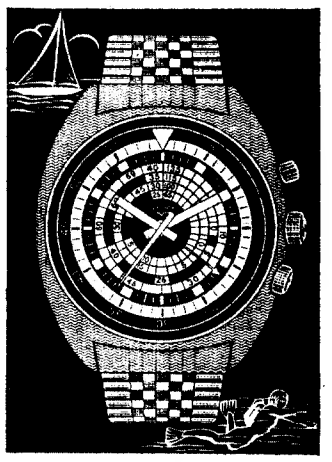
Logan's
Scotch Whisky de luxe
of White Horse

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES:
COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
RUA DO BONJARDIM 420 — PORTO
J. A. DA COSTA PINA, LDA.
RUA DO ALECRIM, 73 — LISBOA

NOITE DE PRÉMIOS NA
FEIRA POPULAR de LISBOA
O ESPECTÁCULO MAIS VISITADO POR SER O PREFERIDO
NOME OBRIGATÓRIO EM TODOS OS ROTEIROS DAS INÚMERAS EXCURSÕES QUE VISITAM A CAPITAL
ALEGRIA! DIVERSÃO! TRANQUILIDADE!
HOJE — MUITOS PRÉMIOS — HOJE
SORTEIOS:
10 prémios de 12 garrafas dos apreciados vinhos ROSAL e VERCOOP, oferta de JOÃO CAMILO ALVES, LDA. e da UNIÃO DAS ADEGAS COOPERATIVAS DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES
UMA PANELA DE PRESSÃO «PRESTO» oferta do BAZAR DA FEIRA, pavilhão onde as senhoras se esquecem das horas...
PARA O PASSATEMPO A VOLTA VISTA DA FEIRA VOTA-SE HOJE PARA A ETAPA LISBOA-GRÂNDOLA — O prémio oferta da conceituada firma ELECTROLUX consta de UM ESPLENDIDO FERRO ELÉCTRICO ELECTROLUX
E a MOTORIZADA CASAL, oferta mensal da importante organização METALURGIA CASAL, de Aveiro, também pode ser sua!
ENTRADA: 1$50 ABERTURA: 19 HORAS

VULCAIN
cricket
Nautical
HANNES KELLER matemático, perito submarino e recordista mundial; M. BRANDILY explorador e cineasta; e ARTUR DROZ, instrutor de mergulho, colaboraram com o VULCAIN na concepção deste inigualável relógio.
O QUE HÁ DE MAIS APERFEIÇOADO ESTÁ NELE REUNIDO



NENHUM OUTRO, COMO ELE, POSSUI:
* TABELA DE DESCOMPRESSÃO NO MOSTRADOR;
* TRIPLO FUNDO, única solução para a máxima garantia de sonoridade e impermeabilidade;
* DISPOSITIVO DESPERTADOR, para indicar o termo do tempo de mergulho e fazer comunicações, além da tradicional precisão VULCAIN.

VULCAIN NAUTICAL, O MELHOR RELÓGIO DO MUNDO PARA ACTIVIDADES SUB-AQUÁTICAS
Veja-o nas OURIVESARIAS E RELOJOARIAS

CECÍLIA CARDOSO
UM GRANDE ÊXITO NO
BICO DOURADO

NAZARÉ
HOJE 23 ÀS 22 H.
GRANDIOSA CORRIDA NOCTURNA, À PORTUGUESA
(M. 6 anos)
Cavaleiros:
JOSÉ M. CORTES
ALFREDO CONDE
GUSTAVO ZENKL
e o amador
SOMMER DE ANDRADE
Forcados:
AMADORES DO RIBATEJO
e
AMADORES ACADÉMICOS DE VILA FRANCA
7 LINDOS TOIROS
do J. Lima Monteiro e Herdeiros de Paulino da Cunha e Silva

CURSOS TÉCNICOS DE
DECORAÇÃO · PINTURA
ARTES DECORATIVAS
CERÂMICA · ESMALTAGEM
ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS
A PARTIR DE 15 DE SETEMBRO
ESCOLA PAIXÃO
AV. ALMIRANTE REIS, 58, 3.º E. — TELEF 5 27 26

EXTERNATO CONCHINHA
Praça das Flores, 31 — T. 690367
INFANTÁRIO-INFANTIL-PRIMÁRIA
FUNCIONA TODO O ANO
ABERTAS AS INSCRIÇÕES

Pensão Monumental
(Restauradores)
Magníficos aposentos.
Serviço de bom hotel.
Rua da Glória, 21
Tel. P. P. C. 36 98 07.

A LOTARIA DE ONTEM

NUMEROS PREMIADOS

45638 — 4 000 000$
24905 — 400 000$
43952 — 200 000$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

45637 — 15 875$
45639 — 15 875$

PRÉMIOS DE 10 000$00

914	2199	5476	6350	7260
9957	16374	18722	19755	20679
24842	29157	29457	30229	31078
36241	36531	38259	39287	41474
42040	44335	46115	47651	48273
51245	51391	51840	51876	53234
54959	57551			

PRÉMIOS DE CENTENA — 500$00

24901 a 25000; 43901 a 44000 e 45601 a 45700

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os numeros cujos três algarismos finais sejam 049, 230, 375, 529, 530, 615, 634, 702, 867 e 912, têm direito a 1 000$00 de prémio, em cada bilhete; aqueles que terminem em 45, 55 ou 83, a 500$00. Por ultimo, todos os restantes numeros cujo ultimo algarismo (terminação), seja 8, são premiados com 250$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

A Sorte Grande e o 2.º prémio foram vendidos aos balcões da Casa da Sorte.

A SORTE GRANDE
E O 2.º PRÉMIO
foram distribuídos aos balcões da
CASA DA SORTE
Veja anúncio na página central

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

2.º programa

«Os Campeões» e Frank Sinatra

O 2.º Programa tem esta noite um filme de aventuras da série «Os Campeões» no qual um «gang» descobre um processo engenhoso de desvendar segredos ultra-secretos, através duma nova e original técnica da espionagem. Porém, surgem «Os Campeões» (Stuart Daron, Alexandro Bastedo e William Gaunt) e a estes ninguém consegue enganar.

Pelas 22 e 50 é repetido o «TV Mundo» que no passado domingo apresentou Frank Sinatra e o seu memorável espectáculo.

Richard Kimble tem hoje a sua maior oportunidade de se ver livre do tenente Gerard...

«O FUGITIVO»

Enquanto os «suplícios» do dr. Kimble não acabam, os telespectadores podem ver mais um episódio movimentado desta série, habitual dos sábados, pelas 22 e 35.

«Vento Mau» é o título do filme desta noite com David Janssen, John McInure, Jeanette Nolan, Lonny Chapman, Tin McIntire, Bonne Beecher e Barry Norse. Realização de Joseph Sargent

«Richard trabalha com uma turma de empregados, na apanha da couve-flor, numa grande quinta agrícola. O tenente Gerard localiza-o e prende-o. Mas aproxima-se um furação e eles ficam retidos na quinta. Uma criança, filha de uma das empregadas, adoece gravemente e Kimble trata-a e cura-a. Parte do tecto dum barracão abate sobre o tenente Gerard e fere-o com gravidade.

Juventude no mundo

Álvaro de Sousa Pinto seleccionou três interessantes filmes que são projectados, pelas 19 horas, na rubrica Juventude no Mundo, com locução de Nunes Forte.

O primeiro, de origem alemã, intitula-se «Parque de Aves em Walsrode» e apresenta uma curiosa variedade de aves.

Segue-se uma curtametragem holandesa, «Salão Nacional de Ofícios», e «Um Novo Aquário» do Japão.

«Aventuras de Seas Pray»

Notas falsas

Mais uma série juvenil para encerrar o primeiro período televisivo de sábado.

Cerca das 20 e 30 é exibido um episódio de «Aventuras de Seas Pray», com Walter Brown, Susan Haworth e Gary Gray.

«O jornalista Wells descobre, ao largo da Austrália, um negócio de contrabando de notas falsas...»

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19: Abertura e Juventude no Mundo; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Diálogos de Sábado, 20: Teledesporto, 20 e 30: Série Juvenil Aventuras de Seaspray; 21: Telejornal; 21 e 35: Fados e Guitarradas por Deolinda Rodrigues; 21 e 55: TV 7; 22 e 35: O Fugitivo; 23 e 35: Volta a Portugal em Bicicleta, 23 e 50: Marcha do Mundo; 24 e 5: Fecho

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: «Os Campeões»; 22 e 20: Tempo Internacional; 22 e 50: TV Mundo 23 e 40: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa — 1.º Período** — Às 12 e 30: Abertura e Missa de Domingo; 13 e 5: Fecho; **2.º Período** — Às 19: Abertura e Desenhos Animados — Kimba; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Barreira de Sombra; 20 e 5: TV Rural — pelo engº Sousa Veloso; 20 e 35: Folclore; 21: Telejornal — inclui o Boletim Meteorológico; 21 e 35: TV Mundo — Herb Alpert; 22 e 30: Ladrão precisa-se; 23 e 30: Volta a Portugal em Bicicleta; 23 e 45: Domingo Desportivo; 24: Marcha do Mundo; 0 e 15: Fecho

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: TV 7 — revista dos principais acontecimentos da semana; 21 e 55: Noite de Cinema; 23 e 45: Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

FADOS E GUITARRADAS

A castiça fadista Deolinda Rodrigues volta aos estúdios da R. T. P., pelas 21 e 35, no programa «Fados e Guitarradas» para interpretar «Madragoa» de Frederico Valério, «Rosa Caída», «Gente de Alfama» de Linhares Barbosa e Casimiro Ramos, «Aquela Rua» de Raul Dias e Amadeu Rami. Acompanham-na à guitarra Acácio Rocha e á viola Amadeu Rami e Victor Ferreira. Realização de Henrique Pavão.

Deolinda Rodrigues, uma voz do fado, esta noite na TV

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 665 kc/s. — Às 16: Fim-de-semana; 17: Noticiário; 18 e 05: Musica de filmes; 18 e 15: Emissão infantil, por Madalena Patacho; 18 e 45: Vedetas «Pop»; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 45: Rádio Rural — Musica só musica, 20: Diário sonoro; 20 e 20: Diário da Volta — Actualidades musicais; 20 e 40: 9.ª Episódio do Folhetim «Amor Supremo»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Musica ligeira; 21 e 40: Serão para trabalhadores, transmitido da Voz do Operário; 22 e 30: Poesia, Musica e Sonho, por Miguel Trigueiros; 23 e 05: Reportagem do Circuito da Pista de Alvalade; 15.ª Etapa da Volta a Portugal em Bicicleta; 2: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 25: Musica de Haydn e Bruckner; 18: O maestro Karl Munchinger; 18 e 50: Musica de harpa; 19: Espelho de mil faces, por António Manuel Couto Viana; 19 e 22: Musica de tecla; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica de arco — Obras de Khatchaturian e Kreisler: 20 e 30: Ciclo de Melodias, 20 e 46: Três Danças Boémias (Smetana) — Orquestra Filarmónica de Oslo, dirigida por George Barati 21: Concerto prenchido com obras de Schumann e Ferdinand David; 21 e 45: O gosto pela musica, pelo dr João de Freitas Branco; 22 e 15: Musica Coral Sinfónica; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

2.º Programa (MF 21 — 94,3 mc/s. — Às 23: Intercambio musical — Concerto de Musica Belga Contemporânea — em gravações cedidas pela Radiodifusão - Televisão Belga; 23 e 30: Intervalo — Canções de Schubert — pelo barítono Dietrich Fischer — Dieskau — ao piano: Jörg Demus; 23 e 45: 2.ª parte — Sinfonia (Daniel Sternefeld) — Orquestra Sinfónica da Radiodifusão - Televisão Belga, dirigida pelo autor; 0 e 10: Trio em lá maior, op. post. (Brahms) — Trio Belas-Artes; 1: Fecho.

Às 19 e 10: Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 20: Canções de Portugal; 18 e 30: Lisboa á tarde; 9: Noticiário; 15 e 15: Robbialac; 19 e 30: Tatro trágico; 19 e 45: Rádio-Jornal; Entre as 20 e as 21: Hoje convidámos ..; 20 e 15: Orquestras famosas, 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Vozes que são êxito; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda, 0 e 02: «P B X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16. Da Philips para si; 16 e 15: Programa C. D. C.; 17: Noticiário 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura e noticiário; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Presença Singer; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 9 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Conjunto; 21 e 15: Só Rádio; 21 e 30: Viagens da nossa terra; 21 e 45: Hora Luterana; 22 e 02: Uma vedeta na noite; 22 e 15: O mundo de amanhã; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Programa Sumol; 18 e 20: Nota do dia, noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Diálogo com os que sofrem; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Noticirio; 20 e 55: Meditando; 21: Verdade e vida; 21 e 30: Musica e canções para o seu fim-de-semana; 21 e 45: Grande Plano; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Cartas a ninguém; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Sonodesporto; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 14 e 30 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 10 ás 12 e 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 12 ás 14 e 30

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Pelas 23 e 35 a R. T. P. apresenta um apontamento filmado sobre a etapa do dia da 32.ª Volta a Portugal em Bicicleta, com comentários do jornalista desportivo Amadeu José de Freitas

canal da crítica

DA FUTILIDADE À NECESSIDADE

Há exagero de futilidade na televisão portuguesa. Quando não é futilidade, é funcionalidade de diversa índole. Ambas as coisas determinam no crítico uma atitude de angústia: da futilidade, quase nunca vale a pena falar; da funcionalidade nem sempre é funcional falar. Dia após dia, a crítica à televisão processa-se em ambiente que tem muito a ver com o desespero de causa.

A PASSIVIDADE

Todos os aplausos vão, pois, melhor dizendo: irão, pois, para todas as tentativas tendentes a instalar a Televisão no campo dos problemas, tendentes a fortalecer a capacidade dos telespectadores de compreender e de actuar. A glória de qualquer televisão consiste na possibilidade de destruir — e não de aumentar — a passividade do publico. A Televisão não pode ser a papinha digerida para bebés mentais: tem de ser material vivo para gente adulta. O lado sério das questões tem um papel importante a desempenhar na Televisão.

A QUALIDADE

Desde que se procure quem saiba não apenas entendê-lo, mas enfrentá-lo em publico e reduzido a termos acessíveis a não especialistas. Haverá ainda quem se lembre dos textos lidos por Manoel Caetano antes da transmissão das óperas. Há uma diferença abissal entre *isso* e as palavras actuais de João de Freitas Branco A mesma diferença existe entre as palavras de Cruz ou Fialho e as de Cabral Valente. Por alguma razão Solnado faz rir lá onde outros não conseguem fazer sorrir. Essa razão tem uma palavra: qualidade.

ACTUALIDADE

Falar das crianças, dos seus problemas, dos seus desencontros com os adultos ou com a sociedade, é uma tarefa dificílima. Ao século em que vivemos há quem lhe chame «o século da energia atómica» enquanto outros o apodam de «século da criança». Isto porque os homens sabem hoje, ao vivo, que o verdadeiro pai do homem é a criança; sabem que é urgente fazer da humanidade a pátria dos meninos, já que nos meninos se localiza a pátria do futuro. Uma televisão posta ao serviço das crianças — eis a televisão verdadeiramente integrada no espírito do seu tempo.

A OBJECTIVIDADE

A tendência é procurar o melhor de tudo para as crianças. O melhor leite, o melhor brinquedo, o melhor abrigo, o melhor lugar. Esse mesmo princípio deve observar-se na Televisão, não apenas nos materiais destinados ás crianças, mas no esclarecimento, para os adultos, dos problemas infantis.

Eis porque, por um lado,

(Continua na 14.ª página)

Actualidade internacional

Vão ser reduzidos os efectivos da Marinha norte-americana

WASHINGTON, 23 — (F. P.) — O secretário da Defesa, Melvin Laird, anunciou na quinta-feira que, de harmonia com o programa de redução das despesas militares, que atingirá três biliões de dólares em Junho de 1970, a Marinha norte-americana começou a desarmar uma centena de navios.

Mas, ontem, o secretário da Marinha, John Chaffee, declarou que esta medida afectará o potencial da Armada, cuja capacidade de enfrentar crises subitas ficará diminuída. Chaffee acrescentou que os efectivos da Marinha vão ser reduzidos em 72 000 homens, o que representa uma economia de um bilião de dólares, seja, um terço da verba anunciada por Laird.

KURT GEORG KIESINGER inaugurou a campanha eleitoral com vista ás eleições gerais a realizar em 28 de Setembro, na Republica Federal da Alemanha. Entretanto, anuncia-se que a candidatura do partido da extrema-direita N. P. D. foi oficialmente admitida

SEGUNDO UM JORNAL ESPANHOL

OS CRÉDITOS CONCEDIDOS À MATESA PODIAM TER SOLUCIONADO O PROBLEMA DOS «BAIRROS DE LATA»

MADRID, 23 — (R.) — **Um grande escândalo financeiro**, envolvendo a alegada locupletação de créditos governamentais para exportação por parte de uma importante empresa de maquinaria têxtil, tem abalado este mês a Espanha.

Jornais espanhóis classificaram o caso como o maior escândalo económico durante o regime de 30 anos do generalíssimo Franco e exigiram explicações cabais durante uma campanha da Imprensa invulgarmente franca.

O caso deriva de créditos para exportação, totalizando 9 978 893 924 pesetas (cerca de 3 773 250 contos), concedidos pelo Banco de Crédito Industrial, fiscalizado pelo Estado, á Companhia Matesa (Maquinaria Textil del Norte de Espanha S. A.), como parte de uma campanha oficial para aumentar as exportções espanholas.

A Matesa negoceia teares sem lançadeiras, consideradas por técnicos como máquinas de primeira classe e básicamente um produto de primeira qualidade.

Sob a direcção de Juan Villa Reys, de 45 anos, um homem de porte atlético e o esteio dinâmico de uma família rica de Barcelona, a Matesa granjeou uma reputação de firma evoluída. Reys foi considerado como um dos mais importantes jovens industriais de Espanha.

Depois, há poucas semanas, várias acusações começáram a aparecer nos jornais espanhóis, indicando que nem tudo corria bem com os negócios da Matesa e circularam boatos de que Villa Reys, o seu irmão Fernando, o cunhado Manuel Salvat Dalmau e três outros administradores da Matesa se encontravam sob prisão.

O Governo quebrou o seu silêncio, após uma sessão do Gabinete, na estância de Verão da Corunha, no Noroeste da Espanha, que apreciou relatórios do ministro das Finanças, Juan José Espinosa, e do seu colega do Comércio, Faustino Garcia Monco.

Um comunicado oficial revelou que o Governo soubera de «possíveis irregularidades» nas actividades da Matesa e confirmara que a firma recebera créditos para exportações totalizando 9 978 893 924 pesetas.

Ao mesmo tempo, foi anunciado que os seis administradores da firma estavam presos e que o caso estava a ser investigado pelo tribunal especial espanhol que julga casos monetários e que realiza á porta fechada as suas sessões.

A Imprensa espanhola ficou indignada com o caso da Matesa, chocada não só pela alegada locupletação de créditos de exportação, mas pelas enormes verbas que foram postas á disposição de uma firma pelo Banco Oficial do Crédito Industrial, que foi nacionalizado em 1962. O director-geral do banco, José Gonzalez Robatto, demitiu-se já e foi substituído.

O influente jornal católico «Ya» pediu esclarecimentos sobre como a Matesa podia receber tão grandes créditos oficiais e o vespertino «Madrid» declarou que a Matesa recebera mais créditos para exportação do que qualquer secção da industria espanhola, incluindo a florescente industria da construção naval.

Outro jornal comentou que os créditos concedidos á Matesa podiam ter pago três grandes centrais de energia nuclear ou solucionado o problema dos «bairros de lata» e terem sido utilizados na construção de milhares de residências para operários.

Os créditos concedidos á Matesa igualavam os investimentos do Ministério da Agricultura num só ano — proclamava outro periódico.

Para além das
Uma nova GUERRA E PAZ
Lágrimas
Romance de
MICHAEL FARRELL
A LUTA DA IRLANDA PELA INDEPENDÊNCIA
e a atmosfera revolucionária,
a sagacidade social e psicológica deste romance único e dramàticamente actual, levaram a crítica responsável a emparceirá-lo com o DOUTOR JIVAGO de Pasternak e com o LEOPARDO de Lampedusa.
BEST-SELLER na Inglaterra, França e Alemanha, está já traduzido em todas as línguas cultas.
BREVEMENTE NA COLECÇÃO METAMORFOSES
EDITORIAL INOVA □ PORTO

SEVERAS DISPOSIÇÕES CONTRA AGITADORES NA CHECOSLOVÁQUIA

PRAGA, 23 — (R.) — O Governo checoslovaco anunciou hoje leis imediatas de emergência que aumentam em 50 por cento as sentenças para os perturbadores da paz.

Depois de três dias de manifestações e violência nas principais cidades do país, durante o aniversário da invasão por tropas do Pacto de Varsóvia, a ordem foi publicada pelo presidente Ludvik Svoboda, por Alexandre Dubcek, na suas funções de presidente do Parlamento, e pelo primeiro-ministro Oldrich Cernik.

As medidas de repressão, esta manhã publicadas em todos os jornais de Praga, estabelecem:

— Condenações a três meses de cadeia e multas de 5000 coroas, ou ambas as coisas para quem perturbar a paz.

— Um aumento de 50 por cento nas condenações por difamação da Republica, dos seus representantes ou do sistema socialista.

Quando a capital regressava lentamente á normalidade, a Polícia revelou que cerca de 1400 pessoas foram presas no dia do aniversário, na quinta-feira, quando a onda de violência anti-soviética atingiu o auge.

O elevado numero de prisões foi considerado como um indício das medidas severas por parte das autoridades, que têm acusado contra-revolucionários e elementos fascistas de provocarem as perturbações.

Circulavam notícias de se ter registado durante a noite nova vaga de violência em Brno, capital da Morávia e a segunda maior cidade da Checoslováquia. Em Brno, morreram três pessoas na quinta-feira.

As manifestações violentas provocaram, pelo menos, mais duas mortes, ambas em Praga.

Grandes contingentes da Polícia, apoiados por unidades do Exército, patrulhavam ontem ainda as ruas de Praga, mas quase todos os 100 tanques, que apareceram no auge das desordens, foram retirados até á hora de começar, de manhã, a ida para os empregos.

O jornal da tarde «Vecerni Praha» afirmava que muitas das pessoas presas tinham em seu poder navalhas, machados, «cocktails Molotov», pequenas bombas e cápsulas de gás lacrimogéneo.

O «Rude Pravo», órgão do Partido Comunista, declarava que alguns manifestantes usavam carabinas automáticas e comparava os perturbadores da ordem com aqueles que tentaram derrubar em 1956 o Governo hungaro.

Jornalistas presos no Brasil

RIO DE JANEIRO, 23 — (F. P.) — Um jornalista brasileiro, acusado de se entregar a actividades subversivas, foi preso em Porto Alegre (Estado do Rio Grande do Sul), quando se preparava para fugir para o Uruguai — segundo foi anunciado no Rio de Janeiro.

O jornalista, João António Miranda, seria membro de uma organização da extrema esquerda, o Movimento Revolucionário 26.

Por outro lado, vários jornalistas brasileiros, acusados de pertencer a organizações similares, continuam detidos mas unidades militares do Rio de Janeiro.

«MANIFESTAÇÃO» DE CÃES E GATOS

SANTIAGO DO CHILE, 23 — (F. P.) — Ladrando e miando, várias centenas de cães e gatos «manifestaram-se» junto da Embaixada da U. R. S. S. no Chile.

Alguns desconhecidos, pretendendo protestar contra a intervenção soviética de 21 de Agosto de 1968 na Checoslováquia, tinham distribuído grande número de panfletos, prometendo a compra de animais para experiências de laboratório. Os preços anunciados (50 escudos chilenos por gato e 100 escudos por cada cão — ou seja, mais ou menos, 125 escudos e 250 escudos, respectivamente, em moeda portuguesa) levaram muita gente a dirigir-se á morada indicada, que não era outra senão a da Embaixada soviética.

Desde o princípio da manhã, os guardas colocados á porta da Embaixada viram chegar, a pé, de autocarro e de táxi, dezenas de pessoas com cães e gatos. E, então, a desordem foi imensa: os «manifestantes» ladravam, miavam, batiam-se, enquanto chegavam mais pessoas, engrossando a onda dos vendedores de animais.

Estes ficaram muito decepcionados quando souberam que tinham sido enganados. Alguns tinham escondido cuidadosamente dos vizinhos o panfleto e tinham-lhes comprado a baixo preço um cão ou um gato, contando com o lucro.

Depois da dispersão da manifestação animal, verdadeiros manifestantes atiraram petardos contra as paredes da Embaixada e garrafas cheias de tinta vermelha.

Horas mais tarde, a Polícia restabeleceu a calma, mas, durante a noite, ainda se ouviam latidos e miados dos bichos, que, em grande parte, tinham sido abandonados na praça.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Boicotagem internacional à Bienal de São Paulo

SÃO PAULO, 23 — (F. P.) — Apesar da boicotagem dos artistas e críticos do mundo inteiro á X Bienal de São Paulo, esta abrirá em 27 de Setembro com a participação de muitas personalidades políticas brasileiras conhecidas pelas suas posições liberais e que se recusam a misturar «arte com política».

«O nosso unico objectivo é simplesmente a arte e os artistas. Nunca permitimos que a política tomasse qualquer lugar nas nossas manifestações de arte e na organização das nossas bienais», disse Francisco Matarazzo Sobrinho, presidente da Fundação da Bienal de São Paulo. Os membros do juri de selecção das obras são unânimes: «Esforçar-nos-emos por favorecer todas as promoções artísticas e continuaremos prontos a defender a liberdade de criação e de crítica Não aceitámos tomar parte na comissão de selecção senão depois de termos recebido as garantias mais formais de que não nos seria imposta qualquer censura e que não haveria qualquer ingerência do Governo ou da direcção da Bienal na nossa missão de selecção».

Os organizadores esperam que os artistas estrangeiros convidados voltem atrás na sua decisão de boicotagem. Matarazzo Sobrinho telegrafou aos artistas franceses dizendo-lhes: «Não consigo imaginar por um instante a realização da Bienal de São Paulo sem a participação da França».

O movimento de boicotagem internacional foi lançado pelo holandês Eduard de Wilde, director do Steelijk Luse Museum, tendo-se desenvolvido rápidamente depois de uma reunião, em Paris, dos artistas franceses, realizada em Junho, em que foram apresentados documentos relativos á repressão política no Brasil entre os meios artísticos. Nessa reunião, foi assinada por 321 artistas uma petição condenando a participação na Bienal. Suceder-se-iam decisões de abstenções vindas de artistas e críticos suecos, espanhóis, belgas, gregos, italianos e norte-americanos.

O crítico francês Pierre Restany, convidado a organizar uma exposição internacional no quadro da Bienal, sob o tema «Arte e tecnologia», apresentou a demissão.

Jacques Lassaigne, presidente da Bienal de Paris e da Associação dos Críticos de Arte, que tinha sido proposto para membro do juri internacional, foi declarado «persona non grata» pelo Ministério brasileiro dos Negócios Estrangeiros, por ser signatários de um manifesto de protesto contra as prisões políticas no Brasil e contra a supressão da Bienal da Baía.

Entretanto, alguns artistas mantiveram a sua participação: os ingleses Anthony Caro e John Hoyland, por exemplo por seu turno, o Governo francês já enviou tapeçarias, que serão apresentadas na inauguração da Bienal.

PERIGOSA CISÃO EVITADA EM ISRAEL

Após longos e fastidiosos debates, o partido trabalhista israelita conseguiu vencer as suas divisões. A cisão que o ameaçava foi evitada, graças a um compromisso entre o antigo grupo do Rafi, dirigido pelo general Dayan, e as outras facções do partido, que se tinham aliado todas contra ele.

No dia 15 deste mês, o ministro da Defesa dirigiu uma espécie de ultimato aos adversários. Declarou que só permaneceria no partido, sob três condições: a adopção de uma resolução sobre as «novas fronteiras» do Estado de Israel, a integração económica e jurídica dos territórios actualmente ocupados e a rejeição da resolução do Conselho de Segurança de 22 de Novembro de 1967, se esta dever interpretar-se como um convite á restituição da maior parte das regiões conquistadas, especialmente o Sinai.

Ignoram-se as garantias que Dayan conseguiu receber quanto a esta última exigência. Em todo o caso, ele supõe ter visto satisfeitos os outros pontos em litigio. Contudo, os termos do programa eleitoral do partido, que foi remodelado muito recentemente, são suficientemente ambiguos para deixar certa margem de manobra aos «moderados» se, na verdade, a partir de agora fica admitido o princípio do estabelecimento de «aglomerados judeus permanentes e de segurança» aos territórios ocupados, o certo é que estes territórios não ficarão automáticamente submetidos ás leis israelitas. Os governos militares terão apenas o direito de modificar, sempre que o julgarem necessário e nas questões em que o julgarem conveniente, a legislação árabe em vigor. Do mesmo modo, não procederão as autoridades a uma integração económica desses territórios e deverão contentar-se, por agora, com «coordenar» as duas economias, a fim de enfraquecerem os laços entre as regiões conquistadas e os outros países árabes. Quanto ás «novas fronteiras», prégadas pelo ministro da Defesa, não figurarão no programa escrito do partido, mas apenas na sua «plataforma oral», que será facultativa para os candidatos ás próximas eleições legislativas.

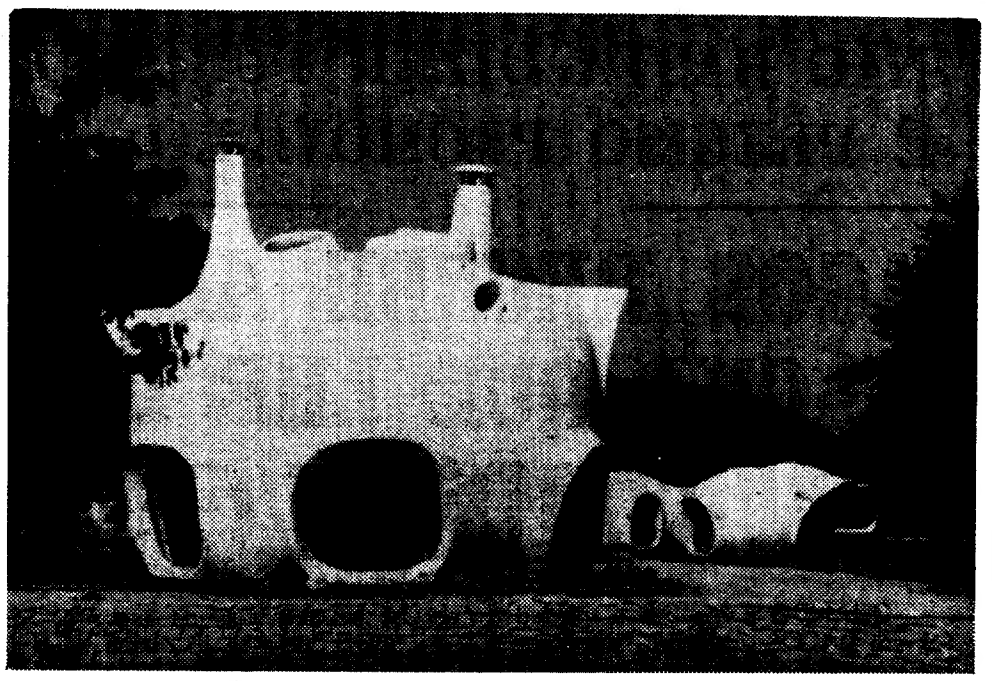
A delicada doseagem assim realizada responde, parcialmente, ás preocupações dos dois campos. Os adversários do general Dayan, que lhe censuravam o facto de manchar a imagem de Israel aos olhos do estrangeiro, conservam, em larga medida, a sua liberdade de manobra no plano diplomático; o ministro da Defesa poderá, por seu lado, fazer valer perante os árabes a afirmação de que Israel está decidido a não abandonar os frutos da sua vitória. Toda a complacência neste ponto pode acarretar, a seus olhos, o risco de endurecer a atitude dos Estados beligerantes e das populações ocupadas.

Contudo, este compromisso, como todos os compromissos, não é de natureza a dar satisfação plena aos anseios das facções em causa. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Abba Eban, terá mais dificuldade em convencer os árabes de que Israel não nutre «ambições expansionistas». O general Dayan não sai engrandecido desta prova de força. Uns e outros consideraram, porém, que as importantes concessões em que consentiram eram preferíveis a uma cisão que lhes traria graves prejuízos.

Na verdade, a retirada do general Dayan e dos seus amigos políticos do partido teria feito explodir a colisão governamental e teria arrastado os «moderados» para um temível jogo de promessas eleitorais, sem, por isso, lhes assegurar a maioria absoluta a que aspiram na próxima Assembleia. E o general Dayan, por sua vez — como ele próprio confessou — arriscar-se-ia a ficar á cabeça de uma formação minoritária e impotente. O ministro da Defesa preferiu então, ao que parece, apresentar-se como delfim natural do actual Presidente do Conselho, Golda Meier.

Um problema subsiste, no entanto: o partido socialista Mapam, membro da coligação, está descontente com as concessões feitas ao general Dayan. Dentro de dias, será chamado a pronunciar-se sobre a manutenção dos seus representantes no Gabinete. Se decidir pela negativa, a crise poderá voltar a explodir.

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)



MOTEL POUCO VULGAR — Viajantes numa das principais estradas de França deparam com este conjunto de edifícios algo estranhos, que não são mais do que pequenos apartamentos de um motel recentemente construído

A «atraente morena» era o filho do vigário

HORNING (Inglaterra), 23 — (R.) — Um vigário, sorridente, dirigiu-se, a noite passada, a uma atraente morena e consagrou-a vencedora do concurso de beleza local.

Contudo, o seu sorriso tornou-se amarelo quando seu filho, Harry, disse: «Obrigado, papá».

O reverendo Wynter Blathwayt contou, mais tarde, o estratagema do filho:

«Ao princípio, fiquei terrivelmente atrapalhado. Contudo, a partida foi muito bem pregada.

«Teria proibido Harry de concorrer, se soubesse. Meu filho vinha, porém, tão bem pintado e vestido, que fui completamente enganado, tomando-o por uma jovem.»

O titulo de beleza de Harry foi conferido á segunda classificada, Annette Goldring, de 18 anos.

Estação orbital para 12 homens

CAPE KENNEDY, 23 — (A. N. I.) — A agência espacial dos Estados Unidos — N.A.S.A. — tomou já disposições para o início do maior projecto espacial realizado pelo homem: uma estação orbital, para 12 homens.

Devem ser outorgados hoje, ás companhias McDonell Douglas Corp. e North American Rockwell Corp., ambas da Califórnia, contratos para estabelecerem os planos e desenhos preliminares dessa estação espacial.

Segundo o presidente da N.A.S.A., a estação deverá completar e aplicar o programa o projecto Apolo.

Este plano de aplicações foi já aprovado e tem sido financiado pelo Congresso. Destina-se essencialmente a manter homens, durante um a dois meses, em órbita terrestre. Estes realizarão experiências básicas, para verificarem como o homem suporta longos períodos no espaço e confirmar quais as actividades que pode levar a efeito.

Segundo a N.A.S.A., a estação poderá ser alargada, com a adição de módulos especiais, numa base capaz de suportar 50 homens durante o mesmo período de tempo, no fim da década de 1970 ou princípios da de 1980.

O que se pretende conseguir é que a base seja comparável a um centro terrestre de investigação e desenvolvimento, e poderá ser o ponto de partida de voos tripulados para outros planetas.

PETRONE SUBSTITUI SAMUEL PHILLIPS

WASHINGTON, 23 — (A. N. I.) — Rocco A. Petrone, de 43 anos, director de operações de lançamento em Cape Kennedy, foi ontem nomeado director do programa Apolo, sucedendo ao general Samuel Phillips, que em 1 de Setembro se torna comandante da organização de mísseis e voos espaciais da Força Aérea.

EXPROPRIADOS NO PERU TODOS OS BENS DE UMA COMPANHIA

LIMA (Peru), 23 — (F. P.) — O Governo peruano decretou a expropriação de todos os bens móveis e imóveis da International Petroleum Company — anuncia um comunicado oficial.

O Governo encarregou o Ministério da Energia e das Minas da execução do processo da expropriação. Os bens da companhia serão confiados á empresa nacional dos petróleos.

A medida de expropriação dos bens daquela companhia, tomada ontem á noite pelo Governo peruano, insere-se na política adoptada em Outubro ultimo quando foi nacionalizada a refinaria de Talara, propriedade da mesma organização.

Ao anunciar esta medida, o comunicado oficial diz que a expropriação nada tem a ver com os 690 biliões e meio de dólares que o Governo peruano reclama á International Petroleum Company, como pagamento dos direitos da exploração ilegal dos jazigos de La Brea e Parinas, no Norte do País, a que tem procedido desde 1924. Com efeito, o Governo peruano já anunciou que a companhia será indemnizada por esta expropriação.

Terminam assim os litígios com a I. P. C., o que não quer dizer que não surjam problemas nas difíceis relações entre o Peru e os Estados Unidos. Taylor G. Belcher, novo embaixador dos E. U. A. no Peru, entra amanhã em funções e já na segunda-feira deve chegar a Lima John N. Irwin, enviado especial do presidente Nixon.

A International Petroleum Company tem a sua sede em Toronto, mas a maior parte dos accionistas são estadunidenses.

Rejeitada a queixa contra Trudeau

VANCOUVER, 23 — (F. P.) — Foi rejeitada, por insuficiência de provas, a queixa por «vias de facto» apresentada contra o primeiro-ministro canadiano, Trudeau, por um jovem de 17 anos, Richard Bruce Jesmer. Este afirmava ter sido molestado por Trudeau durante uma manifestação.

O juiz de paz, Don Stewart, depois de ter ouvido várias testemunhas e agentes da Polícia, concluiu que as provas apresentadas pelo queixoso, «embora aparentemente sinceras, não são concludentes».

BOMBARDEAMENTO DE PROPAGANDA

TAIPÉ, 23 — (A. N. I.) — Mais de 900 mil granadas de artilharia foram disparadas pela China continental contra as ilhas da China Insular, depois do bombardeamento maciço ocorrido no dia 23 de Agosto de 1958 — anunciou hoje em Taipé um informador do Ministério da Defesa da Formosa.

O informador acrescentou que, em grande parte, as granadas continham panfletos de propaganda política.

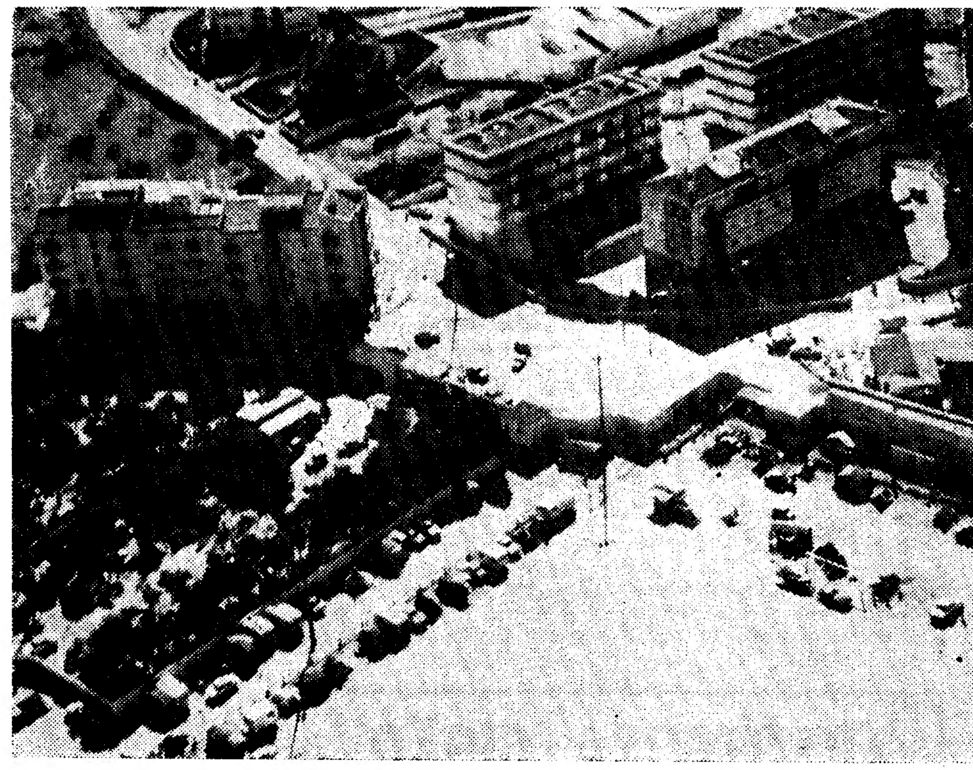
EXTERNATOS Av. da República, 83 77 90 47 • 76 96 20
CRISFAL
INSTITUTOS
LICEU — 2.ª ÉPOCA 3.º CICLO 2.º CICLO

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

NÃO BASTA DIZER TURISMO É PRECISO PROMOVÊ-LO . . .

LAGOS RECEBE AINDA A ÁGUA QUE LHE DEU D. MANUEL I (HÁ 500 ANOS!)

QUANDO o insólito é verdadeiro, as bocas abrem-se de espanto. Se for em LAGOS, abrem-se de espanto e de SEDE. Veja-se só que a ÁGUA (pouca) que por lá corre tem a nascente nessa corte, a um tempo renascentista e medieval, de D. Manuel I! Foi assim...



A zona urbanizada das terras altas de Lagos, com os seus blocos de apartamentos mobilados e o seu parque de campismo, o mais que tem são 6 horas (!) de água por dia, embora toda a rede de canalização tenha sido, obrigatòriamente, feita pela entidade particular. Só que a água oficial não chega lá...

DURANTE uns dias, o meu coração viveu tanto tempo, *sem água*, nas terras altas de Lagos que quis saber porquê (?).

Vi partir turistas que, atraídos pelo sol e pela areia branca do Algarve, acabaram, nas securas diárias, por ter tempo para pensar que, sem água, o mar deixa, no corpo, apenas sal.

Vi abandonarem o parque campistas que vinham por uma quinzena e não aguentaram a fome de água mais que três dias.

Vi uma família desistir da compra de um andar só porque, antes do mais, conforto é higiene.

Vi até um homem que dizia não se importar muito, mas ter vergonha dos olhares com que os estrangeiros o olhavam.

Além do que vi, ouvi muita gente. Os veraneantes acusam os hospedeiros. Os que vêm de fora sentem-se vítimas da propaganda. Os que têm lá casa queixam-se de terem sido obrigados a «puxar» a água, para não a terem. Os que estão lá de passagem encaram a mudança para outras paragens como um grande e higiénico alívio. Os que julgavam ter encontrado a praia para as suas férias consideram que, para o ano, as devem ir passar a outro sítio.

Apesar disso, o turista está lá, o que não há é TURISMO. Nem turismo, nem água. Porquê? De quem é a culpa?

REPORTAGEM POR TAVARES DA SILVA

O AQUEDUTO

Não há como quem saiba, para nos dizer tudo. E quem nos fez a grande revelação foi o sr. Valarinho, um homem que está há 42 anos nas Águas de Lagos. Quando ele chegou lá (é natural) a água (de hoje) dava para três dias e ainda sobrava. Neste momento, só dá para o centro da cidade e mesmo assim...

— *Porquê, sr. Valarinho?*

A resposta veio exacta, certa, documental e, ainda por cima, estava-lhe na ponta da língua:

— *Olhe, é assim. A nascente está a três quilómetros da cidade. Tem um furo de onde se tiram 150 metros cúbicos por hora. Daí passa ao aqueduto e, por tubagem de 350 milímetros, com a diferença de nível de 80 centímetros...*

(Uma interrupção para explicar que, sendo assim, a água corre sem velocidade e, logo, o resto da resposta entrecortada).

— *...cai na Central elevatória, onde há uma série de quatro electrobombas que a bombeiam para a cidade. Porém, antes disso, a água é elevada para depósitos, a cerca de 36 metros de altura, cuja capacidade é de 600 metros cúbicos.*

Uma segunda interrupção, para corrigir, com a grande ternura que têm pelas coisas os homens que, há muitos anos, com elas trabalham, e o sr. Valarinho revela:

— **Bem vê, o pior é que, no Aqueduto há perdas grandes. Dos 150 metros cúbicos apenas se recolhem aí uns 100. É natural. O Aqueduto vem já do tempo de D. Manuel I.**

— **Primeiro?**

— **Sim, senhor, o Aqueduto e a Mãe-d'Água têm tempo que vai para 500 anos!**

E, com um orgulho que põe em risco o turismo, mas salva a História, concluiu:

— *A Mãe-d'Água, ali, no Paul da Abedoeira, tem inscrições tão antigas que bem mereciam o interesse dos arqueólogos.*

Na verdade, é assim. Não fosse o tempo envelhecer os monumentos e pô-los fora de uso ou em utilização precária, e tudo estaria certo com a velha Mãe-d'Água de Lagos.

HÁ 3 ANOS

Ao falar com o sr. Valarinho, eu já sabia que, há muito tempo, se arrasta já o processo-água, na cidade das primeiras praias do Barlavento algarvio.

Só o projecto, por razões que não se percebem, demorou, a um engenheiro, três anos a ser elaborado. Ora, TURISMO não se compraz com esperas injustificáveis. Alguém, durante este tempo todo, tentou saber as razões da demora? Parece que não. Mas há aí alguém que o possa confirmar?

— Mas, sr. Valarinho, como está, neste momento, o caso da água?

— *Bem, parece-me que, antes de um ano, lá para Junho ou Julho de 70, a coisa está, ou pode estar, feita.*

E passou a contar, com a riqueza de técnico, o que já está feito e o que falta fazer. O primeiro é pouco; o segundo muito — mas há quase um ano para emendar o que tanto se atrasou, deixando, por assim dizer, nascer uma obra de turismo antes de estar feita a sua indispensável infra-estrutura.

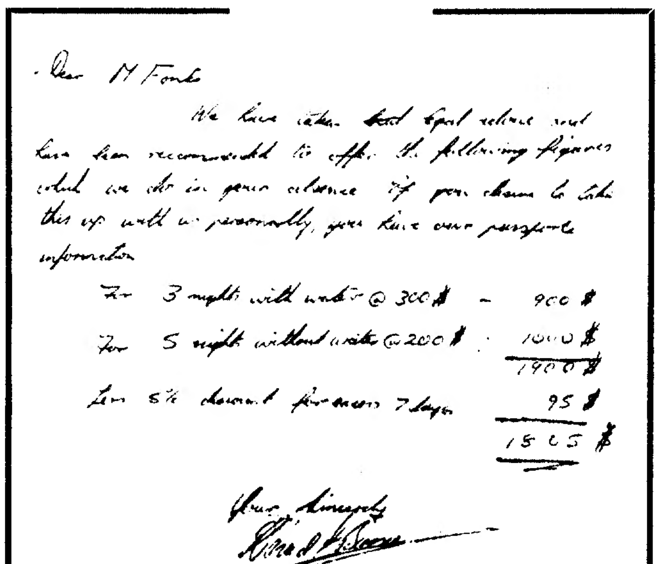
— *Os Serviços Municipalizados adquiriram um terreno, junto da estrada nacional para Lisboa, a cerca de 3 quilómetros de Lagos, nas Portelas. Já lá estão 5 furos, a 3 metros de profundidade, que podem «atirar» 740 metros cúbicos de água, por hora.*

Em números redondos, (740 por 24) 17 mil metros cúbicos por dia. Uma fartura. Perante o que hoje se passa: um dilúvio.

— *Agora, o que mais demora vai ser a obra da nova central elevatória, das condutas e dos edifícios necessários: casotas para as electrobombas e depósitos — para já, um de 3500 metros cúbicos, junto à volta do Garroxo, na estrada para Lisboa.*

— Mas demorará muito tempo, sr. Valarinho?

— *Nunca se sabe.* — disse.


Dear M Fonte

3 nights with water @ 300$ — 900$
5 nights without water @ 200$ — 1000$
1900$
95$
1805$

Entretanto, a Água (ou melhor: a falta de água) de Lagos dá problemas, como os que esta carta traduz, de dois estrangeiros que apontam as razões da sua, voluntária e pessoal, alteração de preços, na seguinte carta: «Caro Sr. Fontes: Acusamos a recepção da carta de V. e passamos a fornecer os preços solicitados. Se contactar pessoalmente connosco trataremos do assunto do pasaporte: 3 noites com água, 900$00; 5 noites sem água 1000$00. Soma 1900$00. Desconto de 5 por cento por sete dias de estadia 95$00. Logo 1805$00.» **Quer dizer que a falta de água fez o preço**

E, cautelosamente, o sr. Valarinho acrescentou:

— *Para já, o primeiro concurso está aberto. Dados aqueles prazos obrigatórios, a coisa vai. O anúncio já foi afixado. E é assim:*

«Faz-se público que, no dia 1 de Outubro de 1969, pelas 15 horas, na Câmara Municipal, perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para arrematação da empreitada de fornecimento e montagem do equipamento electromecânico da Central elevatória de água L. F. 1, destinada ao abastecimento da cidade de Lagos. Para ser admitido ao concurso é necessário: Possuir o alvará de empreiteiro de obras públicas da 5.ª subcategoria da V categoria (ou da 8.ª subcategoria da VI categoria), 1.ª classe ou superior (quando o valor global da empreitada for igual ou superior a 250 000$00); Fazer na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, ou, ainda, na Tesouraria dos Serviços Municipalizados de Lagos, o depósito provisório de 7500$00 (sete mil e quinhentos escudos) mediante guia passada pelo próprio concorrente segundo minuta anexa ao programa de concurso, e á ordem da Câmara Municipal, em qualquer dia útil durante as horas de expediente. O depósito definitivo será de 5% (cinco por cento) da importância da adjudicação. A indicação exterior, a apor no sobrescrito que encerra a proposta de preço e restantes documentos, será a seguinte: «Proposta para execução da empreitada de fornecimento e montagem do equipamento electromecânico da central elevatória de água L. F. 1, a que se refere o anúncio datado de 11 de Agosto de 1969». O programa de concurso, caderno de encargos e o projecto, estão patentes todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Secretaria da Câmara Municipal, na Direcção de Urbanização do Distrito de Faro e na Direcção dos Serviços de Salubridade, na Rua Conde Redondo, n.º 8, em Lisboa.»

— E o segundo concurso, sr. Valarinho?

— *Esse, para que a coisa dê para lá antes do próximo Verão, precisa de ser aberto dentro de pouco tempo. Para isso, é preciso que o Caderno de Encargos venha (saia) da Direcção dos Serviços de Salubridade.*

Pelo jeito que as coisas, ás vezes, tomam, quando será? — escusamos de avisar que a pergunta é nossa.

ATÉ 7000 CONTOS

Uma última pergunta.

O sr. Valarinho prontificou-se a responder.

— Por quanto orça a obra?

— *Bem, esta primeira fase vai até aos 4000 contos. Mas, tudo-tudo atinge os 7000 contos.*

— Há comparticipação do Estado?

— *Há, sim, senhor. Mil e quinhentos contos, divididos por 3 anos. Trezentos, trezentos e, em 1971, novecentos.*

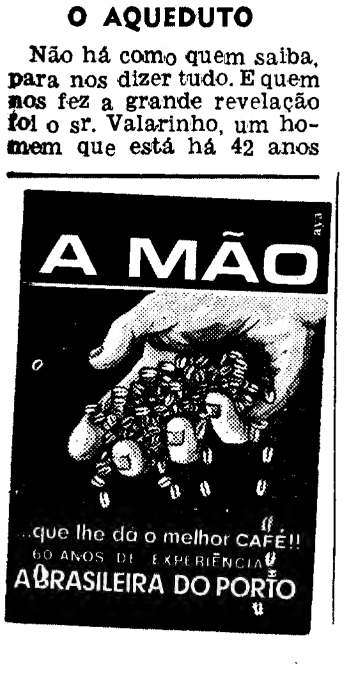
E, aqui está a marcha oficial da ÁGUA, em Lagos. Fazer agora. Pagar depois. Enquanto isso, particularmente, o Algarve cresce, a pronto e a prestações, em todos os sentidos.

Já depois da conversa feita, o sr. Valarinho ainda tinha alguma coisa para defender na grande obra medieval:

— A nova conduta vem por um local diferente da do Aqueduto de D. Manuel I. Mas esse não será destruído, pois a água que por ele corre, no Inverno, talvez ainda dê para Lagos.

Assim seja, pelo menos.

A seguir:
LEI ESCONDIDA COM O RABO DE FORA



CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Operações
BANCO DO ALE...

INGLATERRA E ESCÓCIA
— EM AVIÃO E AUTOCARRO —
12 dias de viagem — 6.950$00
PARTIDAS SEMANAIS — AO DOMINGO
ATÉ 1 DE SETEMBRO
Programas e Inscrições:
CAPRISTANOS / CITIRAMA
LISBOA: Av. Duque de Loulé, 47 A — Tel. 560171

«HÁ GRANDE CONFUSÃO A RESPEITO DE FOLCLORE TORNADO FONTE DE RECEITA PARA MUITA GENTE»

— opinião de um dos nossos entrevistados a propósito do «Dia Mundial do Folclore»

O «Dia Mundial do Folclore» decorre hoje, sem que as entidades ligadas à actividade folclorista do nosso País o tenham divulgado de forma concreta, objectiva. Isto, quando em Portugal tanto se fala do nosso Folclore e da sua riqueza.

É curioso que, pensando assim, «para assinalar o Dia Mundial do Folclore, o Liceu Literário Português do Rio de Janeiro promova o I Festival do Instituto Luso-Brasileiro de Folclore, no qual colaboram o Centro de Estudos de Música Brasileira, da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de vários grupos folclóricos brasileiros e portugueses». **O que, entre nós, não se disse, chega-nos, por via brasileira, com o toque lusitano...**

Mas o que é Folclore? Que actividade tem, hoje, o seu Dia Mundial?

Falámos com quem nos pôde dar uma razão, uma definição e uma lógica para esta ocorrência que parece, no nosso País, ter passado despercebida ou desinteressada.

● FERNANDO LOPES-GRAÇA: «Folclore organizado não é folclore, é comércio!»

Figura inconfundível de criador e de investigador musical, um dos poucos nomes que se impuseram além-fronteiras ao respeito e á admiração dos apreciadores de música sinfónica, Fernando Lopes-Graça levou a cabo, com Michel Giacometti, uma obra de recolha de folclore autêntico, que perdurará como uma das pouquíssimas realizações válidas nesse vasto campo de conhecimento humano. E, porque se dedicou ao folclore de uma maneira séria, escrupulosa, desinteressada, Lopes-Graça não pode estar de acordo com mistificações:

— Sabe se Portugal assinala o «Dia Mundial do Folclore»?

— *Não percebo, sequer, o que isso seja. A mim, parece-me desde já tratar-se de uma «coisa» muito fol-*

(Continua na 12.ª página)

A FORÇA DO POVO COMO TRADIÇÃO

Sabe-se que o folclore sendo, como é, um capítulo da etnografia, tem por objectivo o conhecimento do homem integrado num determinado meio, mercê da análise das suas múltiplas actividades que vão desde a culinária ao bailado, da poesia à execução dos instrumentos de trabalho, do aproveitamento dos tempos de ócio, às condições das tarefas profissionais.

A vulgarização do termo, porém, implicou alguma viciação dele na medida em que o limitou a determinadas funções. Funções onde, por vezes, nada, ou quase nada, existe de autêntico folclore. Ao entrar no circuito comercial ou de propaganda política, o folclore perde autenticidade de raiz, não é mais do que a macaqueação de gestos e palavras sem nenhum contacto com o meio onde vivem os seus praticantes. A este respeito, muito haveria a dizer sobre os «ranchos folclóricos» existentes no nosso País, alguns dos quais com frequência se deslocam a Lisboa para gáudio do alfacinha de gosto deformado pelas marchas dos santos populares.

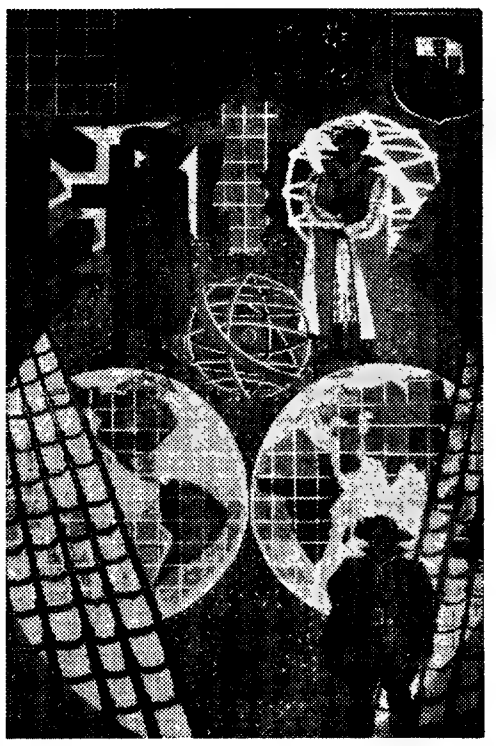
De qualquer modo, para além do bailado e do trajo, o público, quando se refere a folclore refere-se ao canto, à música e à poesia populares, com especial incidência para a música.

Sabe-se como a música ligeira procura hoje, em muitos países, a sua posição, a sua responsabilidade. Procura integrar-se numa como que tradição, tomando-se aqui como tradição a força do povo no tempo. Os ingleses, os americanos, os brasileiros, os franceses, etc., buscam e encontram diferentes vias para a responsabilização e enraizamento da sua música ligeira. Da nossa vizinha Espanha sabemos como é vasto o campo de pesquisa nesse domínio. Mesmo entre nós, o movimento de justificação da música ligeira numa tradição nacional processa-se com as perplexidades e as dificuldades que se conhecem. O simples facto da sua existência, porém, é um sinal positivo do cansaço do público pelas formas mais convencionais da canção dia a dia lançada no circuito comercial. E talvez mais importante do que a realização de congressos e festivais folclóricos fosse a divulgação das obras de tantos estudiosos da canção portuguesa — um Fernando Lopes-Graça, um Tomás Borba, um António Joyce, um Rodney Gallop, etc., etc.

Se tais congressos e festivais, porém, são uma fatalidade, esperemos que deles resulte um mínimo de vantagem de conhecimento do homem, como objectivo que é da própria actividade folclórica. Oxalá neste do Rio de Janeiro possamos contar com um mínimo de autenticidade — embora seja natural, que a maioria das pessoas, habituadas a pensar nestes problemas, encare com cepticismo a possibilidade de a iniciativa em questão preencher as condições que Fernando Lopes-Graça, encontra na arte popular:

Companheira da vida e trabalhos do povo, a canção segue-o do berço ao túmulo, exprimindo-lhe as alegrias e as dores, as esperanças e as incertezas, o amor e a fé, retratando-lhe fielmente a fisionomia, o género de ocupações, o próprio ambiente geográfico, de tal maneira ela, a canção, o homem e a terra, onde uma floresce e o outro habita e ama e crê e sonha e a que entrega por fim o corpo, formam uma unidade, um todo indissolúvel.»

Glorificação da Matemática portuguesa ao serviço da Nação e da epopeia nacional



Evolução da Matemática Universal desde os seus primeiros passos até aos nossos dias

Estão concluídos os painéis executados por Almada Negreiros na Faculdade de Ciências de Coimbra

COIMBRA, 23 — Quando da inauguração do moderno edifício da Direcção e Secção de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade não estavam ainda pintados os painéis a fresco, no átrio, por motivo de doença de Mestre Almada Negreiros, embôra já estivessem feitas as respectivas «maquettes». Só mais tarde aquele artista pôde realizar o seu trabalho, que já cocluiu, constituindo os dois painéis, magníficas obras de arte que ficam a enriquecer o património artístico da Universidade, perpetuando ali o nome do grande artista português.

*

A memória dos painéis foi feita pelo prof. dr. José Bayolo Pacheco de Amorim, e representa, o do lado esquerdo «A Matemática Portuguesa ao Serviço da Epopeia Nacional. A Escola de Sagres. Pedro Nunes. A Astronomia. A Cartografia. A Marinharia. O Conhecimento da Terra «Fernão de Magalhães»; e o do lado direito: «A Matemática desde os Gaudeuse Egípcios até aos Nossos Dias. Encontro com os Árabes na Península. A Descoberta do Mundo. Newton, a matematização do conhecimento. Visão Matemática do Mundo Moderno. O Cálculo Mecânico Electrónico».

Pretendeu o autor da memória que o primeiro painel fosse a glorificação da Matemática Portuguesa ao serviço da Nação e da epopeia nacional. No segundo painel procurou a evolução da Matemática Universal, desde os seus primeiros passos hesitantes, dispersos até aos nossos dias, acentuando os três períodos fundamentais para a História da Matemática Universal.

O trabalho de Mestre Almada Negreiros mereceu do prof. José Bayolo Pacheco Amorim as seguintes palavras: «Com a marca bem viva do seu estilo inconfundível, Almada Negreiros oferece-nos uma interessante interpretação do programa que lhe dei para os «frescos» do edifício da Matemática de Coimbra».

POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA

A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257, com mais de meio século de existência.

ões de Bolsa
ALENTEJO

EXCURSÃO À TERRA SANTA

Excursão em avião a jacto e «autopullman» — 14 dias de viagem — ITÁLIA, ISRAEL e GRÉCIA. Partida a 15 de Setembro. Preço tudo incluído — 13 950$00

Mais uma Excursão - Sucesso da AGÊNCIA ABREU — desde 1840
LISBOA
Av. da Liberdade, 160
PORTO — Av. dos Aliados, 207
COIMBRA — Rua da Sota, 2

NOVO CASINO ESTORIL

AMANHÃ
«MATINÉE», às 17 horas
NO
SALÃO RESTAURANTE
TSAI SISTERS
● FREDIANI BROTHERS
● NORBERTO MARTINHO
● BLUEBELL GIRL'S SHOW

MÚSICA PARA DANÇAR
SHEGUNDO GALARZA
E SEU CONJUNTO
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE
E SUA ORQUESTRA
(M. 17 anos)

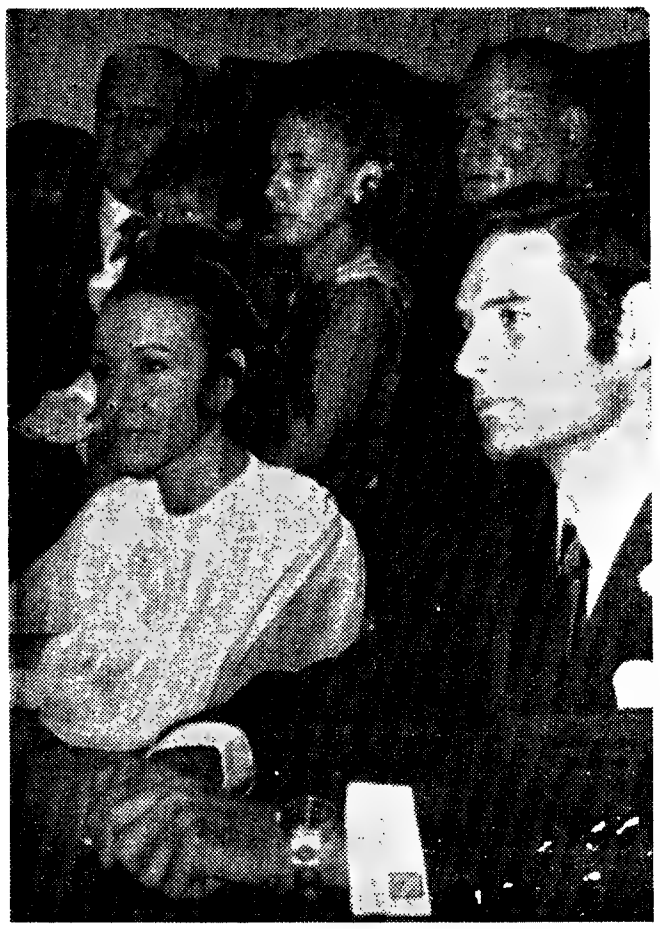
Preços
Chá completo: 40$ (taxas e impostos não incluídos)

No CINEMA
Hoje, às 17 horas
«MATINÉE» INFANTIL
(M. 6 anos)
e às 21.30
«A PEQUENA VIRTUDE»
(M. 17 anos)
AMANHÃ às 17 e 21.30
«DOCE NOVEMBRO»
(M. 17 anos)
Ambiente climatizado

OUTRA VEZ
OS 4.400 CONTOS
DOS
2 PRÉMIOS MAIORES
foram distribuídos nos BALCÕES da
CASA DA SORTE

Extracção de ontem:
SORTE GRANDE
45 638 — 4000 CONTOS
2.º PRÉMIO
24.905 — 400 CONTOS

É ASSIM A SORTE DA
CASA DA SORTE
A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS



Aspecto da cerimónia

CASOU-SE A LOCUTORA DA R. T. P. MANUELA PAULINO GOMES

Sorridente, mas não sabendo esconder o nervosismo, Maria Manuela Paulino Gomes, de 32 anos, locutora da R. T. P., uniu, hoje, o seu destino ao do dr. Luís Alfredo del Negro Feist, de 25 anos licenciado em Letras.

A cerimónia efectuou-se hoje, ao fim da manhã, na 10.ª Conservatória do Registo Civil, presidida pelo sr. Fracisco Diogo Nobre da Silveira. Apadrinharam o acto, por parte do noivo, seus pais, Henrique Feist e D. Maria Matilde del Negro Feist, e, por parte da noiva, o sr. Pedro José del Negro Feist irmão do noivo, e sua esposa, D. Maria Isabel Alvoeiro Feist.

Entre a assistência, colegas de Manuela Paulino e membros da administração da R. T. P.

Terminada a cerimónia, foi servido aos convidados um lanche em Montes Claros.

Vai ser assinado em breve um acordo luso-brasileiro de Previdência Social

RIO DE JANEIRO, 23 — (A. N. I.). — Terminaram no Rio de Janeiro as negociações para o estabelecimento de um acordo luso-brasileiro de Previdência Social.

Presidiram ás negociações, por parte do Brasil, o dr. Moacil Veloso Cardoso de Oliveira, e por parte de Portugal, o dr. Pedro Corte Real Pinto

Da delegação portuguesa fizeram parte os srs. dr. Mário Roseira, presidente da Comissão de Estudos de Convenções Internacionais do Ministério das Corporações e Previdência Social, dr. J. Lívio Borges, inspector superior da Administração Ultramarina, do Ministério do Ultramar, dr. Jaime Lança de Morais, da Caixa Central de Segurança Social dos Trabalhadores Migrantes, do Ministério das Corporações e Previdência Social

A delegação brasileira era constituida pelos srs. dr. Luís Assunção Paranhos Veloso, assessor do Chefe da Secretaria-Geral, João Nepumoceno Menezes Autran, secretário executivo da Secretaria de Seguros Sociais do Instituto Nacional de Previdência Social (I. N. P. S.), e secretário Maurício Eduardo Cortes Costa, encarregado dos Assuntos Portugueses da Divisão da Europa Ocidental, do Itamarati.

O ministro do Trabalho do Brasil lamentou a diminuição verificada na emigração portuguesa para o Brasil, e referiu o entendimento e amizade que existem entre os povos brasileiro e português.

O presidente da delegação portuguesa agradeceu as palavras do ministro brasileiro e lembrou que o Presidente do Conselho de Portugal, prof. Marcello Caetano, tinha, quando da sua recente visita ao Brasil, manifestado o desejo de que a comunidade luso-brasileira passasse de uma fase intencional a uma fase de realizações.

A delegação portuguesa sublinhou que era sua intenção tentar, com a delegação brasileira, coordenar as duas legislações de forma a que o trabalhador de qualquer dos países beneficiasse, no território do outro, de continuidade nos seus direitos de assistência médica, de pensão por velhice, por morte, por incapacidade e outros.

A assinatura do acordo resultante destas negociações deve verificar-se, em breve, na cidade de Lisboa.

O «DIA MUNDIAL DO FOLCLORE»

(Continuação da pág. central)

clórica... Não tinha qualquer notícia, na verdade, da existência de um «Dia Mundial do Folclore», e calculo que isso seja mais uma dessas manifestações absurdas, com base em ranchos. Pois bem: o folclore dos ranchos não é folclore! Eu interesso-me, sim, pelo folclore antropológico, e não pelo «turístico»

— Qual é, quanto a si, o valor real do folclore português?

— *Isso também esta dependente do que se entende por folclore... Não se pode dizer que o deturpado tem valor, e, por isso, o que o possui não é, certamente, o vulgar, o dos ranchos. Desse, aliás, não curo. O verdadeiro folclore é aquele de que as pessoas, geralmente, não gostam; é o do domínio da antropologia, da etnologia e das ciências afins; o que representa algo de profundamente humano e nunca de pitorescamente humano. Hoje, porém, lavra grande confusão no que diz respeito a folclore, tornado fonte de receita para muita gente... Esta confusão, aliás, surge em toda a parte, e não exclusivamente no nosso País. O folclore só pode ser visto onde está. Nos ranchos, tudo é artificial — puras manifestações fabricadas, que não existem na realidade sociocultural-popular.*

— Porque meios se processa (ou devia processar) a divulgação do nosso folclore?

— *Mas o folclore não é para divulgar! Limita-se a uma região, a um grupo étnico, e só pode falar-se em divulgação num sentido superior, como documento de estudo para a compreensão da psique do povo de uma dada região, do seu modo de ser. Por isso, folclore organizado não é folclore, é comércio!*

— Que pensa do folclore como fonte temática para compositores de música sinfónica?

É uma fonte temática que se encontra esgotada, actualmente. Praticaram-se muitos abusos... Hoje, as diferentes escolas libertaram-se disso, e fazem-se tentativas de conciliação entre a temática de raiz folclórica e os mais modernos processos de música. Trata-se de uma reabilitação do folclore como fonte informadora da composição musical. Durante décadas, houve, muitas vezes, um aproveitamento superficial da temática folclórica. Esse aproveitamento constituiu uma autêntica vaga, que surgiu em todos os países.

— Pode dar alguns exemplos desse mau aproveitamento da temática folclórica?

— *Não vale a pena dá-los. Houve méritos relativos, para além de tudo. A temática folclórica foi utilizada, pelo menos, durante cerca de 100 anos.*

— Quanto a si, quem melhor a utilizou?

— *Bela Bartok, sem dúvida. Foi o maior. Num grau muito menos elevado, também poderei citar Falla.*

● DR. JOÃO DE FREITAS BRANCO: «O folclore (como se faz na Hungria) devia ser ensinado nas escolas»

O musicólogo dr. João de Freitas Branco, ainda que não seja folclorista, encara o fenómeno como uma actividade que «decorre» a par da música. Logo, interessa-lhe, naturalmente o folclore-acto.

— Sabe se Portugal assinala, hoje, pela realização de quaisquer festivais, o «Dia Mundial do Folclore»?

— *Não sei. Oiço pela primeira vez falar disso.*

— Qual é, segundo a sua opinião, o valor real do folclore português?

— *Estou convencido que o nosso folclore tem um valor alto. Mas impunha-se fazer dele um estudo profundo e sistemático das suas raízes e características. Isoladamente, tem havido tentativas de sistematização, mas concreta e objectivamente, não há um trabalho divulgador seguro.*

— Porque meios se processa (ou devia processar) a sua divulgação?

— *Acho que os meios pelos quais se tem processado, tirando os tais trabalhos de séria sistematização (que aliás não chegam sequer ao grande público) tem sido através de más estilizações. Coisas de sentido oportuno e não de firme estrutura. O que se devia fazer, como acontece noutros países (na Hungria por exemplo) era levar o folclore ás escolas. O folclore devia ensinar-se de maneira séria. Na Hungria, onde estive recentemente, vi grupos escolares de rapazes e raparigas a conhecerem bem o seu folclore, as suas danças. Nós não temos nada disso e por que não?*

● DR. JOAQUIM DE MAGALHÃES: «O nosso folclore tem que ser estudado e depois divulgado»

O sr. dr. Joaquim da Rocha Peixoto Magalhães, reitor do Liceu de Faro, é um conhecedor do folclore da sua província. As suas respostas ao nosso pequeno inquérito são esclarecedoras.

— Sabia da passagem do «Dia Mundial do Folclore»?

— *Não, e julgo que nada se disse.*

— Qual é o valor real das manifestações do folclore português?

— *Não sei se acredito muito no folclore tal qual como ele se apresenta ou é apresentado. Os ranchos, por exemplo, são marcados á estilização.*

Ora, trabalhos sérios sobre folclore há os de Lopes Graça e Jacometi e mais nada. Eu, por mim, não acredito nos trajos, pelo menos, nem isso tem sido estudado convenientemente. A nossa realidade folclórica é uma contrafacção do verdadeiro folclore.

— Por que meios se procesa (ou devia procesar) a sua divulgação?

— *O folclore tem interesse, até turístico. Mas, eu digo que só a partir do estudo do fenómeno folclorista e da elaboração da sua história, é que se devia organizar e esquematizar a sua divulgação. O que se tem feito, tem carácter amador e não estamos já no tempo de entregar a amadores o que é definitivamente sério.*

● MARIA MANUELA COUTO VIANA: «O folclore nortenho, que considero riquíssimo, ainda não está totalmente explorado»

Poetisa e declamadora, Maria Manuela Couto Viana tem dedicado grande atenção ao folclore.

— Sabe se Portugal comemorou hoje, de alguma forma, o «Dia Mundial do Folclore»?

— *Não sei o que é, aliás, para mim, um caso bastante curioso. Cheguei agora de Viana do Castelo, onde está meu pai, Manuel Couto Viana, um dos iniciadores do folclore em Portugal, juntamente com o então presidente da Câmara, dr. Rocha Paris. Foram eles que organizaram a primeira festa do trajo. Mas a verdade é que ninguém me disse nada e a sua pergunta constitui, para mim, uma novidade*

— Em sua opinião, qual é o valor real do folclore português?

— *Só posso falar daquilo que conheço — o Norte. Este, conheço-o, posso aliás dizê-lo sem vaidade, profundamente. E isto porque desde pequena fui discípula de meu pai, que juntamente com Abel Viana, Francisco Lage e o dr. Cláudio Bastos, e outros etnógrafos, cujos nomes não me ocorrem, me obrigaram a «descobrir» toda essa riqueza folclórica do Norte, sobretudo de Viana do Castelo. Por tudo isso, considero riquíssimo o folclore nortenho, o qual, quanto a mim, ainda não está totalmente explorado.*

— Por que meios se procesa (ou devia processar) a divulgação do nosso folclore?

— *Isso suponho ser da competência da Secretaria de Estado da Informação e Turismo. No entanto, penso que cada Câmara Municipal pode, por seu lado, ajudar essa divulgação, a qual servirá não só os interesses locais, como também — e isso é mais importante — ajudará a aprofundar o conhecimento do folclore da sua região. E já agora pergunto: Porque não se fazem visitas ás terras donde são os agrupamentos, e onde os mesmos se poderiam exibir, no seu próprio meio, ou seja no terreiro, em vez de utilizarem os estrados, como é uso?*

● DR. PEDRO HOMEM DE MELO: «O programa da R. T. P. tem dado a conhecer todo o valor do folclore português»

Responsavel pelo programa de folclore da TV, programa esse de orientação muito discutível (e discutido), o dr. Pedro Homem de Melo foi apanhado de surpresa pelo nosso questionário, e, cheio de pressa, respondeu-nos:

— *Desconheço a existência do «Dia Mundial do Folclore».*

— Em sua opinião, qual o valor real do folclore português?

— *Tem a mesma autenticidade, variedade e multiplicidade tanto nas regiões do interior como nas do litoral.*

— Por que meios se processa (ou devia processar) a sua divulgação?

— *O programa da R. T. P., no norte, sobre folclore, tem dado a conhecer, a todas as camadas sociais, todo o valor do folclore português.*

E mais não disse.

● PADRE ANTONIO MARIA MOURINHO: «O folclore é um maravilhoso instrumento de aproximação entre os povos»

Pároco da freguesia de Duas Igrejas (Miranda do Douro), o padre António Maria Mourinho fundou, há 27 anos, o Grupo de Pauliteiros de Miranda. Homem que tem dedicado grande parte da sua inteligência e espírito de iniciativa ao folclore, o padre Mourinho é sócio de diversas associações de antropologia e etnologia.

— Portugal assinalou, hoje, o «Dia Mundial do Folclore»?

— *Devo dizer-lhe que não sabia, sequer, da existência de um «Dia Mundial do Folclore». Confudo, só vejo nisso vantagem, pois se existem «dias mundiais» de tanta coisa... por que não também do folclore?! Este, no dizer de Pio XII, é a alma funda das gerações Constitui, na verdade, um maravilhoso instrumento de aproximação entre os povos.*

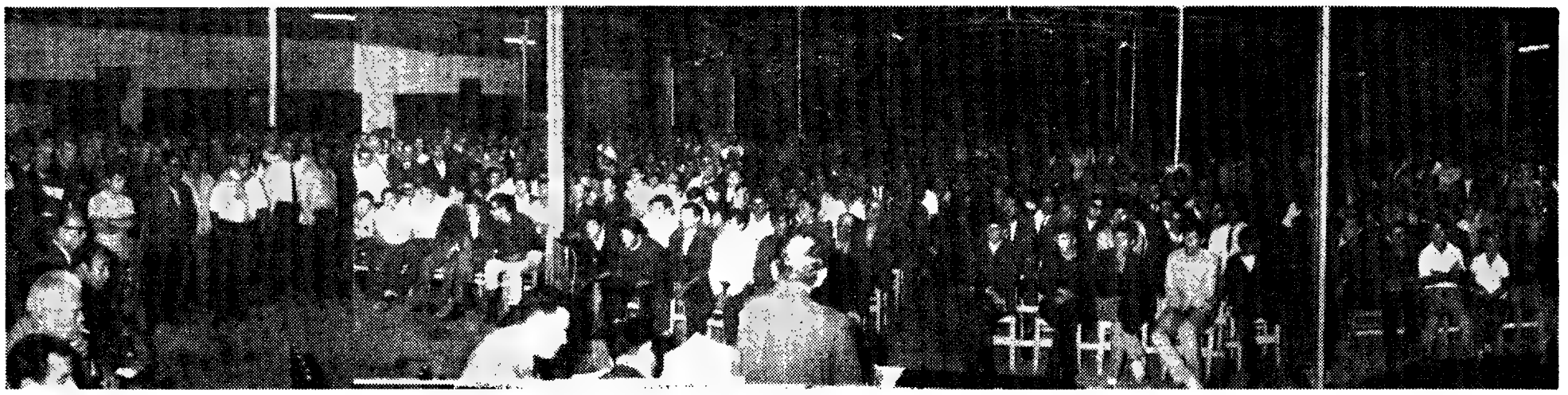
— Qual é em sua opinião, o valor real do folclore português?

— *É a alma do nosso povo, manifestada em toda a sua espontaneidade. Tenho verificado bem isso, no decorrer das inumeras investigações que levei a cabo. Olhe, há dias, por exemplo, numa dessas investigações, ao falar com duas velhotas de uma aldeia da fronteira, foi-me revelada uma canção em mirandês, que remonta do século XIII, e a musica era verdadeiro canto gregoriano, autêntico canto-chão. No folclore organizado porém, há muito que limpar, muito que extinguir. Os grupos quanto a mim, devem limitar-se a apresentar folclore verdadeiro, a seguir a tradição. O folclore, aliás, não evolui, o que evolui é a alma do povo, originando novas manifestações e nunca modificações nas já existentes. Olhe, o grupo dos Pauliteiros de Miranda, por mim fundado há 27 anos, tem mantido a sua integridade. Nada mudou. Nem o trajo, nem o repertório. Os numeros são executados hoje tal e qual como o eram há 200 anos.*

— Por que meios se processa (ou devia processar) a sua divulgação?

— *Por todos os meios de comunicação, e sempre com o cuidado de que o folclore mantenha a sua expressão própria. A melhor apreciação, contudo, é sempre a que é feita no local, na região. Mas não sou contrário ás digressões dos grupos, até porque elas constituem um estímulo para os elementos dos mesmos. E das viagens resulta um enrequecimento cultural de cada um desses elementos, que ficam com oportunidade para se instruir. Acho que aos grupos folclóricos, por outro lado, devia ser dado um auxílio maior, mais positivo.*

Olhe, e para dirigir um grupo é necessário coragem e competência, para nunca se cair em transigências susceptíveis de comprometer o verdadeiro, o autêntico folclore. Grupos há, na verdade, que de folclóricos (no bom sentido do termo), nada possuem!



Uma multidão entusiasta encheu o vasto pavilhão da Agricultura, em Santarém, para decidir a criação de um novo clube desportivo: União Desportiva de Santarém que herdará no campeonato nacional de futebol da 2.ª divisão a posição que era pertença do Sport Grupo Scalabitano «Os Leões», da capital do Ribatejo

UNIÃO DESPORTIVA DE SANTARÉM —O NOVO CLUBE QUE NASCEU NA CAPITAL DO RIBATEJO

Embora do respectivo registo (estatutos) conste a data de 22 de Agosto como a da fundação, foi, efectivamente, aos 24 minutos do dia 23 de Agosto de 1969 que nasceu, em Santarém, uma nova colectividade desportiva: a União Desportiva de Santarém.

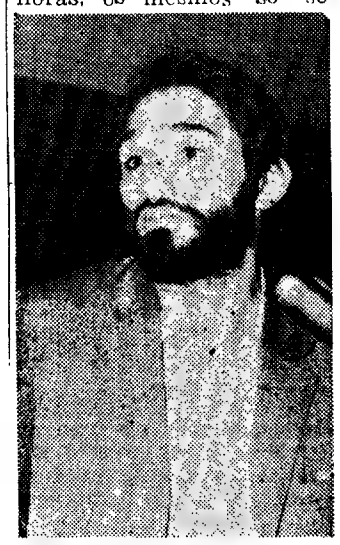
Com efeito, aproximadamente mil pessoas, as que se reuniram, ontem á noite, no Pavilhão da Agricultura da capital do Ribatejo, testemunharam e apadrinharam o novo clube, resultante da fusão dos já anteriormente existentes: Sport Grupo Scalabitano «Os Leões» e Sport Grupo União Operária. O terceiro clube que se espera venha a juntar-se aos que ora fundiram os seus destinos é o Grupo de Futebol dos Empregados do Comércio, que, aderindo á fusão em princípio, ainda não tomou uma decisão definitiva. A assembleia geral para tratar dessa questão foi suspensa na sua ultima reunião.

Ten. Rogério Soares, primeiro presidente da direcção do novel clube santareno

Marcado o começo dos trabalhos para as 21 e 30 horas, os mesmos só se iniciaram cerca de três quartos de hora depois, apesar do amplo recinto apresentar desde muito cedo, um formidável ambiente de entusiasmo. E foi num clima de premente expectativa que o eng.º Edmundo Vaz Mourão tomou a presidência da magna assembleia, vendo-se também na mesa o presidente da Comissão de Estudos da Fusão, tenente Rogério Cordeiro Soares que viria depois a ser eleito o primeiro presidente da direcção da nóvel agremiação.

E depois de, por proposta do presidente da mesa se ter respeitado um minuto de silêncio em memória de Alfredo da Silva Leitão, um dos mais entusiastas defensores da unificação dos clubes desportivos scalabitanos, e que foi correspondente do «Diário de Lisboa» em Santarém, entrou-se na discussão de «questões prévias» não incluídas na «agenda».

Terá sido este o período mais agitado da reunião. Vários oradores intervieram, interrogando, fazendo sugestões, buscando esclarecimentos. E surgiu o primeiro momento de efervescência quando foi posta á mesa uma questão subscrita por José João Louro e mais três santarenos: «*Qual a posição da Camara Municipal em relação ao novo clube? Serão afectados os interesses e a capacidade desportiva dos já existentes que, porventura não adiram á fusão?*»



JOSÉ JOÃO LOURO

Veio o esclarecimento: «*não serão alienados os interesses de quem quer que seja. Evidentemente que a Camara apoia o princípio da fusão e para esta torna-se mais fácil com um só clube. Mas, as colectividades que não aderirem ao movimento não serão prejudicadas. Porque iriam sê-lo?*» — *pergunta-se.*

Entretanto, Miguel Pereira pediu a palavra e um sussurro perpassou pela ampla sala. Interrogou: «*Por que motivo se não fez representar o presidente da Camara Municipal de Santarém numa reunião tão importante e decisiva para a vida desportiva da cidade?*»

E depois:

«*Sou pela fusão, mas precisamos de ter bases sólidas da parte de quem tem responsabilidades neste distrito e concelho de Santarém.*»

A intervenção imediata do tenente Rogério Soares teve o propósito de justificar a ausência dos representantes das autarquias locais, só devida á falta do respectivo convite, da Comissão de Estudos, que lamentávelmente, olvidou esse pormenor.

E depois de historiar a ideia da fusão (que já vem de há muitos anos) o orador leu parte da entrevista concedida ao «Diário de Lisboa» pelo presidente da edilidade scalabitana e pela qual ficava bem definida a posição do Município particularmente no que se refere á construção de um importante complexo desportivo.

Outros oradores se seguiram. Discutiram-se questões de pormenor, foram apreciadas as bases fundamentais da fusão e novamente a sala voltou a vibrar quando o sócio n.º 2 da União Operária depois de declarar, em princípio, discordante da unificação dos clubes santarenos afirmou: «*Mas antes prefiro aceitar uma fusão do que ver encerradas as cores do meu clube.*» Uma trovoada de aplausos acoou pela ampla sala sublinhando as ultimas palavras.

Aprovada por aclamação a criação de um novo clube em Santarém surgiu o momento do baptismo. Várias sugestões foram feitas, mas prevaleceu a inicial, proposta pela Comissão de Estudos: União Desportiva de Santarém.

Já a noite ia alta quando a reunião terminou. Santarém dera um importante passo em direcção ao seu futuro desportivo. Unira-se em busca da força que lhe tem faltado. Conseguí-la-á? A avaliar pela euforia que se observava, tudo leva a crer que sim. No entanto...

«O fenómeno das massas subordina-se a princípios fundamentais» — disse-nos, depois o eleito presidente da direcção, tenente Rogério Soares — e dos êxitos iniciais no plano desportivo poderá depender a vida futura da União Desportiva de Santarém. Para que a ideia vingue torna-se necessário um começo auspicioso.

JOSÉ PIRES

OS PRIMEIROS DIRIGENTES

Assembleia geral—Presidente, dr. Virgílio Arruda; secretários, João Martins e José Carlos de Oliveira Sollas.

Conselho fiscal — Presidente, José Soares Lopes; secretário, António Pires Brás; vogal relator, Vicente Martinho Rodrigues. Suplentes, Lizet de Melo e Talmo Teixeira Pereira.

Direcção — Presidente, tenente Rogério Cordeiro Soares; vice-presidente, eng.º Edmundo Vaz Mourão; secretário-geral, Jaime Guedes de Sousa Varela; secretários, Instalações Sociais-Manuel Amaral, Assuntos administrativos-Eduardo Baptista Cardoso, Futebol profissional-José Augusto Neves Trindade; Actividades desportivos - José Cardoso; vogais, futebol profissional, João José Figueiredo, David Jacob e Lucio Segurado; pesca desportiva, Manuel Mendes; ténis de mesa, Joaquim Pereira. Suplentes: Celestino Vieira, António Neves Trindade, José Melro Esteves Cardoso, Leonel José de Figueiredo, António Fernando Correia Melancia e Jorge Telmo de Araujo.

Não foi preenchido o cargo de tesoureiro, pelo que se prevê seja um suplente chamado a desempenhar aquelas funções.

VERMELHO E BRANCO AS CORES ADOPTADAS

Aprovada a designação de União Desportiva de Santarém para o novo clube criado na capital do Ribatejo, foi decidido adoptar as cores da cidade para os equipamentos dos atletas: vermelho e branco.

Assim, os futebolistas que actuarem no primeiro encontro oficial do clube (a 7 de Setembro) no Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, já deverão envergar os novos equipamentos ainda que numa futura assembleia geral venha a ser discutido o padrão definitivo dos mesmos.

Também como emblema do clube foi adoptado o escudo da cidade de Santarém.

Por ENCARNAÇÃO VIEGAS

DE COIMBRA

Encerramento do Curso de Férias da Faculdade de Letras

Termina hoje o XLV Curso de Férias da Faculdade de Letras, cujo prestígio além-fronteiras se traduz pela afluência, todos os anos, de numerosos alunos de diversas nacionalidades.

Este ano esses alunos totalizaram cerca de centena e meia, representando algumas dezenas de nacionalidades.

Em ambiente de invulgar interesse, decorreram os trabalhos, repartidos por diversas aulas que proporcionaram aos alunos conhecimentos da língua, da história e da literatura do nosso País, além de, em sucessivas excursões de estudo, lhes terem sido proporcionados proveitosos contactos com meios e ambientes sugestivos, de geografia e etnografia, com monumentos e paisagens que melhor lhes definem a característica portuguesa, além das explicações directas, nos locais visitados, proporcionadas por professores do curso.

A sessão de encerramento decorre ao fim da tarde, incluindo-se na cerimónia a entrega de prémios e de certificados de aproveitamento.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

TIVOLI — Às 21 e 30: «Os filhos de ninguém» (17 a.).

ESPLANADA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS — Às 21 e 45: «Bikinis e músculos» (17 anos).

Farmácias de serviço

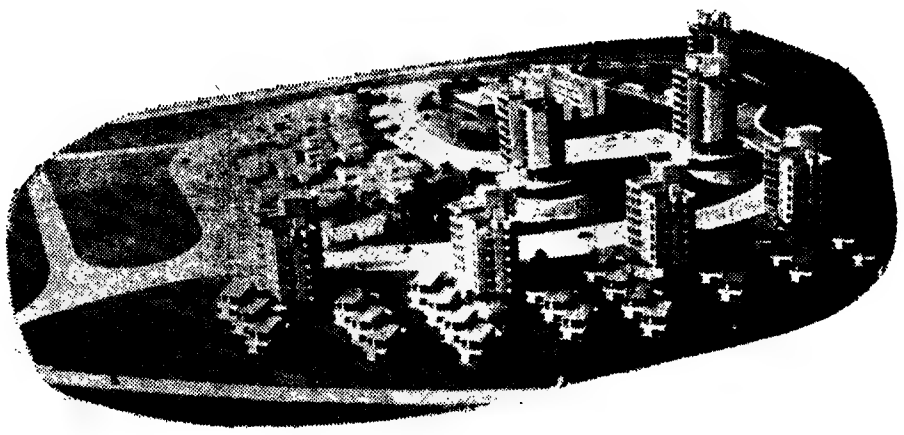
NAZARÉ — Rua Ferreira Borges (Tel. 22605).

FIGUEIREDO — Rua da Sofia (Tel. 22837).

ESTÁDIO — Rua do Brasil (Tel. 24410).

MONTES CLAROS — Rua Dr. António José de Almeida (Tel. 25904).

Cascais vai ter uma nova urbanização



CONJUNTO URBANO DA PAMPILHEIRA — CASCAIS

J. PIMENTA, S.A.R.L.

Oferece-lhe agora as vantagens de sempre, num ambiente excepcional. Em plena vila de Cascais, os novos apartamentos são dotados do máximo conforto destrutando de uma bela vista panorâmica sobre o mar e serra de Sintra.

Nova modalidade em Apartamentos Mobilados

190 Contos rendem-lhe 1187$50 mensais

garantidos por escritura pública durante 6 e até 18 anos. Administrando directamente pode obter um rendimento mensal de 1.437$50 (superior a 9%)

3000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

INFORME-SE NOS NOSSOS ESCRITORIOS:

J. PIMENTA, S. A. R. L.

MATERIAIS DE CONSTRUÇAO:

Azulejos nacionais e estrangeiros

Plásticos para revestimentos de paredes e tectos. Ferragens e ferramentas Loiças sanitárias, tintas e máquinas para construção civil. Toda a gama de materiais de construção, utilidades para o lar, novidades, em artigos domésticos, flores e apetrechos para jardins encontra V. Ex.ª aos mais baixos preços nos estabelecimentos da Organização J. Pimenta, em Amadora e Queluz, junto às estações de caminho de ferro respectivas

LISBOA — Rua Conde Redondo, 53-4.º, Esq. — Telefs. 45843 e 47843; QUELUZ — R. D Maria I, 30 — Telefs 95 20 21 - 95 20 22; AMADORA — Reboleira — Telefone 93 36 70

A NOSSA ORGANIZAÇÃO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAIS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO

GRANDE EMPRESA DE LISBOA

PROCURA

COLABORADORES PARA OS SEUS SERVIÇOS DE PROMOÇÃO E RELAÇÕES COMERCIAIS QUE SATISFAÇAM OS SEGUINTES REQUISITOS:

— HABILITAÇÕES LITERÁRIAS EQUIVALENTES AO 3.º CICLO DOS LICEUS
— IDADE ENTRE OS 20 E 30 ANOS
— SITUAÇÃO MILITAR REGULARIZADA
— PERSONALIDADE ADEQUADA PARA UM SERVIÇO DE CONTACTOS
— DINAMISMO E DESEJO DE CONSTANTE VALORIZAÇÃO
— BOA APRESENTAÇÃO

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 325 COM INDICAÇÃO DO CURRICULUM DETALHADO E BEM ASSIM O VENCIMENTO PRETENDIDO.

canal da crítica

(Continuação da 1.ª página)

se aplaude a criação de uma rubrica com as intenções de «A criança perante a vida». Eis porque, por outro lado, se condena estar a mesma rubrica nas mãos de Ana Maria Varella Cid

Há, entre nós a tendência para avaliar as opiniões segundo coordenadas pessoais Assim, se critico Ana Maria será porque *não gosto* de Ana Maria Pense cada qual o que entender. Não a conheço, nada sei nem quero saber a respeito dela. De seu trabalho apenas me ocupo.

A VERDADE

A verdade, nas suas relações com o mundo das crianças, foi o tema da palestra-plastro de ontem, a cargo de Ana Maria Varella Cid. Não se pode imaginar maior imperícia no agarrar e desenvolver dos assuntos; no levantar de um problema; no seu tratamento ao nível do lugar-comum e dos «flagrantes da vida real». Concluir pela necessidade de levarmos as crianças a acreditar nas vantagens da verdade — é a prova provada de que a palestrante não entendeu uma palavra dos objectivos e dos processos de pedagogia.

A NECESSIDADE

Falar de crianças, no século da criança? Muito bem. Mas é indispensável entregar o assunto em mãos sabedoras. Caso contrário, o melhor é cultivar begónias.

MC

Sociedade «ESTORIL»

VENDA DE BILHETES
VENDA DE SÉRIES DE 20 BILHETES

Todos os dias e em todas as estações

SEM DATA PARA OS DOMINGOS

Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 ás 22 horas

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

APARELHOS DE SURDEZ

viennatone

A MARAVILHA MÁXIMA DE BEM SERVIR

EXPERIMENTE SEM COMPROMISSO

Av. de Roma, 29, 1.º, porta 1 — LISBOA — Tel. 77 14 77

Ministério da Educação Nacional

Escola Técnica de Enfermeiras

NO INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES DAS NOVAS CANDIDATAS

INFORMAÇÕES NA ESCOLA, das 9 às 17 h. pelos telefs.: 77 23 28 e 76 77 02

Técnico de Electrónica

para especialização em computadores

Importante Empresa internacional no norte pretende admitir para os seus quadros técnicos, indivíduos com idade máxima de 28 anos, serviço militar cumprido, bons conhecimentos de electrónica e domínio da língua inglesa.

Carta com «curriculum vitae» à delegação deste jornal ao n.º 101.

LOTES DESDE 45 C. VENDEM-SE. SESIMBRA

Em pinhal a 4 km da praia, com licença de construção. A 100 metros da estrada principal. Informa: tel. 229513, Curado Ribeiro Venda Nova, Cotovia, Sesimbra.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

TÉCNICO/A

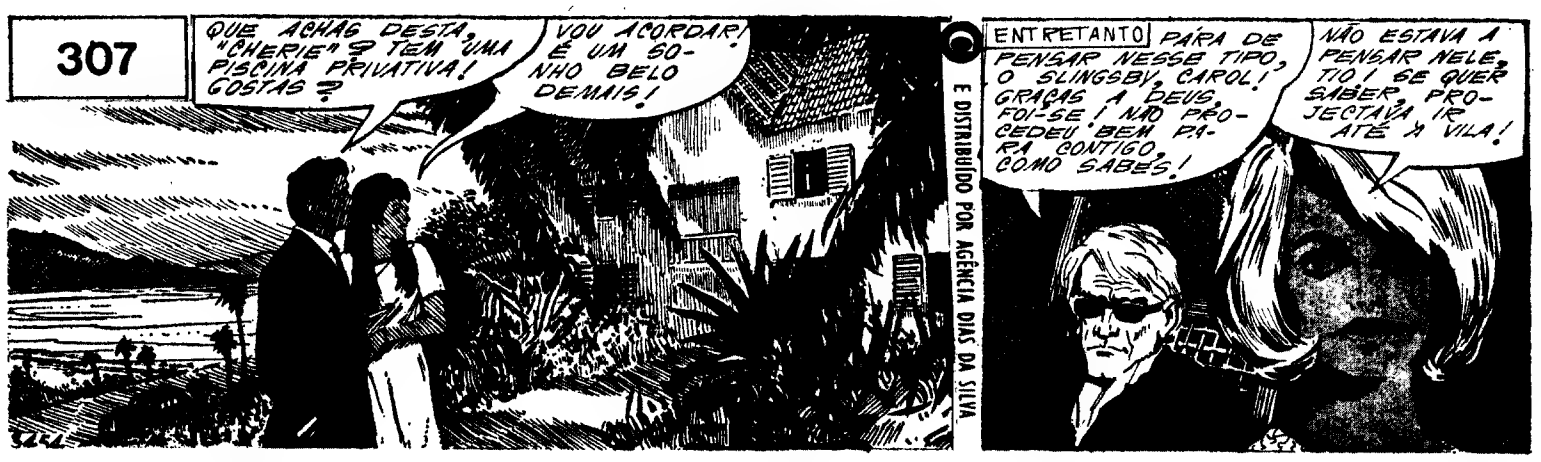
de confecções, precisa-se para o lugar de chefe de linha de uma fábrica de confecção de camisas no Porto.

Necessário bons conhecimentos de confecção industrial e prática de lugar.

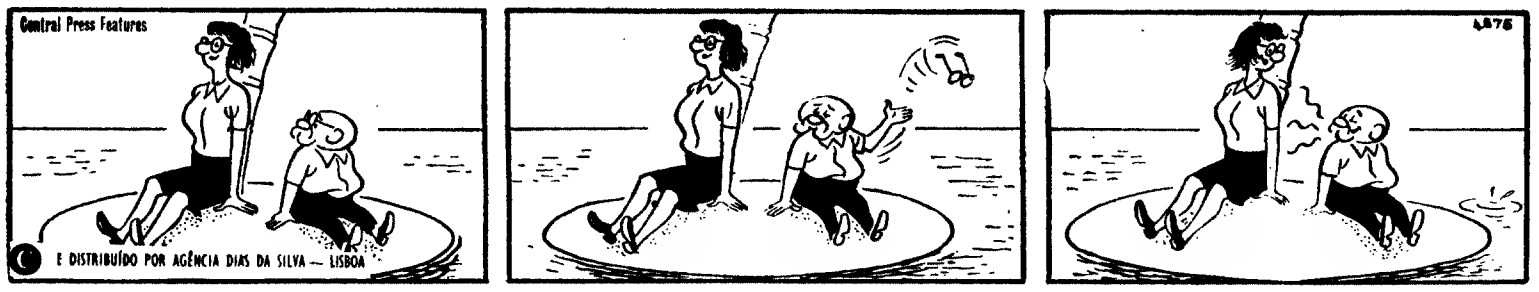
Carta à delegação deste jornal no Porto ao n.º 100 — Rua do Almada, 30-2.º.

Os Peanuts

Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 23 de Agosto de 1939 publicava:

«**VARSÓVIA, 23 — Durante as ultimas horas têm-se ido oferecer ao ministro da Guerra inumeros voluntários.**

«**A impressão geral e a de que a Polónia se baterá, em qualquer circunstância por causa de Dantzig.**

«**Os altos comandos militares estiveram reunidos durante a madrugada. A reunião assistiram o chefe do Governo e o ministro dos Estrangeiros.**»

CAMINHOS DE FERRO

SERVIÇO ESPECIAL PARA SALAMANCA POR OCASIÃO DA FEIRA E FESTAS DA CIDADE

DE 8 A 21 DE SETEMBRO

Bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos

A C. P, em combinação com a Rede Nacional dos Caminhos de Ferro Espanhóis (RENFE), vende nas estações de Barca de Alva, Braga, Guarda, Marco de Canavezes, Porto (Campanhã), Porto (São Bento), Viana do Castelo, Vilar Formoso e Viseu bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos, para a estação de Salamanca, por motivo da Feira e Festas da cidade.

Validade dos bilhetes:

Ida: 3 a 21 de Setembro
Volta: 8 a 26 de Setembro

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

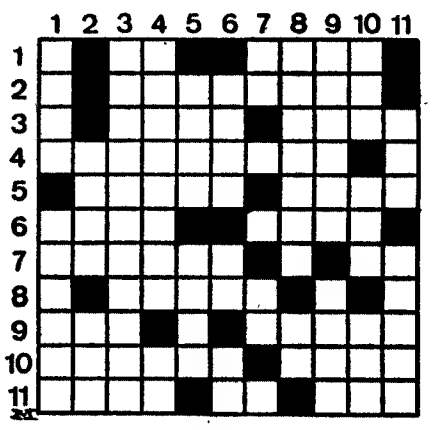
PROBLEMA N.º 5276

HORIZONTAIS: 1 — Antes de Cristo. Sufixo diminutivo (pl.). 2 — Coagirá. 3 — No lugar em que. Ir ao chão 4 — Descarregadas. 5 — Fomentar Título do soberano da Rússia no tempo do império 6 — Amarrar Aquele que, 7 — Sofreu Gemido. 8 — Saltar 9 — Rio que desagua no Atlântico, junto a Vila do Conde. Mouco 10 — Montecaptos Em maior quantidade 11 — Serra do Alentejo Pertences Negativa

VERTICAIS: 1 — Amofina Desmontado 2 — Ampla As vossas pessoas — Escondesseis. 4 — Cavaqueira Concede. 5 — Procrastina. Aversão 6 — Comer a refeição da noite Grito de dor Catedral 7 — Italiano (abrev.). Artigo (pl.). 8 — Ave trepadora, da família dos papagaios. Certrativas do Argélia. 10 — Parte Patroa. Espaço de tempo 11 — Grande quantidade Velho

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5275

HORIZONTAIS: 1 — Diorama. Nou. 2 — Ler. CHÃO. 3 — Scheele 4 — Coen. Uma. Ar. 5 — Ai. Ir. 6 — Ora. Saíra. 7 — PISADO. Sem 8 — Ar. Vocês. Cá. 9 — Dotar. Ru. És 10 — Ode Nevados. 11 — Só, Reparara.

VERTICAIS: 1 — Descampados. 2 — Cai. Irado. 3 — Olhe. Os. Te. 4 — Reentrava. 5 — Are. Adorne. 6 — Luz. Oc. Pé. 7 — Acém. ERVA. 8 — Aia. Suor. 9 — NÃO. Rs. DÁ. 10 — Ao. Recar. 11 — Argamassa.

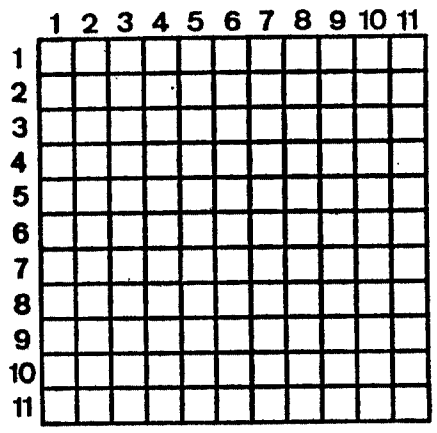
(Provérbio: CHÃO PISADO ERVA NÃO DÁ)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9119

HORIZONTAIS: 1 — Sem demora Socorre. O mais. 2 — Além. A nota 3 — Nome de homem. Seguiam Chefe etíope 4 — Roer Rezava 5 — Cinchos Rio da Alemanha. 6 — Arrancam 7 — Cavernoso Arpoa. 8 — Cantigas Educar. 9 — Mentira Pronome pessoal Medida de superfície 10 — Manuscrito (abrev.). Azedo Basta. 11 — Irmão de Moisés. Nome céltico da Bretanha que significa beira-mar

VERTICAIS: 1 — Vaso para água ou flores Serenidade 2 — Recuar Freguesia do concelho de Guimarães. 3 — Numeral. Caminho. 4 — O mais. Esmonca. Em partes iguais 5 — Tombar. Enxuto 6 — Vazia. Vi 7 — Demónio. Pronome indefinido 8 — Artigo definido (ant.) Versejar Sufixo que designa estado 9 — Caminharás Braço de mar. 10 — Prendia Habitante de Pártia 11 — Ferir Ficar pateta



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9118

HORIZONTAIS: 1 — Gerês. Peste. 2 — Alas. Reis. 3 — Orto. Cálo. 4 — Aam. Ado. 5 — AC. Risca Pá. 6 — Ora. Toa. Ais. 7 — Susto. Rente 8 — Aar. Loa. 9 — Diz. Mat. 10 — Droga. Orate. 11 — Af. Óstia. Um.

VERTICAIS: 1 — Ga. Laos. Ada. 2 — Élo. Crua. Ri. 3 — Rara. Asado. 4 — Estar. Trigo. 5 — Omito. Zás. 6 — So. 7 — Caçar. Moi. 8 — Erodo. Elara. 9 — Selo. Anota. 10 — Tio. Pita Tu. 11 — és Case. Tem

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Concurso para atribuição de casas em Lisboa

Está aberto concurso até ao dia 21 de Setembro de 1969, para atribuição de habitações construídas pela Caixa Geral de Aposentações, no Largo do Leão, tornejando para a Rua de Ponta Delgada, destinadas a funcionários do Estado e dos Corpos Administrativos, em regime de propriedade resolúvel.

As condições constam do «Diário do Governo», III Série, n.º 197, de 23 do corrente, e encontram-se patentes no Serviço do Património, em Lisboa, Largo do Calhariz, Palácio Palmela, com entrada pela Travessa das Mercês, n.º 3, onde deverão ser obtidos e entregues os boletins de inscrição.

Caixa Geral de Depósitos, 23 de Agosto de 1969

O ADMINISTRADOR-GERAL

(a) Ulisses Cruz de Aguiar Cortês

CAMINHOS DE FERRO

SERVIÇO ESPECIAL PARA CORUNHA

POR OCASIÃO DAS FESTAS DE VERÃO

DE 1 A 31 DE AGOSTO

Bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos

A C.P., em combinação com a Rede Nacional dos Caminhos de Ferro Espanhóis (RENFE), vende nas estações de Afife, Âncora, Barcelos, Braga, Caminha, Cerveira, Guimarães, Moledo do Minho, Monção, Porto (S. Bento), Valença e Viana do Castelo bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos, para a estação de Corunha, por motivo das Festas de Verão.

Validade dos bilhetes:
Ida: 27 de Julho a 31 de Agosto.

Volta: 1 de Agosto a 5 de Setembro.

32ª Volta a Portugal em bicicleta

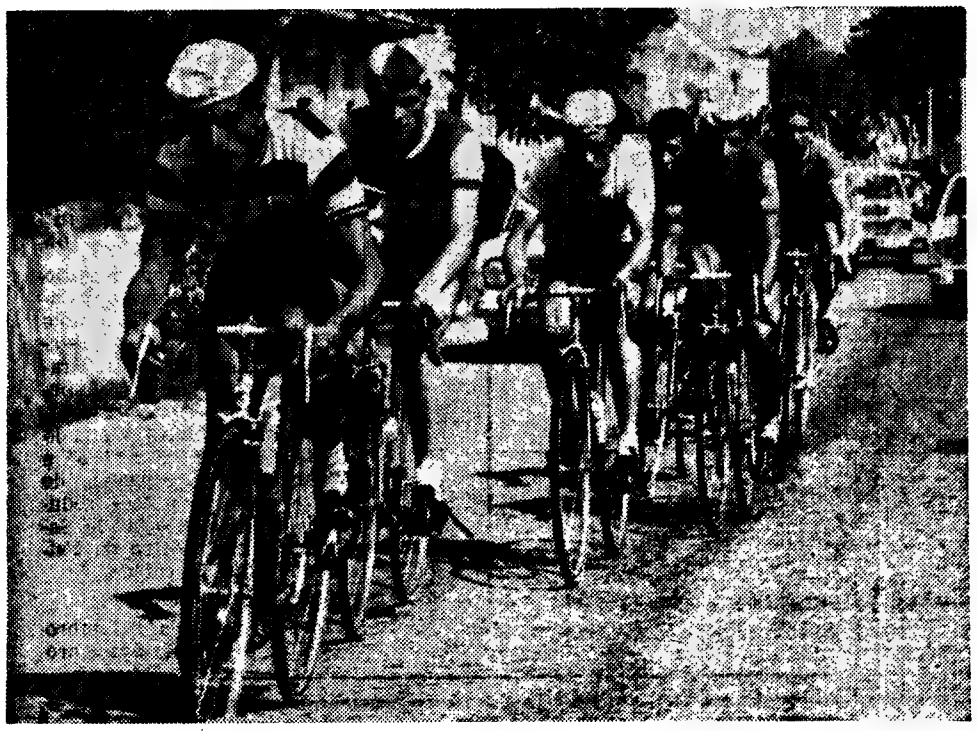
DE ESGUEIRA ÀS CALDAS DA RAINHA

Um risco encarnado sobre verde de esperanças

• António Teixeira resistiu ao duelo Benfica-Sporting mas não à infelicidade

CALDAS DA RAINHA, 23 — Continua a ser uma Volta apaixonante: primeiro, foi o que foi, agora é competição espectacular, o esforço por outra vitória, a grande luta da estrada.

De um momento para o outro, até os que andavam amargurados e desiludidos encontraram razões para o entusiasmo. A etapa de ontem, foi como a da véspera, uma batalha enérgica, febril, emocionante.



Comandados por Vítor Rocha (Sporting), eis os fugitivos da etapa Esgueira-Caldas da Rainha: Joaquim Leite (Porto), Pedro Rodrigues (Benfica), Marcolino Santos (Tavira), Henrique Silva (Ambar) e Joaquim Moreira (Coelima).

Isto até me fez recordar a convicção, de muita boa gente, que a competição desportiva encerra, irremediàvelmente, agressividade, quase ódio. Não é fácil encontrar maiores adversários do que forâm os ciclistas nestes últimos dois dias. Antes, porém, eles já tinham mostrado que não são inimigos.

Mas, desculpem-me: já estava a desviar-me do caminho que levou a Volta desde as redondezas de Aveiro até à formosa mata das Caldas da Rainha. Formosa, mas não segura.

REPORTAGEM DE

MÁRIO ZAMBUJAL

Enviado especial do «DIÁRIO DE LISBOA»

A apressada e longa viagem (186 km) teve dois aspectos fundamentais: a luta Benfica-Sporting e a resistência do bravo e moço «camisola amarela» — António Teixeira, do Tavira — a semelhante fricção. Ao fim e ao cabo, o Benfica foi quem levou a melhor nos seus intentos, que sempre foram os de anular os repetidos ataques sportinguistas. Anulou-os, teve cinco corredores no pelotão da frente (três do Sporting e três do Porto), ganhou a etapa e a camisola amarela.

Nestes dois ultimos aspectos tiveram os benfiquistas em seu proveito a infelicidade que tocou, nos momentos decisivos, o «leão» Firmino Bernardino (que se adiantara para uma vitória na etapa, mas caiu na imprópria vereda de terra batida onde estava a meta) e o algarvio Teixeira, que se estatelou já bem perto do local onde se fazia a cronometragem, perdendo tempo e o símbolo do primeiro lugar.

No entanto, e até aí, os corredores do Benfica mostraram uma força colectiva ainda não revelada. Primeiro, foi a perseguição ao grupo de fugitivos, nos quais havia também um homem de encarnado (Pedro Rodrigues). Mas a aventura interessava muito mais a um sportinguista (Vítor Rocha) que chegou a sentir-se perto da camisola amarela. Foi então que o Benfica mostrou que, como equipa talvez seja mais forte do que se poderia supor E não tardou a dar essa indicação, porventura com maior nitidez, quando anulou vigoroso ataque de Joaquim Agostinho, alcançando-o á saída da Nazaré.

Américo Silva negou razões irremediáveis para a má actuação da véspera. Foi, com Fernando Mendes (este ganhara a sua terceira etapa), um dos corredores mais em foco. Outros foram os habituais, aqueles que parecem seleccionados para o momento decisivo: Agostinho e Mendes, este o novo «leader». Mas é de referir-se ainda o ânimo de Joaquim Moreira, da Coelima, que foi o primeiro animador, com uma teimosa fuga e o infortúnio de vários corredores, vítimas de queda. Um deles foi o jovem benfiquista Pedro Rodrigues, justamente um dos melhores no início da tirada. Avarias, uma queda, a bicicleta partida, lágrimas de um desgosto sem fronteiras. O ciclismo é uma profissão muito dura

VENCEDORES DAS ETAPAS

1.ª — Emiliano Dionísio
2.ª — António Graça
3.ª — Emiliano Dionísio
4.ª — Vítor Rocha
5.ª — Joaquim Coelho
6.ª — João Pinhal e Hubert Niel
8.ª — Leonel Miranda
9.ª — Fernando Mendes.
10.ª — António Teixeira
11.ª — Fernando Mendes
12.ª — Celestino de Oliveira.
13.ª — Fernando Mendes

OS CORREDORES EM PROVA

SANGALHOS
1 — Joaquim Andrade
2 — Celestino Oliveira
3 — Herculano Oliveira
4 — Norberto Duarte
5 — Lino Santos

BENFICA
11 — Fernando Mendes
12 — Pedro Moreira
13 — Manuel Costa
14 — Américo Silva
15 — Manuel Luís
16 — Daniel Vitorino
17 — Valdemiro Cardoso
18 — Augusto Fortes
19 — Eduardo Santos
20 — João Pinhal
21 — Pedro Rodrigues

SPORTING
31 — Paulino Domingos
32 — Emiliano Dionísio
33 — Firmino Bernardino
34 — João Roque
35 — Joaquim Agostinho
36 — Norberto Timóteo
37 — Leonel Miranda
39 — Sérgio Páscoa
40 — Vítor Tenazinha
41 — Vítor Rocha

AMBAR
51 — Manuel Castro
53 — Joaquim Coelho
54 — Joaquim Freitas
55 — Sousa Vieira
56 — Wilson Sá
58 — Henrique Silva

TAVIRA
61 — António Graça
62 — António Teixeira
63 — Fernando Martins
66 — José Diogo
68 — Manuel Mestre

F. C. PORTO
71 — Hubert Niel
72 — Mário Silva
74 — Joaquim Leão
75 — José Azevedo
76 — Luís Pacheco
77 — Joaquim Leite

COELIMA
82 — António Pereira
84 — António Salazar
88 — Joaquim Moreira
89 — José Pereira

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

COMUNICADO DO JÚRI

Na sua reunião de ontem, o juri deliberou:

★ Aplicar multas de cem escudos e 30 segundos de penalização aos corredores Joaquim Leite, do F. C. Porto e Pedro Rodrigues, Benfica, por abastecimento de líquido fora da zona permtitida.

★ Atribuir o prémio do azar ao tavirense António Teixeira, devido a queda á entrada da meta, o que motivou a perda da camisola amarela.

★ Aumentar em 40 % os prémios oficiais da etapa.

★ Foram submetidos a análise anti-«doping» os ciclistas António Teixeira, Fernando Mendes e Joaqium Andrade, á saída de Esgueira.

Avarias DA VOLTA

A CHEGADA ÀS CALDAS

Tal como já acontecera em Chaves e em Viseu, foi mal escolhido o local da chegada ás Caldas da Rainha, tão mal, que será difícil encontrar qualquer justificação.

Lá em cima, na mata, improvisou-se uma pista de terra batida, cheia de covas e irregularidades. Para chegar até lá, os corredores, no auge do esforço, tiveram que passar por estreitas gargantas, que o interesse popular tornava cada vez mais apertadas. Deu mau resultado, isto tudo.

E cá estamos outra vez a cair nestes problemas fulcrais do ciclismo. A Federação quer fazer a Volta, e a verdade é que haveria para aí uma desilusão imensa se não se realizasse o espectáculo desportivo que atrai maior assistência. Mas a Federação não tem dinheiro, são magros os auxílios, a tal grande assistência não se traduz em números na contabilidade da prova.

Vai daí, escolhem-se locais que possam ser vedados para cobrar bilhetes e equilibrar a vida. Por outro lado, esta natural preocupação não pode levar a esquecer a segurança dos corredores e a dignidade da corrida.

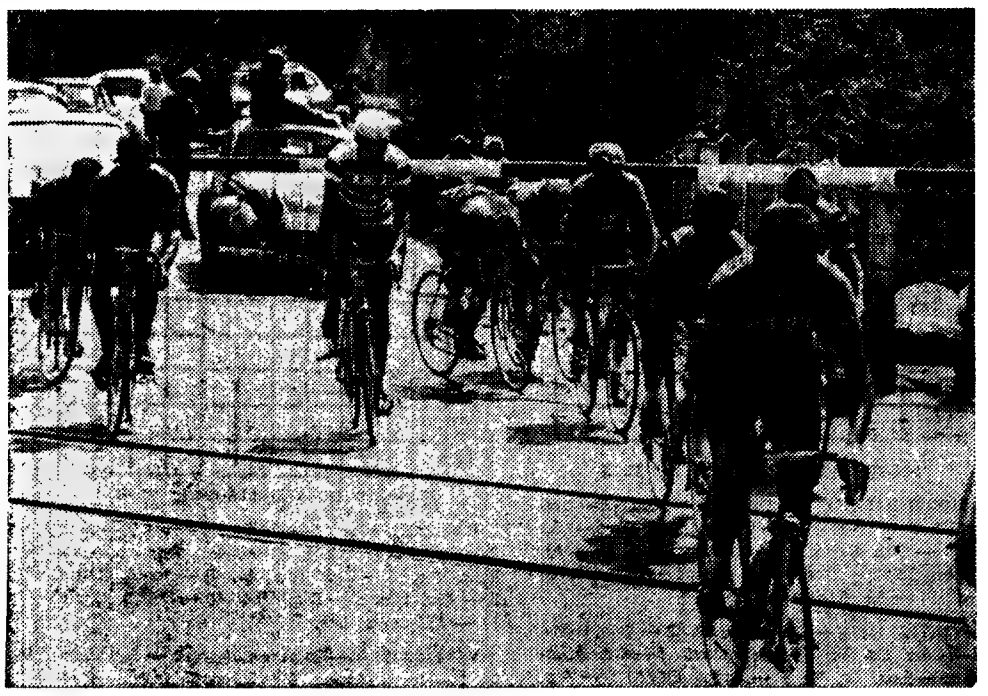
Ontem, os riscos foram muitos e os acidentes alguns. E não há seguro, não há previdência...

ELIMINADOS

57 — Fernando Brito (Ambar); 64 — João Lopes (Tavira); 65 — José Nunes (Tavira); 80 — António Carvalho (Porto); 81 — Francisco Machado (Coelima); 83 — Mário Miranda (Coelima); 85 — Serafim Dias (Coelima); 87 — Armindo Mendes (Coelima); 90 — António Domingos (Coelima); 22 — Fernando Vieira (Benfica) e 73 — Cosme de Oliveira (F. C. Porto); 86 — António Rodrigues (Coelima); 67 — J. Viegas (Tavira); 6 — Manuel Lote (Sangalhos) e 78 — Manuel de Sousa (F. C. Porto).

DESISTENTES

52 — Albino Alves (Ambar); 70 — Rogério Domingues (Tavira); 79 — Duarte Ribeiro (Porto); 7 — João Fonseca (Sangalhos); 36 — José Vieira (Sporting); 69 — Marcolino Santos (Tavira).



A caminho da Nazaré, os corredores encontraram uma passagem de nível fechada. Alguns aproveitaram essa pausa na corrida para abalarem a caminho das Caldas da Rainha. Um deles foi o sportinguista Firmino Bernardino (aqui, ao centro) que perdera a vitória na etapa por ter dado uma queda a 50 metros do risco final.

na VOLTA do correio

Caríssimo leitor desconhecido:

Encantado: tu cá, tu lá. Pois sempre te digo que o teu recado teve para mim um sabor de um aceno amigo, a certeza de não estar só. Alias, devo dizer-te que há mais pessoas nesta grande e agitada aldeia volante que fizera a pergunta fundamental — «Porquê?» — E não tiveram de ter-se apenas na episódica frustração do espectáculo desportivo.

Mas tu empregas uma expressão que vem ao encontro de uma ansiedade mental, do desejo de um rumo que desejo ter como profissional e como homem: falar de coerência. Aí está uma palavra que tem para mim um significado decisivo. Não sei se te lembras que nas primeiras apressadas e descoloridas crónicas que escrevi sobre o escaldante assunto da Volta, dizia achar naturalíssimo que as pessoas, quaisquer pessoas, perfilhassem as opiniões A ou B: o que deveriam era ser coerentes com os seus conceitos sobre tais atitudes de reivindicação noutros sectores profissionais, para além do espectáculo. Portanto, eu, conselheiro e exortador á coerência de cada um consigo próprio, tenho de ser coerente. E sendo-o, terei de manter viva no meu espírito a ideia de uma ambição que não é só minha é de todos os jornalistas, para me deter cá pela classe: a da liberdade de opinião. E bem vês: eu não posso pretender liberdade para a minha opinião mas sim para todas as opiniões, mesmo as que estrondosamente se choquem com o que penso e escrevo. De modo que nem fico zangado quando alguém chama preto ao que eu acho ser branco. Só quero poder manifestar a minha opinião, dizer livremente que cá pelos meus olhos era branco...

Depois, quem lê, ou quem ouve, quer dizer, esse grande (e nunca unânime) júri que é o público que escolherá o conceito que lhe parecer mais válido e sério. Também ele deverá ter a possibilidade de opinião sobre as opiniões de quem as dá. Sobre este problema da Volta estou até convencido de que só uma minoria olhou para isto tudo com olhos iguais aos meus. O que, aliás, não me preocupa. Só fico preocupado quando duvido da minha própria coerência...

Quanto á questão do trabalhador do espectáculo desportivo creio que só agora começa a ver-se certas afrontas sem paralelo, apesar de tudo, em qualquer outra profissão. O importante é descobrir que, por detrás dos músculos dos campeões, dos vencedores e vencidos, dos actores do espectáculo, estão pessoas iguaizinhas a nós, que até podem ter mulher e filhos, e problemas, e ambições de tudo aquilo que nós ambicionamos para nós próprios. E uma das coisas é o direito de reinvindicar uma compensação adequada ao esforço que se pede. É a de poder falar humanamente, com as cordas vocais, e não só com os chutos e pedaladas.

Quase de certeza alguém oporá este reparo, «mas as entidades patronais, fomentadoras do espectáculo desportivo não podem ir mais além. Até têm dívidas...».

Isto é uma grande e enorme verdade. Mas, então, o problema vem de cima, é toda uma organização errada, que se lançou para o sector profissional do espectáculo sem ter assegurada a possibilidade de efectiva compensação aos indivíduos chamados a ser os seus intérpretes.

Bem, esta é a minha opinião...

Haverá mais a dizer, posições que interessa definir com clareza. Mas, meu caro, nem tenho tempo agora. A Volta vai apressada, é tudo de corrida.

O agradecimento sincero do que assina.

MÁRIO ZAMBUJAL

O QUE FALTA PERCORRER

C. da Rainha-Lisboa	119
Pista de Alvalade	9
Lisboa-Grândola	143
Grândola-Loulé	163
Circuito de Loulé	2
Loulé-Tavira	125
Pista de Tavira	8
Tavira-Évora	206
Évora-Alcains	195
Alcains-Seia	102
Seia-Avelar	157
Avelar-Abrantes	78
Abrantes-Cartaxo	86
V F Xira-Lisboa	35

Recepção à equipa do Belenenses

Está marcada para as 18 e 30 do dia 25 a recepção à equipa de futebol do Belenenses que se deslocou ao Ultramar.

Durante a cerimónia serão homenageados os sócios Armando José Marques e José Manuel Farinha Guerra.

Joaquim Agostinho tentou entrar isolado nas Caldas da Rainha. Pouco antes do abastecimento, na Marinha Grande, teve uma «fuga» que só foi neutralizada em Alfeizerão.

Pouco depois das Caldas, o pelotão ainda em marcha comp

CLASSIFICAÇÕES

À PARTIDA PARA LISBOA

		H.	M	S
1	F. Mendes (Bf.)	32	37	07
2	A Teixeira (T.)	32	37	26
3	J Andrade (Sg.)	32	37	57
4	Agostinho (Sp.)	32	38	02
5	M Silva (Porto)	32	38	18
6	F Bernar (Sp.)	32	39	39
7	L Pacheco (P.)	32	42	14
8	J Avevedo (P.)	32	45	30
9	V Rocha (Sp.)	32	46	09
10	J Leão (Porto)	32	46	26
11	A. Silva (Bf.)	32	46	33
12	A. Graça (Tav.)	32	47	11
13	J Pinhal (Bf.)	32	47	11
14	A. Fortes (Bf.)	32	47	24
15	E. Dionísio (Sp.)	32	49	24
16	H Neil (Porto)	32	49	43
17	Ed. Santos (Bf.)	32	50	11
18	L. Miranda (Sp.)	32	50	12
19	J. Freitas (Amb.)	32	50	36
20	Man. Costa (Bf.)	32	51	13
21	D. Vitorino (Bf.)	32	51	21
22	Olive.ra (Sang.)	32	51	41
23	V. Cardoso (Bf.)	32	52	13
24	Domingues (Sp.)	32	52	26
25	N. Duarte (San.)	32	54	13
26	J. Leite (Porto)	32	54	33
27	J. Coelho (Am)	32	54	40
28	J. Roque (Sp.)	32	54	41
29	S. Vieira (Am.)	32	54	53
30	Man. Luís (Bf.)	32	56	27
31	S. Páscoa (Sp.)	32	56	36
32	F. Martins (Ta.)	32	57	40
33	J. Pereira (Coel.)	32	58	02
34	Tenazinha (Sp.)	32	58	15
35	P. Moreira (Bf.)	32	58	24
36	Rodrigues (Bf.)	33	00	24
37	J. Moreira (C.)	33	02	17
38	H. Silva (Amb.)	33	02	29
39	Oliveira (Sang.)	33	03	33
40	L. Santos (Sang.)	33	04	25
41	M. Castro (Amb.)	33	06	07
42	N. Timóteo (Sp.)	33	07	08
43	M. Mestre (Tav.)	33	07	19
45	Pereira (Coel.)	33	08	10
46	Salazar (Coel.)	33	08	38
47	J. Diogo (Tav.)	33	17	48

EQUIPAS

1	SPORTING	98	— 48
2	F. C. Porto	98	1 5
3	S. L. Benfica	98	8 31
4	Sangalhos	98	9 26
5	Ginásio Tavira	98	12 27
6	Ambar	98	25 7
7	Coelima	98	46 35

A ETAPA DE AMANHÃ

Amanhã, disputa-se a etapa Lisboa-Grandola. Serão 143 quilómetros a percorrer pelos corredores em terreno que não sendo verdadeiramente muito acidentado, não deixa de se revestir de tremendas dificuldades, mais agravadas ainda se, como é natural, o calor se fizer sentir.

A partida está prevista para as 15.30 horas, da Cova da Piedade, seguindo os corredores por Corroios, Fogueteiro, Santana, seguindo-se a Serra da Arrábida, onde haverá uma contagem para o «Prémio da Montanha» e onde, normalmente, haverá a primeira selecção de corredores.

Da Arrábida e através de uma descida perigosíssima, com curvas muito apertadas, a caravana seguirá para Setubal, onde está colocada a «Meta Volante» (outro incentivo para que a luta prossiga animada), seguindo depois em direcção a Marateca. Quase logo a seguir, e até á entrada de Alcácer do Sal, a estrada encontra-se em reparação o que poderá prejudicar um tanto o andamento da caravana. De Alcácer até Grandola o percurso é fácil, mas surgirá, naturalmente, o «queimar dos ultimos cartuchos» e a etapa poderá assim proporcionar um final espectacular.

PRÉMIOS PARA OS CICLISTAS

Os ciclistas que participam na «Volta a Portugal» recebem, didriamente, um prémio de presença no valor de 250 escudos. Por seu lado a classificação do «combinado» (dotada com os prémios «Cuf-Sanders») habilita ás seguintes quantias:

1.º	25 000$00
2.º	16 000$00
3.º	13 000$00
4.º	11 000$00
5.º	10 000$00
6.º	8 000$00
7.º	7 000$00
8.º	6 000$00
9.º	5 000$00
10.º	4 000$00
11.º	3 500$00
12.º	3 000$00
13.º	2 500$00
14.º	2 000$00
15.º	1 500$00
16.º	1 000$00
17.º	1 000$00
18.º	1 000$00
19.º	1 000$00
20.º	1 000$00

Prémio diário	500$00
No caso de haver duas etapas	250$00

Prémios por etapa em estrada

1.º	1 200$00
2.º	500$00
3.º	300$00

Prémios por etapa em pista

1.º	500$00
2.º	250$00
3.º	150$00

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

F. C. PORTO-BRAGA ESTA NOITE, NAS ANTAS

Goradas as tentativas para o Desportivo da Corunha se exibir esta noite nas Antas, contra o F. C. do Porto, o clube portuense endereçou convite ao Sporting de Braga para um jogo-treino. No F. C. do Porto estrear-se-á o brasileiro Ronaldo, já contratado por três épocas e por uma importancia que não ultrapassa os 300 contos. Serão também apresentados os novos recrutas «azuis-brancos» Vieira Nunes (exAcadémica de Coimbra) e Gualter (ex-Vitória de Guimarães). O jogo realizar-se-á pelas 21 e 45 horas.

Na Associação de Futebol de Lisboa realizou-se uma reunião de delegados dos clubes que tomam parte nos campeonatos oficiais, para se elaborar a lista dos futuros corpos gerentes daquele órgão futebolístico. Será indicado pelo Benfica o futuro presidente da direcção, enquanto que ao Sporting e ao Belenenses vão caber os lugares de vice-presidentes.

●

O Sporting parte hoje para Espanha, onde participa no Torneio Internacional de Futebol organizado pelo Córdova. Jogadores que se deslocam: Damas, Carvalho, Pedro Gomes, Alexandre Baptista, José Carlos, Hilário, Celestino, Caló, Gonçalves, Peres, Pedras, Nelson, Lourenço, Mário, José Morais e Dinis. Com a equipa viajam o técnico Fernando Vaz e o massagista.

●

O Marítimo não quer dispensar ao Belenenses o seu futebolista Lomelino.

●

Guta foi dispensado pelo Benfica.

●

O Leixões não estabeleceu acordo com o ex-benfiquista Raul, preferindo renovar o contrato com o seu defesa-central Moreira.

Eugénio, Porfírio e Clarica continuam sem chegar a acordo com o Seixal.

●

Cruz e Nascimento continuam em tratamento no posto médico do Estádio da Luz, parecendo que as suas lesões são de demorada recuperação.

●

A direcção do Sporting de Braga pediu a demissão.

●

Numa reunião com os associados do clube, a direcção do Salgueiros sugeriu que terminassem os contratos com Santana, Yauca e o brasileiro Santino, por serem bastantes onerosos.

●

Moura (vinculado ao F. C. Porto) foi cedido ao Boavista.

●

O Sarilhense desistiu de concorrer ao Campeonato Nacional da III Divisão, pelo que este torneio deve ficar reduzido á presença de 63 clubes.

●

Babá (que jogou na Portuguesa de S. Paulo e no Flamengo) foi «auscultado» pelo Varzim, no sentido de vir alinhar na turma dirigida por Meirim.

●

O Atlético procura reforços entre as jovens camadas futebolísticas de clubes lisboetas: Machuco e Vieira (Sporting), José Manuel, Olegário e Queirós (Benfica) e Sérgio, Egidio e Gaspar (Belenenses).

●

Júlio Teixeira, Américo, Jorge e Pinto Moreira deixaram o Tirsense, que recebe o concurso de Duarte (que pertencia ao Desportivo de Aves).

DESPORTO NA COSTA DO SOL

Integrado nos tradicionais festejos do «15 de Agosto» da Galiza, organizados pela Associação Desportiva da Costa do Sol, realiza-se amanhã uma prova de atletismo para populares, que terá lugar ás 15 horas, nos arruamentos que circundam a sede daquela Associação (em Galiza-S. João do Estoril).

No domingo, 31 de Agosto, pelas 15 horas, nos terrenos em frente á Escola Velha da Galiza, realiza-se uma prova de «motocross» para velomotores.

Nestas competições estão em disputa várias taças, nomeadamente as que foram oferecidas pela Câmara Municipal de Cascais, Junta de Turismo da Costa do Sol e Sociedade Estoril-Sol.

Pugilismo

RUBEN OLIVARES — NOVO CAMPEÃO DO MUNDO

LOS ANGELES, 23 — (R.) — O pugilista mexicano Ruben Olivares arrebatou a noite passada o título mundial dos «mínimos» ao vencer aos 2 minutos e 24 segundos do 5.º «assalto» o campeão, o australiano Lionel Rose, num combate que se disputou nesta cidade. Os dois pugilistas pesaram 53,500 quilos.

TÉNIS NO PORTO

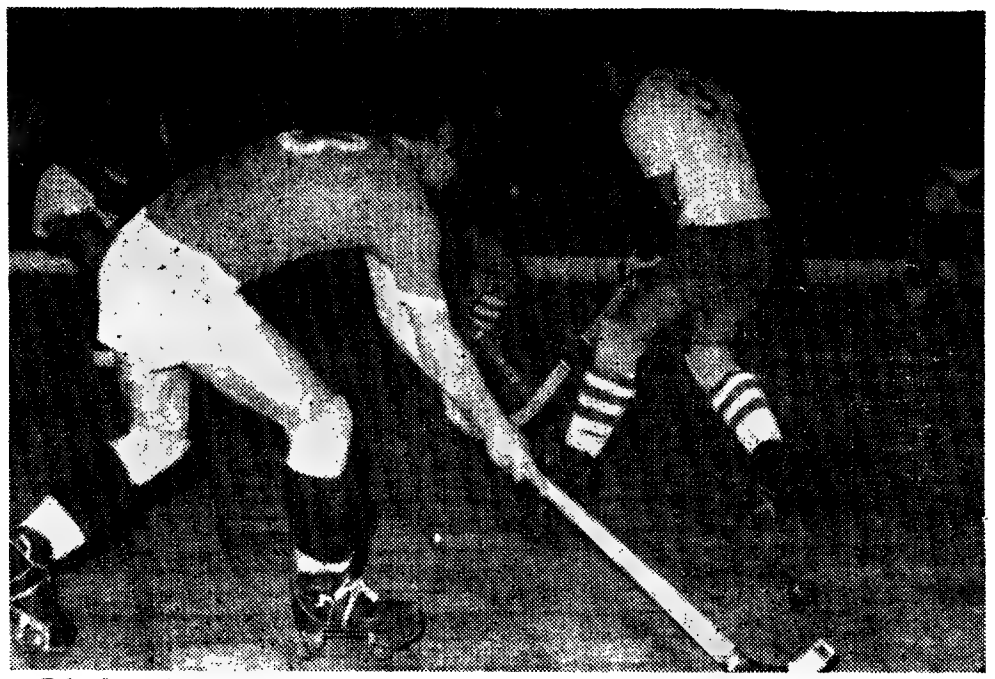
Prosseguiu ontem, com os jogos das meias-finais efectuados nos «courts» do Clube de Ténis da Foz, o campeonato nacional de 2.as categorias em singulares e pares-homens, cujos resultados foram: Singulares — José Vilela venceu Nuno Alegro por 6-1 e 6-0; Príncipe dos Santos venceu Cunha Reis, 6-1 e 6-4. Estes dois vencedores disputarão hoje a final para apurar o campeão.

Pares-Homens — Jorge Marco e Jorge Roquete venceram José Topa e Príncipe dos Santos, por 6-2 e 6-1; José Vilela e Cunha Reis venceram Nuno Alegro e Severiano Magalhães, 6-4 e 7-5. A final de pares-homens será disputada hoje, entre Jorge Marco e Jorge Roquete contra José Vilela e Cunha Reis.

As bodas de ouro do Belenenses

Prosseguem nos dias 29 e 30 as comemorações do cinquentenário do Belenenses com a realização de competições de natação e de ténis de mesa em que participam equipas do Clube Natacion de Sevilha.

O festival de natação efectua-se no primeiro daqueles dias na piscina da praia das Maçãs, enquanto o torneio de ténis de mesa se disputa no pavilhão da Ajuda, no dia seguinte.



Folgadamente, o Paço de Arcos veio a Lisboa vencer o Belenenses por oito tentos contra dois.

HÓQUEI EM PATINS

DERROTA DO BENFICA EM OEIRAS (4-6)

O Oeiras conseguiu ontem, no seu recinto, obter um magnífico triunfo sobre o Benfica, forçando a que se encontrem agora, no comando da classificação do campeonato regional de hóquei em patins, quatro equipas: Benfica, Paço de Arcos, Oeiras e C.U.F., todas com o mesmo número de pontos (14). Depois, situam-se a Juventude Salesiana e o Sporting (13 pontos), Belenenses e Hóquei de Sintra (12), Cascais (11), Parede e Campo de Ourique (10) e Educação Física (9 pontos).

Ontem, em Oeiras, sob a direcção de Frederico Peyssoneau, as equipas alinharam:

OEIRAS — José Pereira; António Garcia, João Henriques (4), Cristóvão (2), Salema, Manuel Henriques e Guilherme Machado.

BENFICA — Carlos Alberto; Nogueira, Livramento (1), Jorge Vicente (1), António Rodrigues (2) e Bento.

Entre parêntesis, assinalam-se os autores dos golos. Ao intervalo, o Oeiras triunfava já por 4-1.

Resultados de todos os jogos ontem disputados:

Sporting-Parede, 4-1; Belenenses-Paço de Arcos, 2-8; Juventude Salesiana-Fiéica, 6-6; Cascais-Campo de Ourique, 6-3; C.U.F.-Sintra, 8-2; Oeiras-Benfica, 6-4.

FUTEBOL MUNDIAL

● *Se não forem alterados os horários dos jogos, e se as cadeias europeias não cederem os seus canais, o Brasil estará privado de assistir pela televisão, aos jogos da fase final do Mundial de futebol, segundo declarou o director da «Intelsat», William Wood. No entanto, o assunto está a ser estudado no sentido de vir a ser encontrada uma solução.*

● A situação financeira do Español reveste-se de muita gravidade, pois até ao fim do corrente mês de Agosto terá de pagar dívidas no montante de 8 milhões de pesetas. Os dirigentes do clube estão envidando todos os esforços para fazer face a esses compromissos, mas tudo indica que a direcção acabará por demitir-se, para dar lugar á constituição de uma comissão administrativa. Só depois disso a Federação catalã intervirá no assunto.

Atletismo no Sporting

A secção de atletismo do Sporting realiza nos dias 22 e 25, respectivamente, às 21 e 30 e 19 e 30, no Estádio José Alvalade, um torneio da modalidade (masculino e feminino) para praticantes dos 13 aos 19 anos.

Na II Divisão os desfechos foram: Azeitonense-Ac. Amadora, 5-2; Queluz-Sp. Torres, 2-3; Cimentos Tejo-Liga de Algés, 1-3.

Estremoz, Juventude Azeitonense e Liga de Algés (19 pontos) comandam a tabela classificativa. Seguem-se: Futebol Benfica (18), Cimento Tejo (15), Académica da Amadora (14), Sporting de Torres (12) e Queluz (8 pontos).

Próximas jornadas:

Hoje, em Estremoz, o clube local defronta o Futebol Benfica.

Dia 25 — Juv. Salesiana-Oeiras, Benfica-Cascais, C. Ourique-Sporting, Parede-Belenenses, Paço de Arcos-C.U.F. e Física-H. Sintra.

Jogam a seguir (dia 26): Fut. Benfica-Cimentos Tejo (2-2), Sp. Torres-Azeitonense (0-1) e Liga Algés-Queluz (11-1).

ESTÁDIO DA LUZ

Termina no dia 31 do corrente o prazo concedido para a revalidação de lugares cativos e parques privativos no Estádio do Benfica.

HOJE À NOITE

FUTEBOL — Encontro entre duas equipas do Sintrense, em Sintra, ás 21 e 30.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato de Lisboa da II Divisão: Estremoz-Fut. Benfica, no rinque do primeiro, ás 22 horas.

— Torneio de Veteranos do Hóquei de Sintra: Sintra B-Benfica e Cascais-Sintra A, no rinque do Hóquei de Sintra, ás 21 e 30.

No Porto

BASQUETEBOL — Colóquio sobre regras na Associação do Porto, às 21 e 30, sob orientação do árbitro lisboeta Alberto Costa.

FUTEBOL — F. C. do Porto-Sp. de Braga, jogo particular ás 21 e 45, no Estádio das Antas.

Festival nocturno em Espinho: a partir das 21 horas, no campo Avenida. Jogos: Lamas-Lourosa e Espinho-F. C. Porto (jogadores da Velha Guarda) em benefício do Grupo Bem-Fazer de Espinho.

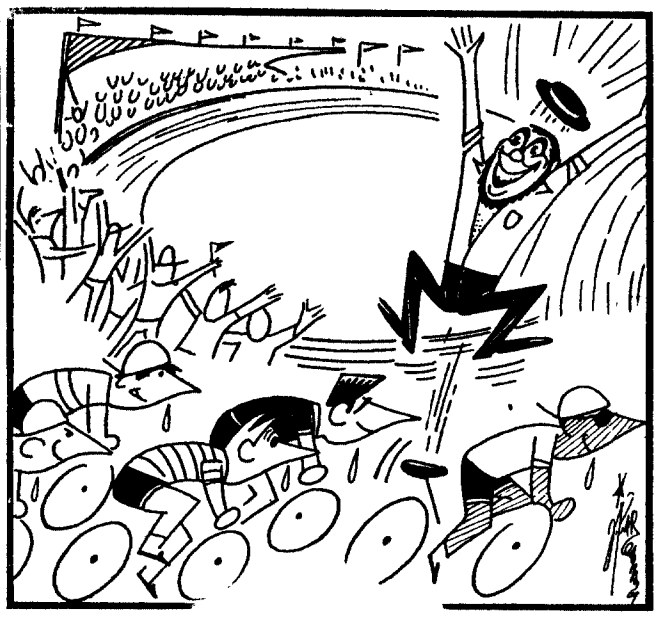
HÓQUEI EM PATINS — Campeonatos regionais — II Divisão: Nun'Álvares-Sport, Oliveirense-Vila-novense e União de Lamas-Cucujães, nos rinques dos primeiros às 22 horas.

Juniores: Valongo-F. C. Porto, Académico-Vigorosa e Candal-Educação Física, nos rinques dos primeiros, ás 22 e 15.

Juvenis: Carvalhos-Sanjoanense, Valongo-F. C. do Porto e Fanzeres-Vigorosa, nos rinques dos primeiros, às 21 e 15.

DIVERSOS — Núcleo Columbófilo Avintense: às 21 horas, distribuição de prémios na sede da colectividade.

União de Massarelos: às 21 horas, na sede, eleição dos novos corpos gerentes.



O «Zé» e a sua festa...

CARTAZ DOS CINEMAS

EUROPA
(Adultos) Tel. 66 10 16
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme de grande mistério e emoção!
QUARTO N.º 13
com **Karin Dor, Eddie Arent** e **Kai Fischer.**

CONDES
Telefs. 322523 - 326710
Às 15.15 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
(Adultos)
Uma grande história de amor
ÂNSIA DE AMAR
Scope — Metrocolor
(AR CONDICIONADO)

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
A PEQUENA VIRTUDE
com **Bany Carrel** e **Jacques Perrin**

IMPÉRIO
(Adultos) Tel 555134
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Um filme de **Michel Deville**
BYE, BYE BARBARA
com **Ewa Swann, Bruno Cremer, Philippe Avron** e **Alexandre Stewart**

ESTÚDIO
(Adultos Tel 555134
Às 15.30 18.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
A obra fundamental de **Roman Polansky**
REPULSA
com **Catherine Deneuve** e **Ivoane Fuceaux**

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
em Technicolor
O BASTARDO
«THE BASTARD»
c/ **Rita Hayworth** e **Giuliano Gemma**

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
O CASAMENTO
(Le Mariage ou Mazel Tov)
com **Claude Berri** e **Elisabeth Wiener**
EASTMANCOLOR
AR CONDICIONADO

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
CARNE DA MINHA CARNE
c/ **Troy Donalve** e **Connie Stevens**

LIDO
Praça D. João I - AMADORA
Às 21.30 (M. 12 anos)
OS DEZ MANDAMENTOS
com **Charles Heston** e **Laurence Oliver**

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
A's 15 e 30 e ás 21 e 45
comédia mais original dos últimos anos!
NASCI PARA AMAR
com **Catherine Spaak**
— SCOPE-COLORIDO —
(Ar condicionado)

LIZ
(Adultos Tel 48560
As 21 horas
CAMINHO PERIGOSO
UM TIRO ÀS ESCURAS

MUNDIAL
Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
UMA CARREIRA SENSACIONAL
(Il Medico Della Mutua)
com **Alberto Sordi, Bue Valoxi** e **Evelyn Stewart**
AR CONDICIONADO

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
Paul Newman
no vigoroso filme, de novo em exibição
A VIDA É UM JOGO
com **George Scott** e **Jackie Gleason**

AVIS
(M 17 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
UMA COMÉDIA MUSICAL DE GRANDE SENSAÇÃO
AO SOL COM O MEU AMOR
com ROMINA POWER e os impagáveis cómicos F. FRANCHI e C. INGRASSIA
EASTMANCOLOR

POLITEAMA
HOJE: 15.15 e 18.15 e às 21.30
(M 17 anos)
Novamente o ídolo dos ídolos MONTGOMERY WOOD
no seu melhor filme de sempre
UM DÓLAR FURADO
A história de uma sinistra vingança
Tecnicopio — Eastmancolor

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 32 07 68
15.15, 18.30 e 21.45
O HOMEM QUE MATOU LIBERTY VALANCE
Quatro gigantes do cinema e do «western» reunidos!
John Wayne, James Stewart Lee Marvin, Lee Van Cleef
Um filme de JOHN FORD

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel 54153
Às 15.15 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
A iniciar o ciclo do cinema francês, um filme de **Alain Cavalier-Françoise Sagan**
A CHAMADA
com **Catherine Deneuve** e **Michel Piccoli**

ODEON
Tel 326283
HOJE: 15.15 e 18.15 e às 21.30
De tarde e á noite para maiores de 6 anos
O 1.º FESTIVAL DE GARGALHADA DO CINEMA PORTUGUÊS
A CANÇÃO DE LISBOA
com **Vasco Santana, Beatriz Costa** e **António Silva**

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
A PARTILHA
c/ **Jim Brown, Diahann Carrol**

VOX
(M. 21 anos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
de lotações esgotadas
HELGA
(O segredo da maternidade)
comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade àquelas pessoas cuja aparência possa suscitar dúvidas

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
As 21 h.
MEDIGAN O AVENTUREIRO DE TAHITI

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os Direitos da Mulher» (17 anos).
TEATRO GIL VICENTE — Às 22: «A moção» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Ri-te, Ri-te» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Espartaco e os escravos» (12 anos).
PARIS—Às 21: «Espia sem nome» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «A forte barreira» (12 anos)
ROYAL — Às 21: «Ladrão Roubado» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Fantomas passa ao ataque».
ARCO ÍRIS — Às 21: «O nosso agente em Marrasksky» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «Django» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Este é o meu mundo» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «Não sou digno de ti» (12 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «Arabesco» (12 anos)
CINEARTE — Às 21: «Diabólicamente tua» (17 anos)
MOSCAVIDE — Às 21 h.: «Pistoleiros do Arizona» (12 anos).
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: «7 contra o mundo» (12 anos).
BAIRRO ENCARNAÇÃO—Às 21 h.: «Ninguém foge para sempre» (12 anos).
BOMB. V. LOURES — Às 21 e 45: «Os devassos» (17 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS - CINE — Às 21: «Tarzan encontra um filho» e «Hondo o destemido» (12 anos)
PAREDE — ROYAL - CINE — Às 21: «Bullit» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 21 e 30: «A pequena virtude» (17 anos); CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «A batalha de Anzio» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A partilha» (17 anos).

● Outra Banda

COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA—Às 21: «Chitty Chitty, Bang Bang» (12 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO-JARDIM — Às 21: «Jerry, enfermeiro sem diploma» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 30: «Libertador do cidade» e «Guerra dos mundos» (12 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Amor de perdição» (12 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «O ultimo degrau» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Sob o fogo da metralha» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Hércules contra o vampiro» e «Maria Moreno» (17 anos)
CACÉM — CINEMA S. JOÃO — Às 21: «Calma, Freddy!» e «Operação Istambul» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «A brigada do diabo» (17 anos)
SINTRA — CINE-TEATRO — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «A minha filha é um problema» (17 anos)
ERICEIRA — CASINO — Às 21: «Os teus, os meus e os nossos» (17 anos)

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ **A sociedade do filme «Lincoln Center» vai organizar uma homenagem a Jean Renoir. Entre 4 a 18 de Setembro, serão apresentados trinta filmes do cineasta, por ordem cronológica, alguns deles inéditos nos Estados Unidos.**

■ **O presidente da Motion Picture Association of America, Jack Valenti, declarou no seu regresso de Moscovo, onde esteve aquando da realização do Festival Cinematográfico, que as autoridades russas «demonstraram um grande interesse pelas co-produções russo-americanas», e que felicitaram os norte-americanos pelo filme «2001: Odisseia no Espaço», apresentado no referido certame.**

■ **Num congresso de psicanalistas, que se realizou em Roma, intervieram Giorgio Albertazzi e Laura Antonelli, respectivamente, o realizador e a protagonista do filme «Gravida», que começa a ser rodado em fins do corrente mês e que relata a história de um homem que se enamora de uma estátua.**

■ **As relações entre o indivíduo e a sociedade são o tema, do filme «A Cidade Violenta», que o realizador italiano Sérgio Sollima vai rodar, totalmente, na cidade de Chicago.**

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno L

ALAMEDA — Esperança, R. Carlos Mardel, 101-B (722868)
ALCÂNTARA — Nogueira, R. do Creche, 2 (631635)
ALTO S. JOÃO — Oriente, R. Lopes, 20 (843387) * Teles, R. João de Barros 2 (638249)
ALVALADE — Brisólia, Av. Rio de Janeiro, 66 (722368) * Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (776358)
AMOREIRAS — D. João V, R. D. João V, 16-C (682772)
ANJOS — Matos, R. Álvaro Coutinho, 10 (404711)
AREEIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (715370) * João XXI, Av. João XXI, 116-A (726462) * Nova Lisboa, Rua Guilhermino Sugg.a, 12 (727721).
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (765107) * Avenidas, Av. da Republica, 27-A (533688) * Império, Rua Filipe Folque, 40-A-B (48002) * Palma, Av. Duque de Avila, 25 (47088).
BAIRRO AZUL—Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A (5145)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (31126).
BAIXA — Americana, Calç. de Santana, 3 (863984) Costa, Praça do Figueira, 6-B/C (328381).
BELÉM — Remisio, R. dos Jerónimos, 14-C (631699) * Sepol, Calçado do Boa Hora, 94-A (631958)
BENFICA — Lisboa, R. Claudio Nunes, Lote, 2 (703393) * Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027).
CAMÕES — Combro, Calç. do Combro, 78 (326059) * Azevedo Irmão & Veiga, R. do Mercádia, 24 (323540)
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (688857) * Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (671667).
CAMPOLIDE — Lab., R. Rodrigo da Fonseca, 101-101 A (682333) * Pátria, Calçado dos Mestres, 30-A (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (78018).
CONDE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (52076).
ENTRECAMPOS — Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres 38-A (774920)
ESTEFÂNIA — Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (44438)
ESTRELA E LAPA — Central da Lapa, R. dos Navegantes, 10 (661734)
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867842) * Rosa & Viegas, R. de S. Vicente, 31 (864351) * Bastos Andrade, Calç. de St.º André, 101-111 (860450) * Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 12-C (862333)
LUMIAR — Alameda, Av. das Linhas de Torres, 201-B (790942) * S. Tomé, Est. do Desvio, Lote 2-C (790704)
MADRAGOA — Lealdade, R. do Olival, 226 (663441)
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 9 (311237)
PALHAVÃ — Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764679)
PATRIARCAL — São Marçal, R. de S. Marçal, 00 (325318)
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, Rua Padre Senc Freitas, 10-A (842518)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, 6-A (728395 * 720703)
SÉ — Nacional, R. de S. João do Praça, 26 (863682)
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Salter, Rua de Xabregas, 63-65 (381185)
MOSCAVIDE — Império — Rua Oliveira, 44 (Tel 251820).

● Linha de Cascais

ALGES — Branco — Av.ª Comb. Guerra, 29 (Tel. 212070).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Avenida Patrão Lopes, 4 (243203)
OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões, 18 (2430058).
PAREDE—Alsir—Av. Gago Coutinho — B das Caixas de Previdência (Tel 2472948).
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (Tel 261186).
CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb. G. Guerra 40 (Tel 280170-28 4 9); Nova — Estrada de Alvide—Fontainha, (T. 281044).

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco — R. Elias Garcia, 209 (Tel 930019); Flama — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av.ª D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel 938149)
DAMAIA — Lemos, R. de Goa, 8-A (971121).
QUELUZ — André — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz — Av. Miguel Bombarda, 23-A (Tel 951841)
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel 2940034).
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes (Estefânia) — Largo Afonso de Albuquerque (980058)
COLARES — Colares — Abrejo (Tel. 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234 31)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av.ª do Bela Rosa 8 (224250)
ALMADA — Central — R. de Olivença, 1 (Te 270504)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional 221-B (224 41)
BARREIRO — St.ª Marta — R. do Lavradio, 11-C (Tel 2272 41).
COVA DA PIEDADE — Atlântica, Quinta do Pombal, (274365)
MOITA — União Moitense, Av.ª Dr. Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Diogo, R. Almirante Cândido dos Reis, 42 (230092)
SESIMBRA — Leão Av.ª Salazar (229471)
SETUBAL — Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (22408) * Portugal, R. Camilo Castelo Branco (232 1)
SEIXAL — Seromenho — R. Paiva Coelho, 38 (Tel 22 8560)

SERVIÇOS URGENTES

Teletones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gazcidla 538821 * Gazcidla (dom. e feriados) 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 * Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Publica, 366141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santo Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 * 771169 * Transfusões, soros e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos - de - ferro (C. P.), 869029 * Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 * Estação fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima de Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638531

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	14/8/69	22/8/69	Desvio %
GERAL	140,7	142,6	+1,4
METROPOLITANAS	137,0	139,2	+1,6
Bancárias	228,1	230,5	+1,1
Eléctricas	95,0	95,5	+0,5
Industriais	125,2	127,1	+1,5
Diversas	151,6	161,0	+6,2
ULTRAMARINAS	168,0	167,4	—0,4
Angolanas	172,8	172,8	0
Moçambicanas	112,3	105,7	—5,9

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M 5 anos)

RESTAURANTE
CUNHA
SALA PARA BANQUETES
GERÊNCIA DE CUNHA
PROPRIETÁRIO DO RESTAURANTE CENTRAL DE PARIS
AV. PARIS, 14-A-Tel. 726968

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE MONDEGO
COZINHA À PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 e 19 (ao Rossio)
TELEFONE 36 81 60

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.ª-feiras)
(Maiores de 15 anos)

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

OS QUATRO FUGITIVOS ATINGIRAM ALVALADE

APENAS COM OITO SEGUNDOS DE AVANÇO

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

Em Portugal continental o vento era geralmente fraco do Norte, a norte do rio Tejo e fraco de Noroeste a sul daquele rio O céu estava limpo

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 18°; Penhas Douradas, 6°; Portalegre, 20°; Lisboa, 19°; Faro, 21° e Funchal, 23°

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máximo: Elvas e Régua, 30°,5. mínima: Montalegre, 8°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL—Na atmosfera: 20°, na água do mar: 16°,8

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu limpo, com excepção de alguns locais no litoral oeste, onde poderá apresentar-se por vezes, nublado. Vento fraco do Norte e nortada moderada a forte no litoral oeste, principalmente entre o cabo Carvoeiro e Sines.

Amanhã
Nascer ás 6 e 59
Ocaso ás 20 e 19

Dia 27 Dia 3 Dia 11 Dia 19

MARÉS.
PREIA-MAR. Dia 23 — 2 e 40 (3,4 m) Dia 24 — 1 e 22 (3,4 m); 13 e 51 (3,7 m) Dia 25 — 2 e 28 (3,6 m); 14 e 50 (4 m). BAIXA-MAR: Dia 23 — 6 e 01 (1,7 m); 18 e 50 (1,5 m); Dia 24 — 7 e 10 (1,5 m); 19 e 55 (1,3 m) Dia 25 — 8 e 10 (1,3 m); 20 e 48 (1 m)

VIAGENS IT
(7 dias)
AS CAPITAIS DO MÉDIO ORIENTE
(Ida e volta de avião — estadia em bons hoteis, em regime de alojamento e pequeno almoço — visita da cidade).
BELGRADO ... 6.700$00
ANKARA ..... 8.670$00
CAIRO ..... 8.820$00
BEIRUTE ..... 8.990$00
TEL-AVIV ..... 9.020$00
AMMAN ..... 9.180$00
BEGHDAD ..... 11.080$00
CONSULTE-NOS
Telefs.: 53 98 71 - 36 25 01
UTILIZE O CREDI-STAR
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa · Estoril · Porto · Faro · Funchal · Luanda

JÁ PODE VESTIR-SE ONDE VESTIA SEUS FILHOS E NETOS
BALÃO VERMELHO
É NOVA SECÇÃO N.º
AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 1-B — Telef. 41279

(Continuação da 1.ª pág.)

ma), todos com 2 horas, 59 minutos e 38 segundos.

Os 47 corredores ainda em prova, tinham partido das Caldas da Rainha ás 9 e 30 horas, para percorrerem os 119 quilómetros que compreendia a 14.ª tirada até Lisboa.

Fuga de Manuel Mestre

Pouco antes do desvio para Óbidos, o tavirense Manuel Mestre deu início ás operações com uma tentativa de fuga que acabaria por resultar. Em Óbidos, o seu avanço era de cerca de dois minutos. Entretanto, também Lino Santos (Sangalhos) e António Pereira (Coelima) conseguiram «sair» e isolarem-se.

Entretanto, o benfiquista Américo Silva foi obrigado a mudar de roda por duas vezes sendo depois auxiliado na recuperação pelos seus companheiros Valdemiro Cardoso e Pedro Rodrigues.

O trecho inicial da tirada foi corrido em excelente velocidade, apesar das dificuldades que a estrada, pejada de publico, e muito estreita, por vezes apresentava.

A «Meta volante» estava instalada em Torres Vedras e foi alcançada por Manuel Mestre após 1 h. e 2 m. de prova.

A seguir passaram Lino Santos e António Pereira e pouco depois o pelotão, comandado pelos homens do Benfica

Fuga de Leonel Miranda e Pedro Moreira

A saida de Torres, mais dois homens lograram abandonar o pelotão: o sportinguista Leonel Miranda e o benfiquista Pedro Moreira.

Em boa pedalada, rápidamente apanharam Lino Santos e António Pereira, constituindo um pequeno pelotão. No Turcifal, o fugitivo tinha 55 segundos de avanço sobre o quarteto e este ia com a vantagem de 1 m. e 5 s. do pelotão. A velocidade continuava endiabrada, tudo fazendo prever que a média podia ser largamente excedida.

Ainda antes de Mafra Manuel Mestre foi alcançado pelos seus perseguidores: Leonel Miranda, Pedro Moreira, Lino Santos e António Pereira. Na meta instalada em Mafra, Leonel Miranda foi o primeiro com o tempo de 1 hora e 48 minutos.

Estes quatro homens deixaram para trás o tavirense e prosseguiram, em boa pedalada, aumentando o seu avanço sobre o pelotão. Em Joeiros, a 79 kms da partida, a sua vantagem era de 1 m. e 35 s.

Sempre em bom andamento os fugitivos alcançaram Pero Pinheiro. Nesta localidade, passou em 1.º lugar o benfiquista Pedro Moreira, seguido de Leonel Miranda e de Lino Santos.

No Estádio de Alvalade, Leonel Miranda «sprintou» muito bem e ganhou a etapa, por entre os aplausos de todos os sportinguistas presentes. O «camisola amarela» chegou seis segundos mais tarde.

Média requerida pela organização: 37 km/hora. Média feita pelos primeiros corredores: 39,747 km/hora.

Em Alvalade, a ordem de chegada foi a seguinte:

1	L Miranda (Sp.)	2 59 38
2	P Moreira (Bf.)	
3	L Santos (Sang.)	
4	A Pereira (Coel.)	m. t
5	J Agostinho (Sp.)	2 59 46
6	Fer. Mendes (Bf)	
7	J. Andrade (Sang.)	
8	Ed. Santos (Bf.)	m. t
9	V. Rocha (Sp.)	2 59 54
10	N Timóteo (Sp.)	
11	Man. Costa (Bf.)	2 59 54
12	P. Rodrig (Bf.)	
13	João Roque (Sp.)	
14	Tenazinha (Sp.)	
15	M. Silva (Porto)	
16	Bernardino (Sp.)	
17	Pacheco (Porto)	
18	J. Leão (Porto)	
19	A. Graça (Tav.)	
20	H Niel (Porto)	
21	D Vitorino (Bf.)	
22	H Oliveira (Sg.)	
23	J Coelho (Amb.)	
24	S Páscoa (Sp.)	
25	Amér. Silva (B.)	
26	Aug Fortes (B.)	m t
27	N. Duarte (Sang.)	3 00 06
28	M Castro (Amb.)	
29	Manuel Luís (Bf.)	
30	J Moreira (Coel.)	
31	J Azevedo (P.)	
32	Joaq. Leite (P.)	
33	F. Martins (Tav.)	m t.
34	A Salazar (Coel.)	3 07 15
35	J. Pereira (Coel.)	3 07 15
36	J Freitas (Amb.)	3 09 48
37	J Diogo (Tav.)	3 12 32
38	M. Mestre (Tav.)	3 16 01
39	A. Teixeira (Tav.)	3 00 27
40	J Pinhal (Bf.)	m. t.
41	S Vieira (Amb.)	3 00 40
42	V. Cardoso (Bf.)	3 01 15
43	P. Doming. (Sp.)	m. t.
44	C. Oliveira (San.)	m. t.
45	E. Dionísio (Sp.)	3 02 48
46	Nelson Sá (Amb.)	3 03 01
47	H. Silva (Amb.)	3 03 15

GERAL — INDIVIDUAL

		H	M.	S.
1	F. Mendes (Bf.)	35	36	53
2	A. Teixeira (T.)	35	37	33
3	J Andrade (Sg)	35	37	43
4	J Agostinho (S)	35	37	48
5	M. Silva (FCP)	35	38	10
6	F. Bernard. (S)	35	39	33
7	J. Pacheco FCP	35	42	08
8	J. Azevedo FCP	35	45	36
9	Vítor Rocha (S)	35	46	03
10	A. Silva (Bf.)	35	46	19
11	J Leão (FCP)	35	46	20
12	A Graça (Tav.)	35	47	05
13	A. Fortes (Bf.)	35	47	10
14	J. Pinhal (Bf.)	35	47	18
15	L. Miranda (Sp)	35	49	35
16	H Niel (FCP)	35	49	39
17	J. E. Santos (Bf.)	35	49	57
18	M. Costa (Bf.)	35	51	07
19	D. Vitorino (Bf.)	35	51	15
20	H Oliveira (Sa.)	35	51	35
21	E. Dionísio (Sp.)	35	52	12
22	V. Cardoso (Bf.)	35	53	28
23	P. Doming. (Sp.)	35	53	41
24	N. Duarte (San.)	35	54	19
25	J. Coelho (Amb.)	35	54	34
26	J. Roque (Sp.)	35	54	35
27	Joaq Leite (P)	35	54	39
27	Sousa Vieira (A.)	35	55	33
29	Sér. Páscoa (S.)	35	56	30
30	Man. Luís (B.)	35	56	33
31	F Martins (T.)	35	57	46
32	P. Moreira (B.)	35	57	52
33	V. Tenazin (S.)	35	58	09
34	J. Freitas (A.)	36	00	00
35	P Rodrig (B.)	36	00	48
36	J. Moreira (C.)	36	02	23
37	L. Santos (Sg.)	36	03	58
38	J. Pereira (C.)	36	05	17
39	H. Silva (Amb.)	36	05	44
40	M. Castro (A.)	36	06	13
41	C. Oliveira (Sg.)	36	06	48
42	Timóteo (Sp.)	36	07	02
43	A. Pereira (C.)	36	07	48
44	Wilson Sá (A.)	36	14	11
45	A. Salazar (C.)	36	15	53
46	M. Mestre (T.)	36	23	20
47	J. Diogo (Tav.)	36	30	20

Declaração de Nasser

que, com a vontade de Deus, acabem por sair vitoriosos.»

O presidente acrescentou que, após o fogo de quinta-feira, que destruiu parte do santuário muçulmano, «não tomamos qualquer atitude precipitada, resolvendo aguardar porque não podíamos imaginar que o acto fosse intencional.»

«No entanto, as provas concludentes que temos agora perante nós não permitem a ninguém imaginar seja o que for além da verdade, por muito sombria e terrível que ela possa ser» — acrescentou Nasser.

O presidente disse ás suas forças armadas, que se encontram perante «um inimigo que não desafia os homens, pois, na sua arrogância e insanidade, desafia os próprios santuários que Deus escolheu para habitar».

FAIÇAL: «GUERRA SANTA»

«Malogradas todas as tentativas políticas, peço-vos agora que declareis a «Jihad» (Guerra Santa) para libertar os lugares santos de Jerusalém» — afirmou hoje o rei Faiçal da Arábia Saudita, em apelo transmitido pela rádio a todo o mundo islâmico

Aquele soberano, como guardião de Meca e de Medina, compartilha com Hussein da Jordânia a responsabilidade pela mesquita de Al Aksa, icendiada anteontem em Jerusalém.

Nenhum dirigente árabe, até agora, se identificou tanto com o Islão como Faiçal, convidando todos os muçulmanos «a erguerem-se para a libertação dos lugares santos islâmicos na bem amada Jerusalém, armados com a fé, que é mais forte do que qualquer arma».

O rei declarou hoje que «todas as soluções políticas são apenas uma sombra para dar ao sionismo internacional uma oportunidade de levar a cabo o seu objectivo expansionista de dominar o Mundo».

«Estamos certos — prosseguiu Faiçal — de que todos os povos que crêem em Deus e que estão ligados aos princípios do direito e da justiça no Mundo nos apoiam na nossa causa e nos auxiliarão.

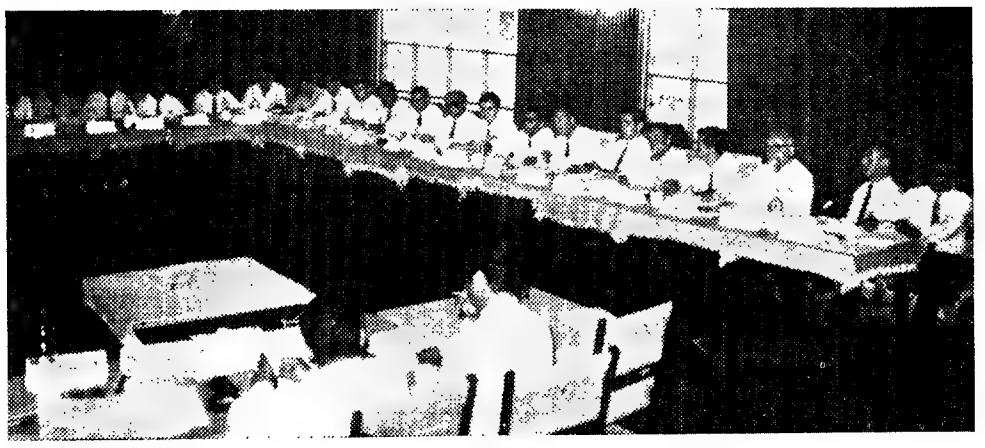
«Nós, os muçulmanos — sublinhou o soberano saudita, na mensagem captada no Líbano — devemos preparar o dia, o dia muito próximo, em que nos encontraremos todos na cidade de Jerusalém, para libertar a nossa terra e salvar os nossos sagrados santuários das mãos dos traiçoeiros sionistas e conseguirmos a vitória ou o martírio.»

— A «ESTA» PODE-SE DAR «BOLEIA», PORQUE É DE CONFIANÇA!...

A VENDA EM TODO O PAÍS
EM LISBOA: LISÁGUA DISTRIBUI
Pedidos — Telefs. 55336-553809

Externato SÁ DE MIRANDA
ENSINO PRIMÁRIO
CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL
DIURNO — NOCTURNO
RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (A AL. REIS)
Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

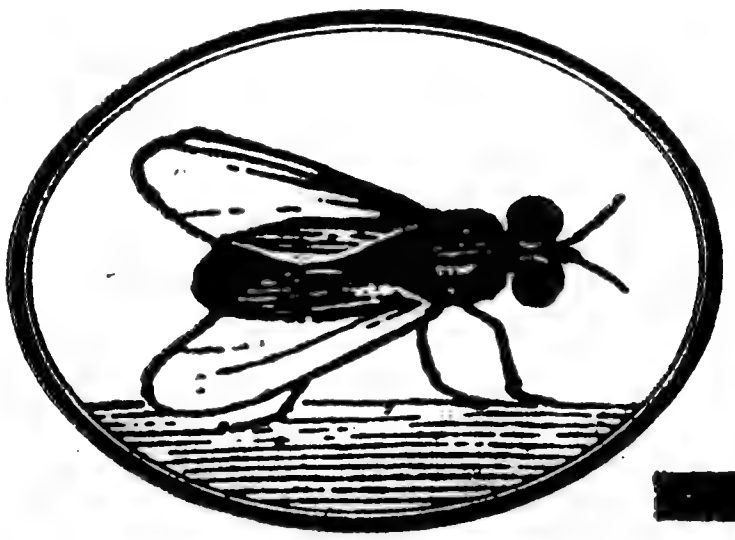
«A Mundial» continua a actualizar os seus processos de trabalho



Consciente da necessidade de se integrar numa linha de actualização e eficiência, para melhor servir os seus segurados e manter a posição de relevo que ocupa na industria Seguradora, A MUNDIAL realizou mais um seminário, desta vez dedicado especificamente ao ramo VIDA.

Instalados num hotel perto de Lisboa, elementos da própria Companhia e Delegados de algumas zonas do País (dada a vasta rede de Agentes e Delegados de que a Companhia dispõe em todo o País, procedeu-se a uma delimitação regional), num total de 50 especialistas, participaram activamente nas reuniões técnicas que abrangeram diversos aspectos do ramo VIDA.

Encerrou o ciclo de trabalhos, o sr. Manuel Prego, Administrador da Companhia, que, agradecendo a presença de todos e o elevado espírito com que, Delegados e Agentes, se integraram nesta nova fase evolutiva da Companhia, fez entrega de Diplomas aos participantes. Foram também distribuídos aos funcionários, que completaram 25 anos de casa, emblemas comemorativos.



CADA MOSCA,
SEU PALADAR!

20

A MOSCA

Texto
de
Pedro Alvim

desportos de VERÃO

O

Um campeonato de tiro ao arco internacio nal não se resume só à flecha na «mouche». É mais do que isso: é toda aquela conversa que se estabelece entre cidadãos de diferentes países. Só que, na prova disputada no último do mingo no Estádio Nacional, únicamente dois países se encontravam frente a frente: o nosso e a França. Assim sendo, foi um convívio com «merci», «s'il vous plaît», «enchanté, mademoiselle». Amizade desportiva, um nadinha mundana, apetitosa... E, para além de tudo o mais, um sol não muito quente alegrava os olhos das pessoas, tornava-as nítidas, coloridas, presentes. Tudo quanto de abstracto existe dentro de nós era destruído pelos arqueiros: a seta na «mouche» era um grito vivo e concreto. ▶

a seta na «mouche»

A vitória coube à França, ali representada pela Liga da Normandia. Muitos foram os pontos conquistados pela família Lemirre: pai, filha e filho. O repórter ainda os está a ver. Que felizes! Que descontraídos! Sentava-se o pai Louis numa cadeirinha de lona, seguro de si, campeão da modalidade em França, uma barba curta a emoldurar-lhe o rosto. Aguardava, calmo, a vez de retesar o arco — e Jean-Paul e Annie hábeis arqueiros também, eram a alegria dos seus olhos.

Uma após outra, as setas acertavam nos alvos. Não se ouvia um silvo. Só uma pancada seca: toc! E quando a família Lemirre retirava as setas dos alvos, fazia-o com plena satisfação. Os três pareciam arrancar da vida toda a alegria, o aroma, o salto, que a vida tem numa manhã de sol. E sorriam, distanciavam-se, estavam unidos por invisíveis setas que se entrecruzavam. Uma família feita de carne saudável, bem apontada, uma canção nos dentes. A felicidade, enfim, chamava-se Lemirre: Louis, Annie, Jean-Paul.

*

Estava a manhã amabilíssima a ser alvejada pelos arqueiros de ambos os países, quando um problema surgiu em plena prova...

Terminada que fosse esta, iriam os desportistas almoçar no *Refúgio do Mocho*, na Vialonga. E eis que, 11 horas, apareceu a ementa escrita com letra da instrução primária portuguesa, ali trazida (talvez) por um empregado de tão escondido restaurante. Logo o presidente da Liga da Normandia, homem possante, galhofeiro, com um «slogan» de cinco palavras *(Les Lemirre sont le Triomphe)*, quis saber o que estava destinado para o estômago.

Entra em acção uma intérprete, jovem nacional, com sardas internacionais e perninha gorda. Agarra na ementa e diz assim:

— Bacalhau assado no forno.

O normando aguarda a tradução, enquanto as setas iam acertando nos alvos.

E a intérprete:

— *Il y a de la morue* assada...

O normando:

— Assadá...?

Não acode o termo aos lábios da intérprete durante um bom minuto. Por fim — ei-lo que surge:

— *Rôtie.*

— Ah, bom! — compreende o normando. E pergunta, seguidamente, se há alguma coisa mais além do bacalhau assado.

A intérprete lê em voz alta:

— Assado misto de carne.

Pensa cinco segundos e meio e, audaciosa, atreve-se:

— *Roti...*

Mas não sabe dizer *misto* em francês. Opta por uma explicação:

— *C'est un rôti avec deux chairs...*

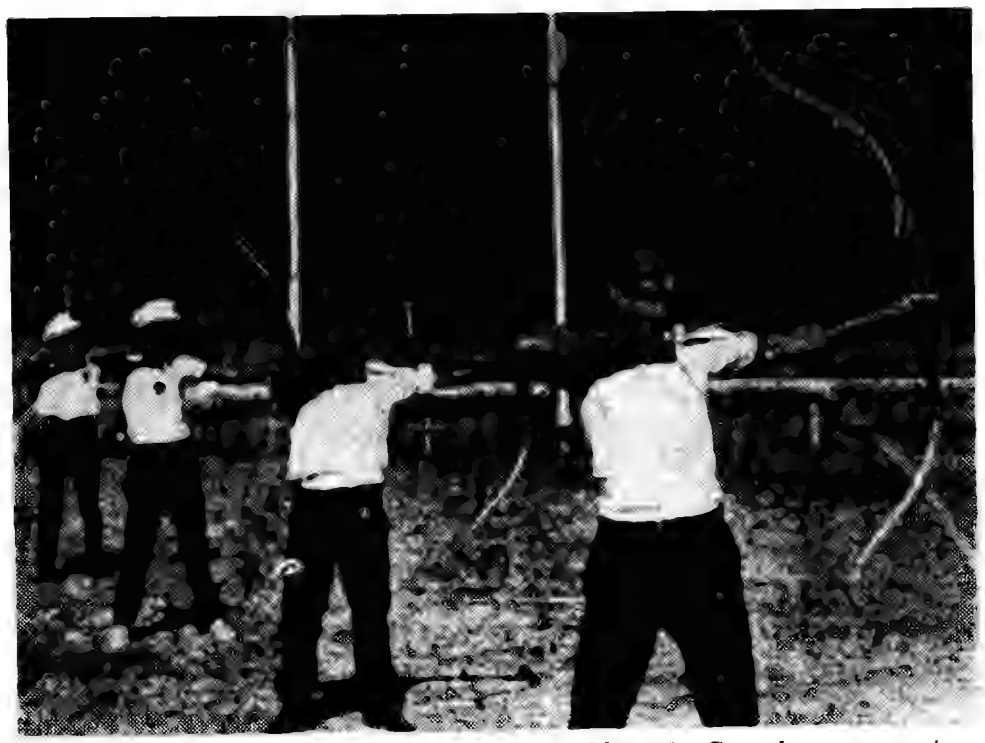
O normando fica um tanto espantado: canibalismo em Portugal...?

Dá, porém, pela «gaffe» da jovem, e diz:

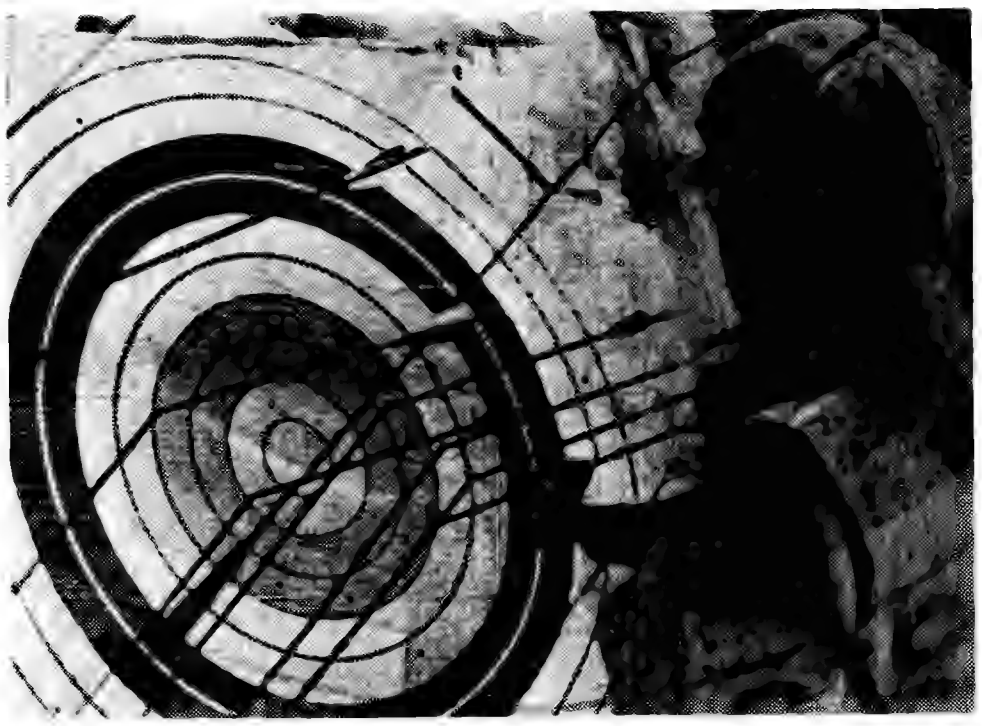
— *Ah! C'est un rôti avec deux sortes de viande!*

*

Daí a momentos, uma seta, mal apontada, acerta no coração do repórter e fecha-lhe os ouvidos para sempre. Não lhe lamente o leitor a sorte: foi uma manhã (de pequenos nadas) bem passada.

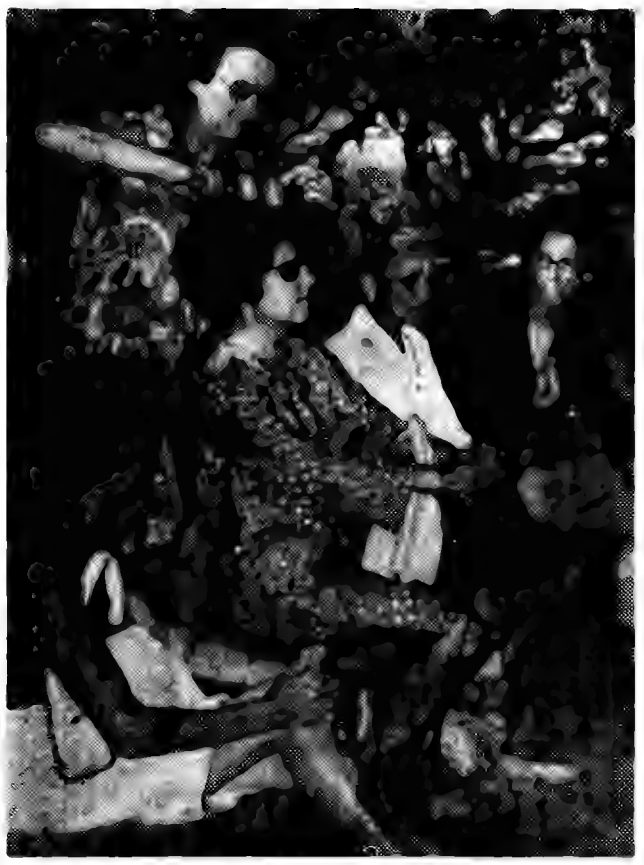


Quem acerta a «mouche»? Um português, Edmundo Gonçalves, conseguiu o máximo: trinta pontos



As setas no alvo. Arrancá-las, era colher a satisfação da vida...

Jean-Paul Lemirre, filho do campeão francês Louis Lemirre, espera a sua vez de retesar o arco. A irmã, Annie, aponta a seta (ver primeira página) ao coração do leitor...



Ah, uma cabeça de mulher!

Pontaria portuguesa

Desenho de Ferreiro

ALGARVE de VERÃO

desportos

1. HISTÓRICO

A história do Algarve (algarve, do árabe «al garb», o ocidente, o que mostra o avanço da geografia árabe pois toda a gente sabe que o Algarve está a norte de Marrocos e a sul da Lslândia), a história do Algarve resume-se a um personagem que é o Remexido. O Remexido chamava-se o Remexido porque se remexia muito e no fim remexia tanto que o acabaram por pôr a remexer desta para melhor. Embora toda a gente saiba a história do Remexido, não consta que os drugstores vendam posters com ele, vivo ou morto. Os primeiros turistas que vieram ao Algarve foi por causa do Remexido e até vinham todos de uniforme para se distinguirem dos autóctones que, se alimentavam de carne humana e de raízes bravas.

2. GEOGRÁFICO

O Algarve tem duas zonas geográficas, o litoral e o interior. O litoral fica no litoral. Embora certos espíritos mal intencionados digam que o litoral é banhado pelo Atlântico toda a gente sabe que não é mesmo. O litoral do Algarve é banhado pelo Mediterrâneo, como qualquer mapa dos turismos locais indica.

O interior do Algarve consiste em três serras. A da ponta são o Espinhaço de cão e o Mu de boi ou Caldeirão de gato, e a do meio é Monchique. A serra civilizada é, como o próprio nome indica, Monchique (do árabe «mon chic», o monte chique, porque era reservado aos xeiques ou xeques, e não era um almorávida qualquer que lá ia). As outras duas, como os nomes também indicam, são reservas de caça tal como a tapada de Mafra.

3. TURISTICO

A população local é constituída pelos turistas e pelos autóctones. Os autóctones são os que fazem excursões para ir ver os turistas. Os turistas são de duas espécies, nacionais e estrangeiros. Ambos têm máquinas fotográficas, carro e mapas no assento, e distinguem-se porque no Verão se vestem como nunca se vestiram nos outros meses. O fenómeno é idêntico ao que se verificaria quando, ao partirmos uma noz, encontrássemos lá dentro uma laranja descascada. Assim, é possível ver uma embaixatriz com celulite no invólucro de uma play-girl do Maravilha-bar; e pode ver-se um médico de primeira ou um assistente de segunda com a casca dos play-rapazes do Fort-Vieux, ainda que o conteúdo se derrame pelas bermudas sob a forma de banhas inodoras à força de detergente. Estes são os turistas nacionais; e é bom acentuar que a forma nunca contém o conteúdo, pelo que se vêem os médicos de bermuda a beijar a mão às embaixatrizes de Barriguda, nas Antilhas, ou estas embaixatrizes sentadas com médicas, decoradoras, domésticas, professoras do ensino liceal, todas debaixo de um toldo em que dificilmente caberia um gato-pingado, e ainda com os filhos que não podem apanhar sol, as criadas que tomam conta dos filhos, as sogras que não se despem e olham, com os três ou quatro dentes que lhes sobram de uma mastigação difícil na boca aberta, os seminus adolescentes e dolescentes; e esta gente toda junta-se uma por cima da outra, as senhoras a conversar enquanto as formas lhes saem para fora à força de gordas e contidas, as crianças a brincar nas salas das criadas que as seguram para fazer ch-ch-, as sogras a olhar e o toldo a suar porque já passa da uma e na água não se pode estar, que porcaria, com o povinho todo que vem à praia .

Os turistas estrangeiros são as turistas estrangeiras. Há de três espécies, para ser olhado, para ser mexido e para mexer. A primeira parte acaba por ser a segunda e a terceira a primeira. As que são olhadas mexem nos nervos de senhoras em invejas de menopausa que não suportam a indecência. As turistas mais mexidas são as nórdicas, porque vêm do frio e ficam descontraídas com o calor. É com as turistas estrangeiras que a maior parte dos filhos família nacionais se libertam do complexo de Édipo, com secreta satisfação das mães que constatam o desenvolvimento dos filhos e com grande indignação das mães que constatam o desenvolvimento de um netinho, de olho azul e cabelo preto

4. MORAL

A sociedade algarvia pròpriamente dita rege-se ainda, tal como na Beira Baixa e em Freixo de Espada à Cinta, por leis rígidas em relação aos três momentos essenciais de uma vida, a saber, a educação, o casamento e a vida social. A D. Beatriz Nazareth, no seu Manual de Civilidade e Etiqueta escreve o seguinte:

1.º A educação

«os meninos estarão sempre cuidadosamente vestidos para receber o seu professor. Exigir-se-á que falem muito delicadamente, respeitosamente m e s m o, àqueles que tomarem o mister de os instruir. Reprimir-se-há toda a velleidade de revolta contra a auctoridade do professor; os meninos acompanham até à porta o seu professor, que é superior pela idade, primeiro, e pelo saber. Quando uma menina tem mestres masculinos a mãe, a governante ou uma creada de certa idade, assiste sempre à lição.»

2.º O casamento

«o mancebo que distinguiu uma menina, e que deseja obtê-la para esposa não vae, inconsideradamente, pedi-la em casamento. Participa as suas intenções a seus paes ou na falta d'elles a uma amigo idoso, aos seu protector, a um superior, se as relações estabelecidas entre elle e este lhe permitem este passo. Officialmente escolhido, o pretendente veste a sua toilette de cerimonia e faz imediatamente aos paes da menina uma visita no decurso da qual é chamada a noiva. Esta entrevista reclama muito tacto da parte do futuro (é já mais que pretendente). Agradece com um certo ardor mas sem exagero. Durante a ceremonia, o pae conduz a noiva ao altar, esta ajoelha à esquerda. O noivo vai ajoelhar-se ao pé della à direita. Quaesquer que sejam as openiões religiosas do noivo cumpre-lhe manter, pela mais elementar etiqueta, uma attitude convenien-te. A noiva não deve occupar-se com o que se passa em torno d'ella e quando pronuncia o sim sacramental deve voltar-se ligeiramente para seus paes, como a pedir-lhes um último consentimento.»

3.º A vida social

«ninguém é tão atento como o verdadeiro gentleman em cumprir as pequenas obrigações da vida. É cheio de respeito e suavidade para as senhoras. Para lhes falar, doma a sua voz forte; para não as assustar, modera a aspereza das suas maneiras masculinas. Não responde grosseiramente à palavra inconsiderada que pode escapar à senhora. É neste assumpto que adquire os dons melhores e mais encantadores. Falla d'ella, mesmo fóra da sua presença, com um respeito infinito. Não a compromette nunca e, sendop reciso, defende-a com a sua palavra e o seu braço

A senhora não é talvez completamente feliz mas não deve procurar consolações reprovadas. Cumpre o seu dever simplesmente, sabe que não existe a felicidade completa e não tem sonhos impossíveis ou, pelo menos, affasta-os. Esta senhora pode envelhecer. Pura, doce, amante, ficará sempre encantadora, ainda mesmo quando tiverem nevado os seus cabellos. A sua casa será muito frequentada e encontrarão junto della bons conselhos, expresso- com graça. Não é pois a mulher Aquela que torna o omem feliz É aquela que cora como as outras, mas lagrimas sem remorsos.»

É pois, ao transc.ever estes passos, uma imagem da vida nos lares felizes de Sagres a Vila Real de Santo António que nos fica na retina. O Algarve é ainda um lugar paradisíaco — mas não o Algarve histórico, geográfico ou turístico. É o Algarve Moral que deve ser procurado, esse é que deve merecer a atenção do turista e não os outros, ou sim os outros mas acessòriamente

Uma nova mistura de uma velha ideia

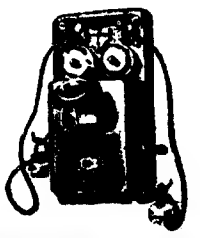
Os melhores whiskies escoceses numa combinação perfeita

Macieira & Cª Lda.
RUA IVENS, 48 - LISBOA

A MOSKA

MAGAZINE DO DIARIO DE LISBOA

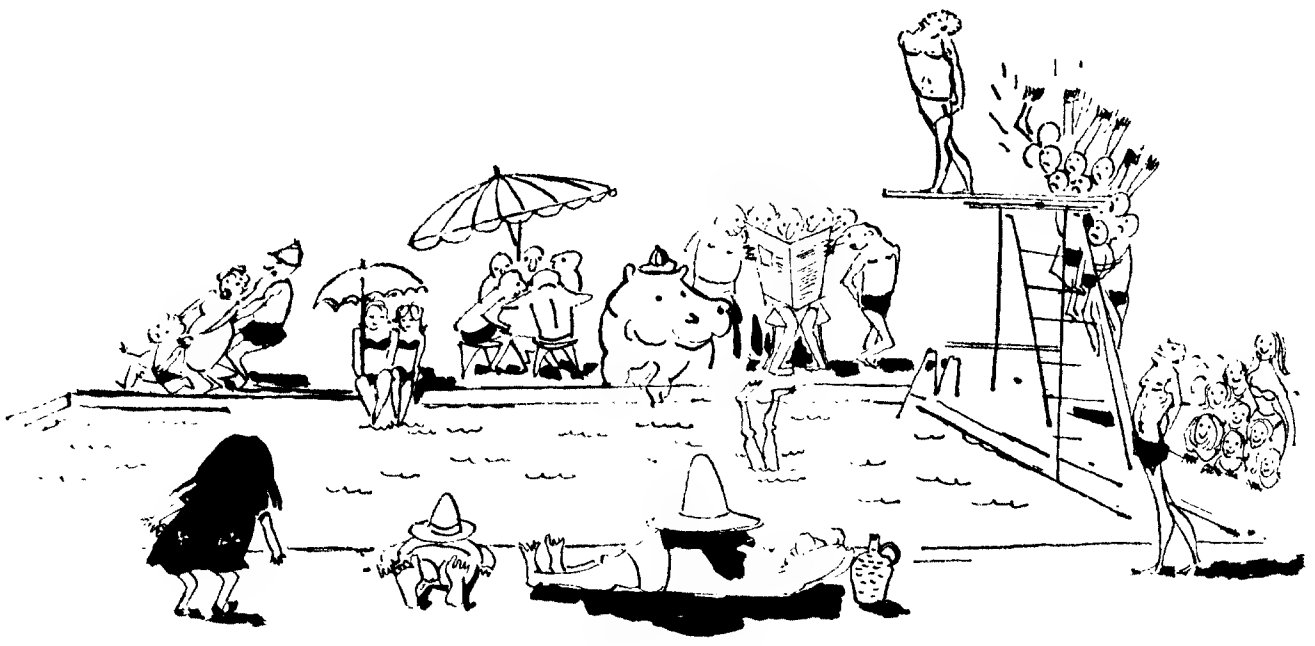
A seta na «mouche»
A casa fantasma
Pedalando e assobiando
Ernesto Ranuncio
Marlon Brando
No princípio era o verbo
Duques de Windsor
Os carros da Lua
Canção do pedal
Mosca de bibe
Cartoons de Sam
Desenhos de Ferreiro



Impedido.

REDACÇÃO A PISCINA

Fui tomar banho á piscina que há no Estoril lá para quê é que eu não sei porque é mesmo ao lado do mar e tem água do mar e tudo só se é para quem não gosta de areia ou para quem se habituou à banheira da casa de banho e tem medo de coisas sem fim mas é um mimo porque está cheia de gente a fazer habilidades como no circo há uns que fazem ginástica para as pessoas verem e andam dum lado para o outro a fingir que tanto se lhes faz como se lhes deu mas basta olhar para eles e vê-se logo que se lhes faz porque a gente vê pelas costelas que estão a fazer força para meter a barriga para dentro e assim que se distraem salta-lhes a barriga e fica toda espetada e á outros que vão para cima da prancha e esperam lá em cima até estar toda a gente a olhar para eles e depois é que saltam ás vezes muito mal mas os mais engraçados são os actores que são os que julgam que são do cinema esses andam dum lado para o outro como os galos nas capoeiras com revistas estrangeiras debaixo do braço eu vi um sentado a ler uma revista chamada Match e passei por trás dele e vi que tinha o Século Ilustrado lá dentro e essa é que ele estava a ler a outra era só para vista coitado e vi um que ainda era mais divertido esse tinha um saco cheio de coisas e levou meia hora a arrumar tudo á volta dele a fingir que estava tudo desarrumado com a toalha ás três pancadas e depois deitou-se com um maço de cigarros de marca Gitana ao lado e passou toda a manhã a fumar mas dum maço de Português Suave que tinha muito escondidinho debaixo da toalha lá porquê não sei as mulheres também são muito divertidas vi uma senhora loiraça de idade assim assim toda besuntada com o filho ao lado e cada vez que aparecia uma mais nova ela começava a apontar para o



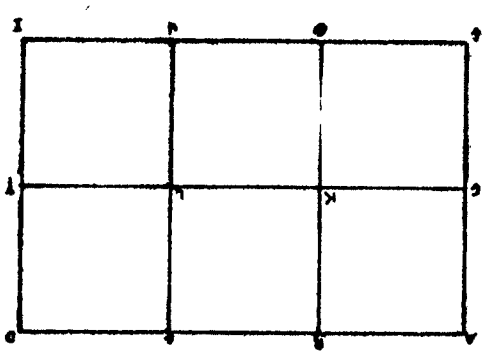
outro lado para o filho não a ver e depois vi-os ás bei jocas na estação e disse á minha mãe que nunca tinha visto uma mãe tão amiga do filho e mandaram-me meter o nariz na minha vida lá porquê não sei e vi outra que de cinco em cinco minutos dizia para uma amiga que na praia estava tanta gente que devia estar um horror e a amiga dizia um horror e vai ela dizia que não percebia como é que ainda havia gente que la para a praia e a amiga dizia que não percebia e vai ela dizia estás a ver como é que deve estar na Caparica hoje e a amiga dizia que estava a ver e vai ela dizia que na praia devia estar um horror e a amiga dizia um horror e vai ela dizia que não percebia como é que ainda havia gente que la á praia e a amiga dizia que não percebia e quando a gente se veio embora ainda estavam naquilo eu estive mesmo para lhes dizer que na praia estava menos gente que ali que até parecia a casa de prego lá da Graça em véspera de leilão com toda a gente a pagar as cautelas as conversas são todas assim, mas algumas são muito difíceis de perceber eu ouvi uma em que o meu pai disse que eram da política ele todo falas mansas a falar de uma guerra que há ao pé da China lá onde há fome e a comer Rajás e Clás ao mesmo tempo e a dizer que os homens não têm consciência e mais isto e mais aquilo principalmente mais sorvetes e a meter a mão e ela toda dengosa a dizer que se devia fazer qualquer coisa e a pedir mais sorvetes e a comê-los ai não quem pagava era ele eu quando for grande também quero um namorado da política mas lá meter a mão é que ele não mete que eu ferro-lhe uma dentada numa orelha e pronto a piscina é isto só não sei é porque é que as pessoas lá vão a não ser que seja para fazer estas coisas que eu disse.

MOMENTÓCIO

Retire cinco segmentos do esquema acima apresentado, de maneira que fiquem 3 quadrados dos seis apresentados na figura.

Segmentos ou EF, FG, BC, HI, e IT

AE, AB, GH, CD e DT



Sociedade Fabril de Tintas de Construção

TINCO S. A. R. L.

Informa

que os seus

escritórios

na Av. D. Carlos I-42 s/I **estão encerrados** ao sábado

que o seu

armazém

na Av. 24 de Julho n.º 170 **está aberto** aos sábados até às 12,45 horas

telefone 66 29 44 Lisboa

WINDSORS EM PORTUGAL

DUQUES FORA DO BARALHO

— Conheço Paris melhor do que ninguém. Sei o número exacto de passos entre Notre Dame e o Eliseu. E por uma razão muito simples: ocupei o lugar do meu pai, o rei Jorge nos funerais oficiais.

Quem assim fala está agora em Portugal. É casado com uma senhora que deve ser a dona de casa mais bela do Mundo: uma magnífica residência em pleno Bosque de Bolonha. Por essa mulher, também a residir temporàriamente no Estoril, em casa de Antenor Patiño, anfitrião do casal. Claro que eles são esses mesmo, os duques de Windsor, pois quem havia de ser?

O amor nasceu no coração de Eduardo VIII ainda seu pai, o célebre Eduardo VII do parque ali ao Marquês de Pombal, existia. E círculos oficiais viam com maus olhos sua amizade por uma mulher estrangeira e que já tinha sido casada.

Quando Eduardo VIII cingiu na testa a sua coroa, os deserdados britânicos viram nele um salvador, um rei de «avant-garde» um «rei da esquerda» se preferirem. No Outono de 1936 o seu amor por Wallis, a bela americana, subiu ao paroxismo. A corte britânica de 1936 pensara de maneira muito diferente das da Dinamarca ou dos Países Baixos, de agora. Wallis Simpson, a bela duquesa de hoje, não hesitou em fazer o papel que lhe competia e procurou dissuadir o rei, que não senhor, que se preocupasse antes com a coroa, que ela havia de se governar, usou até frases muito bonitas como «imola o teu amor por mim às razões de Estado», etc., mas Eduardo fez ouvido de mercador e deu-se a bronca.

— Se a História se repetisse, aconselharia de novo o rei a dizer-lhe adeus para sempre e a conservar o seu trono?

— Sem dúvida. Insistiria sempre para que ele me esquecesse. — Mas uma vez mais eu desobedeceria à duquesa e uma vez mais eu abdicaria. Há 30 anos que estamos casados. Sou o esposo mais afectuoso e atento dos direitos da própria mulher. Mas se tivéssemos que reviver Dezembro de 1936, tomava a mesma decisão: partiria.

— Sois felizes, não lamentais nada?

— Somos profundamente felizes. Estes trinta anos de união correram como um rio. Somos um casal extremamente unido. Vivemos uma vida doce, afectuosa; estamos sempre juntos, jamais nos separamos.

Quando se fala com uma pessoa que foi rei, deve dizer-se, segundo o protocolo, «majestade» ou «Vossa Alteza Real». Mas o duque não se importa com isso. Ele explica porquês:

— Em princípio não dou muita importância aos títulos. Basta que me digam «Sir». Mas para responder duma maneira precisa, calculo que há uma diferença essencial entre mim e os outros homens que foram reis: aqueles que tiveram de abandonar o trono contra sua vontade e que são, portanto, os «ex-reis», atrevo-me a dizê-lo. Penso que é cortês manter-lhes a designação mais alta; ora comigo é outra coisa; sou um antigo rei. Abdicando, renunciei aos meus direitos e aos meus títulos. Eis porque não quero que me chamem de majestade.

— É um especialista em vinhos?

— Fui, noutros tempos. Agora, confio-me ao meu «maître d'hotel», que tem um excelente gosto.

— Gosta da terra da duquesa, dos Estados Unidos, portanto?

— Adoro essa estranha terra. Imagine que compro fazenda em Londres mas todos os meus fatos são feitos em Nova York, num pequeno alfaiate que eu conheço bem e que me corta as calças. Eu e a duquesa chamamos a isso, por graça, as calças transatlânticas.

Perguntámos agora à duquesa:

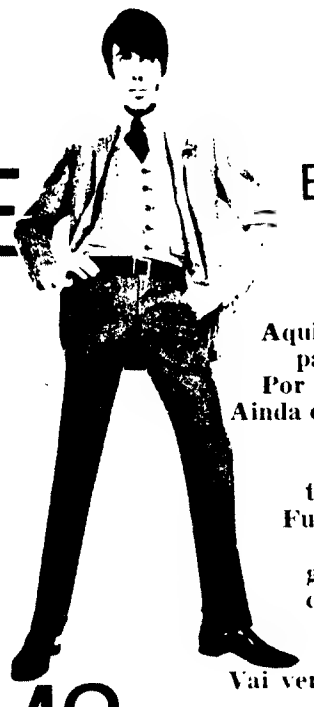
— Quais as vossas distracções?

— O duque joga o golfe uma vez ou duas por semana. Adora isto. Somos telespectadores assíduos, sobretudo dos noticiários. Prefiro temas históricos, livros de aventuras e quando sofro de insónias, agarro-me a um romance policial.

Não leio em francês. Claro que falo ao pessoal em francês e leio os jornais de Paris, mas não livros em francês. Eles usam palavras que não conheço.

JOAQUIM LETRIA

espiral



PORQUE TENHO TANTO CABELO E VOCÊ NÃO TEM?...

Entre nós, meu caro amigo... é

PERSONAL

Aqui onde me vê, tenho idade para ser seu pai! Bem, seu pai não direi, mas seu irmão mais velho... Não acredita? Por causa da cabeleira? Pois é, pareço um rapaz. Ainda ontem a «Pat» me disse com certo sorriso: «trrrinta e trrrês...». Quer saber o segredo? Vê este frasco? É Personal, o tónico capilar que evita a calvície prematura pois é uma loção cientìficamente preparada. Fundamentado em vitaminas, hormonas, antibacterianos, antimicóticos (são estas palavras difíceis que lhe garantem resultado tão fácil), Personal é o tratamento contra a calvície e a caspa. Faça como eu: aplique sistemàticamente o concentrado Personal nocturno e a loção Personal diurno na sua toilette matinal. Vai ver que, dentro em breve, outra «Pat» lhe dirá, também com certo sorriso «twenty trrrês...» Mas que isto fique entre nós... Não vale a pena darmos a chave do êxito a toda a gente! Lembre-se da concorrência, é

PERSONAL

À venda na sua farmácia habitual

Representantes: Aymami Peig, Lda.

Av. Grão Vasco, 45, r/c., Esq. Lisboa-5

BOLSA DO DISCO

— É sempre de assinalar o fim de um reinado. Os Beatles da Balada de John e Yoko cederam o lugar ao Elvis de In The Ghetto, que na semana passada entrara directamente para o 4.º posto. A Balada esteve 5 semanas no cimo da tabela. A outra canção dos Beatles que se encontrava classificada, baixou também, estando agora em 13.º lugar.

— A seguir a este facto, e igualmente notável, o estarem 2 discos portugueses entre os dez que mais se vendem actualmente: A Hora que Passa (Fausto) que na 19.ª semana estava em 11.º lugar e a gravação do Padre Fanhais com entrada directa para o 10.º posto.

— De resto apenas alterações de ordem, absolutamente naturais: baixa das duas versões de Oh Happy Day, subidas dos Bee Gees e de Zager & Evans e situação estacionária de Solomon Burke e dos 5th Dimension.

— Em posições secundárias mas com tendência ascensional estão os Amen Corner (Hello Susie) e os Procol Harum (A Salty Dog).

— Cotações colhidas na Discoteca Universal, Estabelecimentos Melodia e Valentim de Carvalho.

23/8	16/8	9/8		
1.º	4.º	—	—	In The Ghetto — *Elvis Presley*
2.º	1.º	1.º	—	The Ballad of John and Yoko — *Beatles*
3.º	3.º	5.º	—	Proud Mary — *Solomon Burke*
4.º	2.º	2.º	—	Oh Happy Day — *Edwin Hawkin Singers*
5.º	8.º	9.º	—	Tomorrow, tomorrow — *Bee Gees*
6.º	6.º	6.º	—	Aquarius/Let the Sunshine in — *Fifth Dimension*
7.º	12.º	—	—	In the Year 2525 — *Zager & Evans*
8.º	5.º	4.º	—	Oh Happy Day — *SCI Youth Choir*
9.º	11.º	—	—	Hora que Passa — *Fausto*
10.º	—	—	—	Cantilena — *Padre Fanhais*

POPulaRucho

CANÇÃO DO PEDAL

Vila do Conde (pelo telefone) — Se a Volta a Portugal era já uma festa nacional, este ano está a ser muito mais festa. Além da caravana de dirigentes, técnicos, entendidos, curiosos e ciclistas, uma caravana artística faz a sua própria volta, paralela à outra, com o fim confessado de animar cada etapa. Não será inédito, mas tem o valor de qualquer boa e desinteressada intenção.

Chefiados por Cortez & Nicholson, alinharam à partida alguns dos ases da equipa RR, nomeadamente Mariema, Lena Branco, Fernanda Amaro, Mirene Cardinali e o Conjunto sem Nome.

«A MOSCA» NA VOLTA

«Penso vir a participar na Volta do Futuro», disse à «Mosca» a estreante Lena Branco, revelação do Grande Prémio da Figueira da Foz. Sobre as suas possibilidades na presente competição, revelou-nos ter seguido uma preparação rigorosa sob a orientação do treinador Mota Pereira, mas mesmo assim temer as etapas de estrada. «Os curtos-circuitos são a minha especialidade», concluiu.

A «sprinter» Mirene Cardinali começou por recusar-se a comentar a lesão vocal de Simone de Oliveira. «Isso é outra Volta», limitou-se a dizer. Revelou-nos que as proezas do Agostinho abriram aos artistas portugueses extraordinárias perspectivas no âmbito internacional. «A par dos Festivais da Eurovisão, do Mundo Celta, do Mditerrâneo, abrem-se-nos as portas do «Tour», do «Giro», da «Vuelta» e do Paris-Nice. Penso que temos muitas possibilidades de conseguir para as nossas cores classificações honrosas. Temos, além de grandes artistas, técnicos que irão dar que falar nas competições internacionais». Sobre a sua forma actual, revelou Mirene: «Mantenho-me em excelente forma, apesar de ultimamente ter estado afastada das grandes competições nacionais, como os Grandes-Prémios da Figueira e de Espinho e o Critério do Lumiar. O meu estilo continua a ser o mais imitado mas nunca igualado».

«Conto com a camisola amarela», começou por declarar Braga Santos, chefe de fila do Conjunto sem Nome. «Isto é fundamentalmente um trabalho de conjunto e nesse aspecto estou certo de que o apoio dos meus companheiros de equipa vai ser valioso. Colectivamente também contamos com uma boa classificação. Vamos procurar assegurar o 1.º lugar enquanto soprar a nosso favor o «Vento do Norte».

A vitória final tanto pode sorrir a um consagrado como a um desconhecido. Uma das esperanças da equipa RR é a jovem Fernanda Amaro, cançonetista com largas possibilidades de vir a ser outra Mafalda Sofia ou uma nova Madalena Iglésias. Para ela, a Volta é a primeira grande oportunidade. Outras se seguirão, mas para tanto muito contam os resultados da prova actual. «Claro que luto contra diversos nomes grandes do «music-hall» português. Mas tenho esperança. Cantando, espalharei por toda a parte o engenho e a arte da nossa música. A preparação que segui dá-me a possibilidade de ombrear desde já com as vozes consagradas. Conto classificar-me até ao 10.º lugar. Aspirações? Claro que tenho. A principal será talvez vir a ter lá fora a projecção conseguida pelo Agostinho».

Nos círculos ditos geralmente bem informados consta entretanto que Joaquim Agostinho foi já contactado no sentido de representar Portugal no próximo Festival da Eurovisão, o que, a menos que os belgas se fizessm representar por Eddy Merckx, nos daria a possibilidade de conseguir algo de inédito e de muito ambicionado por todos os portugueses de boa formação: a camisola amarela do Eurovision Song Contest.

ÚLTIMA HORA

À hora em que a presente «Mosca» pica, cheg-nos a notícia de que entre o Grandil e Mafra se registou uma fuga de Mariema, criadora de «O fado mora em Lisboa». Ao repórter-mosca que acompanha a prova,, declarou Mariema entre duas pedaladas: «Vou de vento em popa. Conto passar isolada na meta-volante de Campo de Ourique».

O pelotão, à velocidade de 45 rotações por minuto, move-lhe animada perseguição.

CETAVLEX
PARA AS QUEIMADURAS DO SOL

TAP

SERRALHEIROS
E TORNEIROS DE PRECISÃO

exige-se

— Conhecimentos de Máquinas Ferramenta
— Prática de Serralharia Fina
— Curso Industrial

oferece-se

Vencimento inicial de 3.200$00 acrescido de benefícios sociais.

Inscrições no Serviço do Pessoal, Rua do Conde de Redondo, n.º 79-1.º até 1 de Setembro inclusive.

A «Volta» parou na estrada. Os corredores renunciaram à corrida, afrouxando lentamente a marcha até se deterem em plena serra, a caminho de Vila Real. E a cidade não chegou a ver o arranque para meta dos ídolos do ciclismo nacional

Das palavras aos factos: muita discussão em plena estrada, choque das mais variadas opiniões e, como última solução, a paragem da corrida decretada pelo director da prova. Firmino Bernardino, Sérgio Páscoa, Valdemiro Cardoso e Pedro Moreira já estavam preparados para o repouso

PEDALANDO E ASSOBIANDO

A MOSCA, que não é velocípede (por dever zoológico, pelo menos) foi apanhada numa subida da Volta e pasmou com o acontecimento.

Viu corredores a 20 km, viu directores em voltas de desespero e depois soube de multas, discursatas e ofícios correlativos.

A Mosca pasmou e tirou conclusões muito pessoais.

★

NA TELEVISÃO ficámos a saber que o telefone é altamente fotogénico.

O comentador do ciclismo, com voz de muito bom-senso, ligou às troncas da grande prova e contou-nos o que diziam as ditas troncas. O seguinte:

— Que os corredores, por razões que eles há muito bem sabiam, não davam as pedaladas necessárias;

— Que o público, esse bode expiatório, é que era o prejudicado e que com o público não se brinca. (A Mosca aqui sorriu porque sabe muito bem que é costume brincar com o público sem que ninguém se queixe disso).

— Que para bem do progresso e do bom-senso era necessário moralizar estas gaiatadas, tanto mais que em vinte e não sabemos quantas provas os valorosos ciclistas sempre se portaram com juizinho e com gravata interior. Desta vez é que não. Se calhar tinham sido (mal) instigados e por isso andavam a pedalar à hippie, com gaita de beiços e chapéu à mexicana.

Enfim, ouvidos os técnicos e esclarecidos os autos, parece que seria bom (para prestígio do Desporto, benefício do público e respeito dos turistas) que se apurassem as causas do piquenique ciclista e se identificassem os terríveis enviados que se propuseram e levaram a cabo a antipatriótica atitude.

E assim é que manda o bom-senso.

★

UM DOS INCORRIGÍVEIS (visto que foram todos) declarou à Imprensa que já tinha gasto 900$00 do seu bolso e que não recebeu um tostão em troca.

Bem feito. Quem corre por gosto não cansa. Mas para correr é preciso pedalar forte e como os comentadores desportivos não correm por gosto, exigem que ele pedale mesmo sem tostão. Lógica de controvérsia. Lógica inabordável. Ou então não corresse.

Lógica de bom e são desportivismo que não admite fantasias nem imaginação privada nisto de andar às voltas com poucos tostões.

★

A VERDADE é que uma onda publicitária se lançou contra os rapazes da Volta, ao abrigo da moral desportiva e do tal bom-senso convencional. Alguns comentadores da classe chamada isenta vestiram-se de burocrática calma e declamaram os costumados «refrains» em que a «razão» rima com o «direito» e em que, nos dois versos finais tudo acaba paternalmente em bem, desde que os meninos não digam que a sopa era má.

O público, coitadinho, foi chamado como testemunha. O público (essa criança inconsciente, como disse um demagogo) passou de repente a ser defendido pelos comentadores lá porque tinha pago o bilhete e não viu as pedaladas ao ritmo da sessão prometida. Mas A MOSCA é público (com a devida vénia) e às vezes paga com mais prazer para não ver do que para assistir a certos espectáculos de boa e sã domesticação.

O pequeno «happening» de Trás-os-Montes valeu o dinheiro dos que não viram e pagaram. Pensa a Mosca. E para lá das muitas razões e dos muitos «dessous» da prova, o que não valeu o dinheiro ganho foi a voz quase unânime dos tecnicistas que puseram orelhas de burro nos meninos da Volta e nos encheram a nós os ouvidos com muito bom-senso, muito bom-senso, muito bom-senso...

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«BENGUELA» a sair em 28 de Agosto	Com escala por LEIXÕES para: S. TOMÉ (se necessário) LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA Carrega de 23 a 25 de Agosto
«UIGE» a sair em 8 de Setembro às 16 horas	Com escala prévia por LEIXÕES, para: LAS PALMAS, S. TOMÉ, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES Carrega de 29 de Agosto a 2 de Setembro
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 12 de Setembro às 12 horas	Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 3 a 7 de Setembro
«PATRIA» a sair em 15 de Setembro às 12 horas	Com escala prévia por LEIXÕES, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA Carrega de 6 a 9 de Setembro.
«LOBITO» a sair em 20 de Setembro	Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 13 a 17 de Setembro.
«VERA CRUZ» a sair em 23 de Setembro às 16 horas	Com escala por LAS PALMAS, para: LUANDA e LOBITO Carrega de 15 a 20 de Setembro
«LUCELA» a sair em 27 de Setembro	Com escala por LEIXÕES, para: PRINCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário) Carrega de 20 a 24 de Setembro.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 12 de Setembro às 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI). Carrega em 11 de Setembro.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telef. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

A casa fantasma

Os fantasmas saíram da língua de uma porteira velha, cansada, com bastante imaginação. Devoluto o prédio, escritos em todas as janelas, que imenso trabalho não era mostrar aqueles três andares a futuros inquilinos! A solução para tão árduo problema foram meias palavras proferidas pela porteira: «Há coisas que andam de um lado para o outro...». **E o prédio transformou-se numa casa fantasma. Claro que essa porteira foi despedida e uma outra lhe sucedeu: Virgínia Pereira, a mulher que se ri dos fantasmas...**

«Nunca vi um fantasma na minha vi... do povo...» — diz a porteira a Pe...

IAMOS de eléctrico, pela Alameda das Linhas de Torres, quando um passageiro, o dedo apontado para um prédio, disse para a mulher:

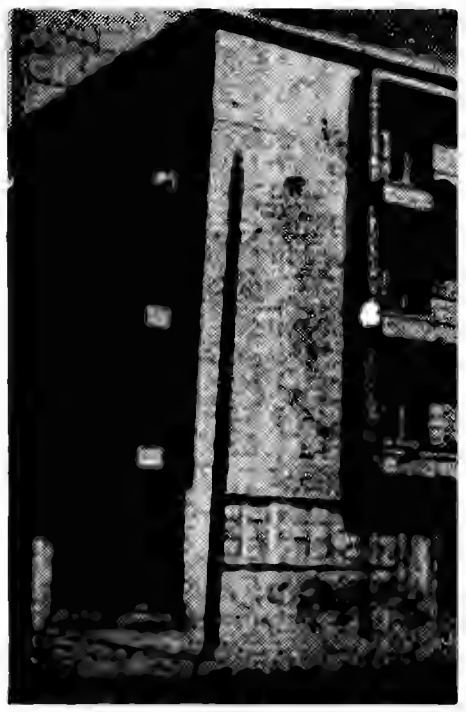
— Aquela casa é uma casa assombrada!

Seguimos a direcção do indicador do nosso companheiro de viagem e deparámos com um prédio de três andares, além do rés-do-chão, com escritos nas janelas. Tratava-se de um prédio relativamente novo, de traça mais ou menos idêntica à dos que se erguem nas Avenidas Novas. As sacadas tinham plantas secas e alguns dos estores apresentavam-se corridos. Era, na verdade, um prédio triste, aban-

donado, ...bre. E se ...a campo... ...trico — ...talvez tiv... ...do com ... ...tamente

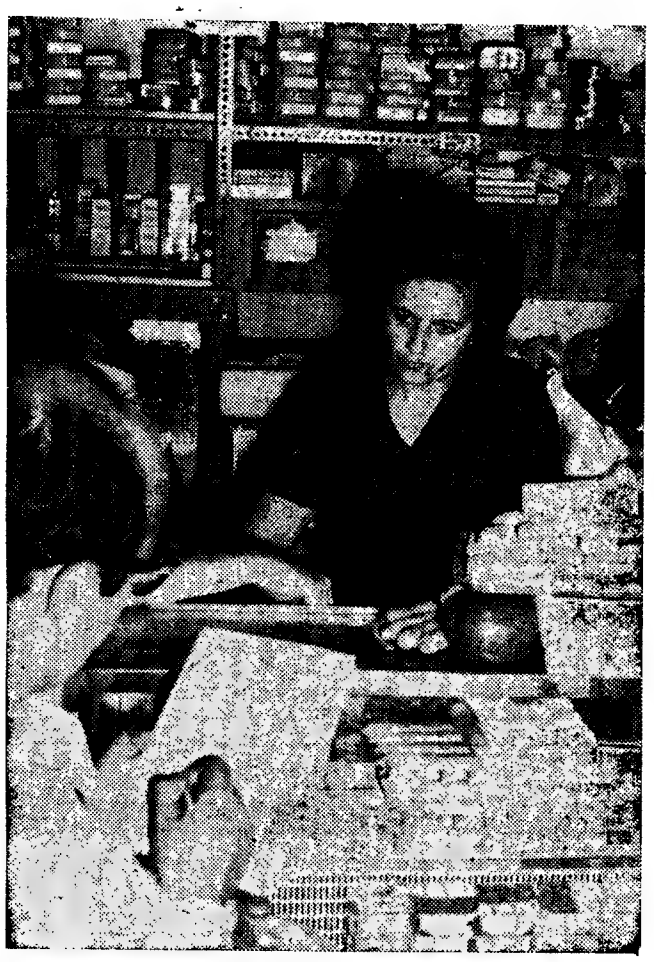
DIAS ...tad... ...sidade, ...entrada ...assombr... ...recebeu ...tasma: ... ...porta tão... ...viam a n... Nada ... Olhámos ...mero do... Sem dú... mero ... Dividido ...ríamos 6 ...nada. As... ...dos, toc... ...painha.

Um, do...



...E, ao longo dos anos, a lenda

inha vida. Isso é voz ra a Peter Snake



«Vivi durante doze anos num andar daquela casa, e nunca um fantasma se sentou à minha mesa...»

Texto
PETER SNAKE

★

Fotos
JOSÉ TAVARES

pnado, quase lúgu- e. E se não fosse a campainha do eléc- ico — tlim! tlim! — lvez tivéssemos fica- o com o dia comple- mente estragado.

DIAS depois, acica- tados pela curio- dade, fomos até à ntrada da dita casa ssombrada. Não nos cebeu qualquer fan- sma: os vidros da rta tão-só nos devol- am a nossa imagem. ada assustadora... lhámos para o nú- ero da porta: 126. em dúvida um nú- ero tranquilizador. vidido por dois obte- mos 63. Noves fora, da. Assim encoraja- os, tocámos à cam- ainha.

Um, dois, três minu- tos. Finalmente, alguém nos veio abrir a porta: mulherzinha magra, rosto ossudo, ar um tanto vago. Era a porteira. Vivia, com o marido, no rés-do-chão direito. E os andares, solitários, pareciam assentar sobre os seus ombros magros. Que silêncio!

— Não tem medo? — perguntámos, talvez com um sorriso nos lábios, talvez não.

A mulherzinha desfez-se num «Ai, Jesus!», torceu as mãos, mudou os pés, que não e não. Essa coisa dos fantasmas não passava de uma história...

— Mas, minha senhora, muitas são as pessoas que dizem que esta casa é uma casa assombrada. As coisas mudam de lugar, um cinzeiro aproxima-se de um relógio despertador, um guarda-chuva abre-se subitamente na cozinha... É ou não é?

Ela riu-se, sempre com um aspecto vago, diáfano, agora encostada à parede:

— O que aí vai! Como o povo fala sem razão! Quais fantasmas, quais almas do outro mundo! Isto foi sempre uma casa habitada até que...

— Até que...

Mas a mulher calou-se, subitamente atemorizada, temendo revelar um segredo qualquer.

E, nesse momento, nada mais conseguimos saber.

ORA acontece que, mesmo pegado à casa assombrada, lado direito, existe um estabelecimento de artigos eléctricos. Atendeu-nos ao balcão, uma senhora que negou terminantemente a existência de fantasmas, mas que, sem querer, nos proporcionou uma pista...

— Fantasmas não há — disse a senhora. — Houve, sim, um incêndio no rés-do-chão esquerdo...

— Um incêndio...?

— Sim. E, desde então, esse rés-do-chão nunca mais se alugou...

— Mas porquê?

Resposta: um encolher de ombros.

PEGADO à casa assombrada, lado esquerdo, existe, por sua vez, um lugar de hortaliças.

Ali fomos encontrar uma outra senhora, D. Maria Arminda da Silva Simões, mais faladora e amável.

Essa senhora tinha habitado um andar da casa assombrada durante doze anos. Nunca, durante esse tempo, encontrara um fantasma. Lençóis brancos só os vira na cama.

— E nada sabe dizer quanto a um certo incêndio, ocorrido no rés-do-chão esquerdo?

A senhora sabia: o incêndio destruira uma fábrica de doces localizada nesse rés-do-chão. Já tinham passado sete anos — e o rés-do-chão, ao longo desse tempo, nunca fora alugado. Os escritos estavam na janela, estavam: mas ninguém o alugava. Talvez se encontrasse bastante danificado, talvez... O povo, então, começou a dizer que ali apareciam almas do outro mundo.

— Muito obrigado, minha senhora.

TENTÁMOS nova fala com a porteira — e ela, desta vez, já mais confiante, disse-nos como se chamava: Virgínia Pereira.

Teimosos, voltámos com a história dos fantasmas, e não esquecemos de mencionar o incêndio na fábrica de doces...

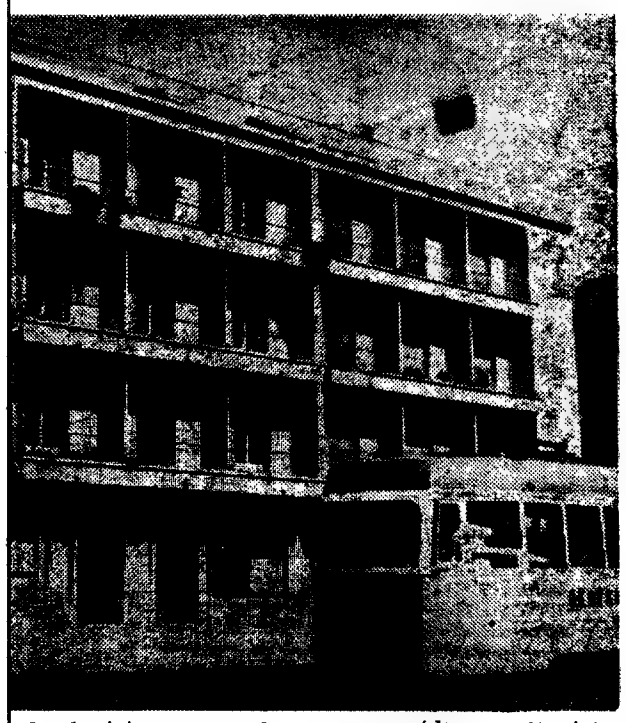
Ela disse:

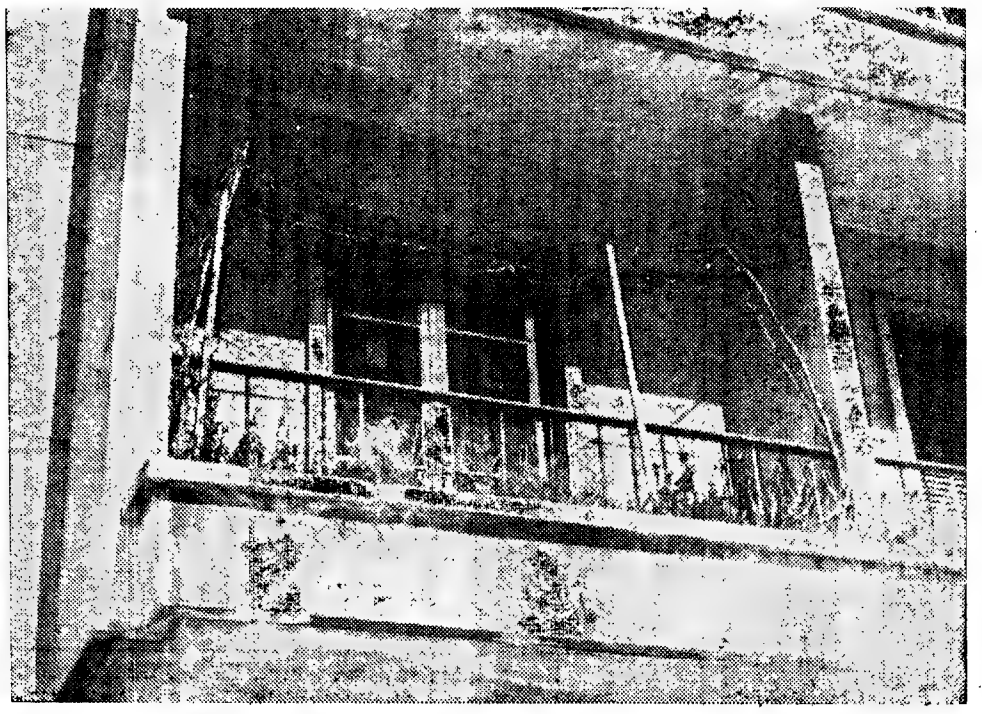
— Bem...

Nós sorrimos, o caso não tinha importância, que falasse sem receio.

E foi só então que veio a história.

— OLHE, meu senhor, isto começou de uma maneira bastante estúpida. Antes de mim, havia aqui uma porteira, já de idade, que se chamava Maria Luísa. Essa mulher tinha atulhado o rés-do-chão esquerdo com mobiliário seu... Quando o prédio mudou de proprietário, foram exigidas aos inquilinos dos três andares, esquerdo e direito, rendas mais elevadas. A maioria não aceitou o aumento. Uns receberam indemnizações, outros foram desalojados. O prédio, a certa altura, ficou vazio. Cá em baixo, no rés-do-chão direito, só vivia a porteira, a tal Maria Luísa. Escritos em todo o prédo, pessoas, muitas pessoas, a quererem ver a casa. A campainha da porta sempre a tocar, uma confusão dos demónios, gente com todas as caras. E ela, velha, cansada, começou a dizer que a casa era bastante misteriosa... Se acontecia, então, um tipo «embicar» com o rés-do-chão esquerdo, onde ela amontoava móveis e mais móveis, ela afirmava que aí apareciam fantasmas... Era uma ideia! Do rés-do-chão atulhado de mobília, os fantasmas foram subindo para os três andares do prédio. primeiro, segundo e terceiro. Agora, na voz do povo, os fantasmas estão em todos os andares. Em todos. Eu nunca encontrei nenhum, pode crer! Mas quem passa na rua, aponta para o prédio e afirma que se trata de uma casa assombrada. E tudo isto, meu senhor, por causa de mobília velha e de uma senhora chamada Maria Luísa... Grande brincalhona, não é verdade?





a lenda foi-se erguendo, como o prédio um dia foi erguido. «É uma casa fantasma» — dizem as pessoas que passam na rua. E a casa «aceitou» os fantasmas...

técnica do golpe de mosca

Como se sabe, no continente americano, além dos Estados Unidos, do Canadá e do Alasca, há ainda as Américas Latinas e as *...outras*. Estas últimas são geralmente muito buliçosas e em grande número de analfabetos. Andam quase sempre preocupadas com revoluções intestinas visto que cultivam a banana ou o petróleo e qualquer destes produtos é altamente tóxico sempre que o míldio americano toca nele.

Dizem os especialistas que o dito míldio é uma epidemia voraz e de importação, supondo-se que se propaga através de correntes aéreas a grande altitude, pois é transportado em aviões superjacto — de preferência na pessoa de sujeitos que viajam em classe de luxo acompanhados de peritos e de secretárias. Este míldio — *mildium empresarium bellicensis*, como é conhecido — tem tão alto poder de disseminação que transforma a América Latina em *...outras*.

PARTE PRIMEIRA: O GOLPE TESOURA

Na defesa contra o *mildium bellicencis* distinguiram-se, como precursores, vários guerreiros do novo continente, como Zapata, Bolivar, San Martin, Peredo e outros. Às vezes (muito raramente, diga-se de passagem) os países da banana e do petróleo tiveram períodos de relativa tranquilidade mas cedo os propagadores do *mildium* se puseram em campo e desataram aos tiros e aos discursos.

Claro que isto acontece frequentemente e com resultados seguros quase sempre. Às vezes nem é preciso gastar pólvora, gasta-se só dinheiro. Outras vezes tomam-se medidas iniciais tendentes a preparar o terreno para a cultura do ano seguinte.

Entre as medidas mais curiosas para criar ambiente ao míldio está a da campanha contra os guedelhudos posta recentemente em prática no México. Ao que parece, as autoridades descobriram que os rapazes de cabelo comprido reagiam mal ao tratamento pelo *mildium bellicensis* e raparam-nos à máquina zero. A coisa (dizem as agências noticiosas) deu até escândalo diplomático e não deve ter obtido grandes vantagens. Como os sargentos gorilas não são pessoas para se atrapalharem é natural que continuem a lançar brigadas de tesouras e que por excesso de zelo rapem também o pelo aos cactos — plantas que, como é sabido, abundam ferozmente por todo o México de mistura com os *sombreros* e as relíquias incas.

A ofensiva da tesoura foi, segundo os historiadores modernos de maior crédito, importada da Grécia. Mas a Grécia tem as suas tradições bem firmadas: se hoje corta o cabelo à rapaziada é porque no tempo de Péricles já os helenos usavam cabeleira curta e toda aos caracóis, enquanto que, os pioneiros mexicanos sempre se deixaram fotografar com largas farripas à maneira de Bufalo Bill. O que num caso está historicamente certo, no outro mostra-se escandalosamente antitradicional.

Estas ofensivas tácticas figuram nos manuais como fazendo parte da Estratégia do Golpe de Mosca, designação que vem do facto de serem aparentemente tão inofensivas que ninguém dá por elas. Mas a verdade é que se deu. Cortar o cabelo ao indígena não é coisa que passe despercebido com essa facilidade e não se demonstrou ser tão profiláctico como se pensava, pois os crânios por um fenómeno de reacção contrária revelaram-se ainda mais renitentes ao contágio do *mildium bellicensis*.

PARTE SEGUNDA: SEGREDOS DE SAIAS

Outra táctica do Golpe de Mosca — esta directamente complementar do ataque aos guedelhudos — é a do combate à mini-saia também ensaiado pelos gregos. Espera-se a todo o momento que os americanos latinos a copiem e se o fizerem estão na boa tradição.

Na realidade, as mulheres dos primeiros colonos desembarcaram com saias pelos pés, tendo ficado molhadas até às coxas, e daí a clássica e tradicional epidemia de reumatismo que ainda hoje grassa por aquelas paragens. Sob este aspecto, a táctica é inteligente, pois quanto menos higiene e quantas mais doenças (tuberculose, lepra, reumatismo, etc.) maiores são as possibilidades de o *mildium bellicensis* triunfar seja onde for. Além disso se as jovens da América Latina usarem saias a dar pelos pés ficam com menos possibilidades de movimentos — coisa que é essencial para o progresso do *mildium*.

Por essa razão desenha-se hoje em vários países um sólido e amplo movimento de reabilitação da verdadeira feminilidade. Nos liceus, as moças vão deixar crescer as saias à medida que os rapazes encurtam as guedelhas — e assim é que é bonito Sansão, precursor dos *hippies*, passou a andar com juizo no dia em que lhe raparam a guedelha. E Joana d'Arc precursora das mini-saias nunca teria sido queimada se a não tivessem confundido com um guerreiro do sexo forte.

CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

Temos, pois, um futuro mais equilibrado à nossa frente, graças à ofensiva do Golpe de Mosca. Dentro em pouco só os recrutas escoceses terão direito à mini-saia (o que não choca nada visto que é aos quadrados) e, além deles, os soldados gregos que continuarão a gozar desse privilégio desde que não abandonem os sapatos de quarto, com borlinhas e tudo, como determina o regulamento.

TIBERIUS BRUTUS

Varão consular — Ano I da República dos Sensatos

um "gigante" de dimensões reduzidas!

GRAVADOR PORTÁTIL SUPER-COMPACTO QUE FUNCIONA COM CASSETTS

SONY

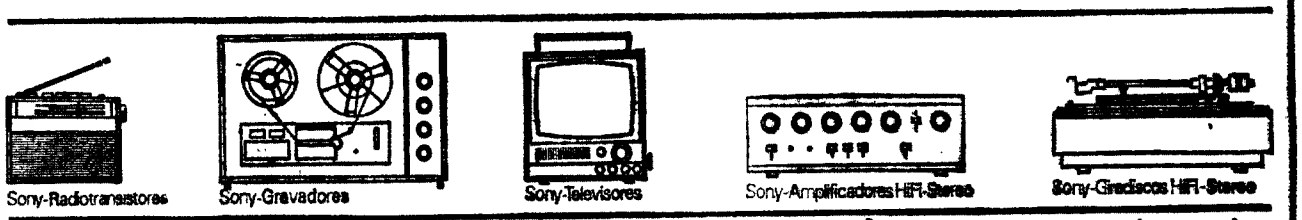
TC-100

um gravador para gente moça que funciona em qualquer lugar... que serve para coisas sérias - aulas, idiomas, etc... e também para alegrar a sua vida - dançar, piqueniques, etc.

a técnica faz a diferença

SONY

à venda nas melhores casas da especialidade



Representantes para Portugal: EMÍLIO DE AZEVEDO CAMPOS & C.ª L.da
Departamento de Material Electrónico — Rua Santo António, 137-145 • PORTO

Distribuidor em Lisboa: ANTÓNIO SARÓ, L.da
Rua da Assunção, 98-2.º D.

Desenho de Ferreiro

«Porque se censuraria o historiador que segue fielmente as menores particularidades da narração que lhe fizeram?»

O império absoluto e enorme do príncipe Ranúncio Ernesto IV estendia-se — segundo conta Stendhal — pela cidadezinha de Parma e seus frondosos arredores. O monarca, que, «para sua desgraça, gozava de um poder sem limites», comparável ao de um imperador asiático, ao de Alexandre e ao de Napoleão, tinha um ar penetrante e dominador; os gestos dos seus braços possuiam nobreza, e as palavras que pronunciava eram comedidas e concisas. Os seus inimigos — liberais e outros — pintavam-no como um monstro; o facto porém é que Ernesto IV era um homem cheio de pequenas virtudezinhas, «e pode acrescentar-se que se fosse invulnerável como Aquiles teria continuado a ser o modelo dos potentados. Estava porém, segundo o seu conselheiro Mosca, sujeito a acessos de medo indignos de um homem.

Intelectualmente era, como Albert Camus diria século e meio mais tarde, uma inteligência estúpida: a sua cultura política fazia-se na leitura do jornal ultrafuribundo e do jornal liberal (também o havia no principado.)

Clara Paolina, princesa de Parma, augusta esposa de Ernesto, considerava-se, porque o marido a enganava, a mulher mais infeliz do Universo, «ao que se devia talvez a circunstância de ser a mais maçadora». Alta, magra, tímida, não tinha trinta e seis anos e aparentava cinquenta.

A soberana passava a vida com o venerável arcebispo local, um velho prelado de longos cabelos brancos que era ainda mais tímido, se é possível, do que a princesa. Viam-se diàriamente e as audiências resumiam-se a um longo e mútuo silêncio de um longo quarto de hora. O prelado era porém um homem de espírito e de ciência; e um homem que tinha poder, pois que servia o poder.

O soberano passava a vida com a marquesa Balbi, um bonito italiano **de 25 anos. Através do seu augusto amante, a Balbi metia-se em todos os negócios públicos, e o Estado não fazia uma compra de mil francos sem que a jovem marquesa não recebesse uma** recordação **(era em Parma a palavra decente). «Acabo por morrer na miséria» — dizia ela ao príncipe.**

O conde Mosca della Rovere Sorenga foi ministro da Guerra, da Polícia e das Finanças, e conselheiro do príncipe. A amizade do soberano pelo seu ministro devia-se ao facto (importante) de ele o proteger dos seus fantasmas. Ernesto IV, que fôra valente na guerra (viram-no conduzir vinte vezes uma coluna ao ataque nos campos de batalha), pôs-se a declamar, mal regressou à pacífica vida de governante, contra Voltaire, Rousseau, os enciclopedistas, os jacobinos, a liberdade, etc. Num momento de mau humor, mandou enforcar dois liberais e num momento de prudência contratou Mosca para o proteger e ao seu Estado.

O conde, que era um homem inteligente e lúcido adquiriu, a partir desse momento, uma importância crescente na corte e no reino. Como o príncipe tinha, em função de uma educação cuidada, um penetrante sentido do ridículo, era ele, Mosca, quem se dedicava aos actos ridículos de procurar conspiradores debaixo da augusta cama, nos estofos dos contrabaixos e por detrás dos reposteiros.

A principal fonte de má reputação para o conde Mosca era passar por chefe do partido ultra. **O partido liberal era chefiado pela marquesa Raversi, mulher imensamente rica, imensamente intrigante e imensamente capaz de tudo — até de êxitos políticos. Ernesto IV mostrava-se cheio de desvelos para não desanimar o partido que não estava no poder; sabia muito bem que seria ele sempre o senhor, mesmo com um ministério formado no salão da senhora Raversi. Um homem arguto como o conde Mosca sabia também que não era preciso temer os liberais da marquesa; e que não eram esses os fantasmas que atemorizavam o sono do príncipe. Aliás, o próprio conde não era, ao contrário do que os seus detractores afirmavam, um ultra. Encorajava efectivamente os ultrafuribundos locais mas, segundo ele próprio declarou à observadora Sanseverina (que foi sua amiga, sua amante e sua mulher), para que estes mais fàcilmente cometessem erros e para que ele mais justificadamente lhes coartasse os movimentos.**

«O poder absoluto tem isto de cómodo — dizia filosòficamente o conde — santifica tudo aos olhos dos povos.»

«Uma corte é ridícula mas é divertida — dizia a Sanseverina (uma mulher que, só ela, valia bem uns 5 pontos, aproveita o autor para dizer) — «E um jogo que interessa mas que é preciso respeitar. Quem se lembrou jamais de protestar contra o ridículo das regras do whist?

AMADEU LOPES SABINO

MARLON BRANDO:

talvez um tiro como em Dallas

É cíclico, de há anos a esta parte. Com a chegada do Verão, a América treme por causa dos «dias quentes» dos explosivos dias das marchas e das reivindicações contra a segregação racial (económica e social), contra a pobreza, contra a guerra. A tensão sobe, a América treme, a América teme e o incêndio deflagra. Alastra. São labaredas que correm todos os «States» e lançam a América contra a América. São os terríveis dias do Verão americano, **pondo a nu a miséria de um povo no país da riqueza.**

Este ano, outra vez, a América treme, a América teme...

E o problema cresce, as campanhas inundam a América e o mundo, invadem a consciência dos homens. Personalidades de relevo nas Artes e nas Letra, gente da alta-roda do espectáculo adere e intervém activamente na campanha, nas marcas, nas reuniões.

Assim aconteceu com Marlon Brando, «astro» famoso, «monstro sagrado» de Hollywood, consagrado na Terra inteira.

Pois Marlon Brando dedica-se agora a uma nova actividade, a de «apóstolo da paz». Pondo de parte, de repente, mais de vinte anos de carreira fabulosa, o actor decidiu dedicar-se, com alma e coração, á grande batalha contra a guerra, contra as injustiças sociais e as discriminações raciais que emocionam o seu país e o mundo inteiro.

O grito de Brando despertou, evidentemente uma viva estupefacção dos meios artísticos internacionais. Muitos atribuiram-no ao seu carácter extravagante, a essa ponta de loucura que, segundo alguns dizem, se esconde desde sempre no seu cérebro. Mas a linha de conduta de Brando é inatacável e coerente sob todos os pontos de vista.

SOU UM CIDADÃO DO MUNDO

BRANDO abriu um escritório em Nova York que é o seu quartel-general para a batalha que tão corajosamente empreendeu. Aí falou sobre a sua nova missão.

— A sua decisão de abandonar o cinema surpreendeu toda a gente. Quer explicar alguma coisa?

— É um assunto terrivelmente difícil. Complicado. Aterrador, mesmo. As pessoas ficaram perplexas ante os meus propósitos, dizem os jornalistas. Pois bem, este é o meu primeiro êxito na nova linha de vida e de trabalho que sigo. Um número infindável de pessoas, de gente muito digna procede assim,

há anos, e nunca ninguém deu por isso. Então apareço eu, faço umas declarações. Sou um divo, uma personagem do cinema. E o meu gesto não passa desapercebido. Espero que muitos indivíduos famosos, mimados pela fortuna e popularidade, se decidam a imitar-me. O Mundo vai mal. Todos o repetem constantemente, mas logo permanecem inertes. Inúteis. Sem iniciativa. Considero-me um cidadão do Mundo. No dia em que a minha vida acabar, quero sentir-me tranquilo. Quero ter a certeza de ter feito o possível, de acordo com a minha capacidade, as minhas forças e as minhas limitações.

— Não se trata duma manobra publicitária?

— Em primeiro lugar não sou tão mesquinho e, em segundo, posso fazer os filmes que quero, quando e como quero. Se assim o desejasse, poderia deixar-me morrer debaixo duma montanha de dólares. Rebato todas as insinuações nesse sentido, especificando que essas e outras insinuações não me perturbam absolutamente nada. Não me afastarão nem um milímetro do caminho que decidi percorrer.

— Que pensa fazer?

— Cumprir o meu dever. Organizarei conferências, colóquios. Promoverei iniciativas. Lutarei como um condenado contra a terrível injustiça e estupidez dos homens. Há muita gente que deserta frivolamente desta batalha, considerando-a perdida desde o princípio. É uma desculpa infame.

— Como descobriu em si todo esse ardor?

— Quem me conhece bem, sabe que a minha atitude contra o racismo e todas as suas sequelas nunca foi passiva. Oferecia quantias apreciáveis a favor de associações antirracistas e participava em manifestações.

MARLON BRANDO:

talvez um tiro como em Dallas

É PRECISO SAIR DAS BARRICADAS

— MAS não basta oferecer algum dinheiro de vez em quando e fazer de «convidado de honra» em algum comício — continua Marlon Brando — para ter a sensação de «haver cumprido». É preciso sair das barricadas, levar a bandeira. Diàriamente. Só através duma luta constante e o compromisso de todos se pode chegar á verdadeira paz e á verdadeira justiça social.

— No passado acusaram-me de comunista.

—Um individuo como eu é sempre incómodo. Sou a favor da justiça, da paz. Este é o meu verdadeiro partido, o meu ideal, o meu novo trabalho.

— Trabalho que não é nada fácil...

— Bem sei. Posso mesmo acabar assassinado. Não acabaram assim com os Kennedy? Com Martin Luther King? Não tenho medo. Não me deixarei intimidar por nada nem por ninguém. Queria que isto ficasse bem claro.

— E nada de cinema, absolutamente nada?

— Rescindi todos os meus compromissos cinematográficos. E agora creio poder aceitar, unicamente, os filmes que possuem um alto conteúdo social e se relacionem com a luta que empreendi. É claro que posso fazer cinema, todavia, mas esporàdicamente, com o único objectivo de obter dinheiro para empregá-lo no que agora prefiro fazer.

— Quais os factos que amadureceram em si toda esta sede de justiça?

— Primeiro, o assassinio de Luther King, depois o de Bob Kennedy. Episódios horríveis, repulsivos. Um sinal aterrador de alarme. Os dois assassinios comoveram todo o mundo. E depois? Nada, absolutamente nada. Uma semana passada, alguns títulos na imprensa. Bonitas imagens nos jornais e na televisão. E tudo acaba aqui. Sim, uns dias depois arquivam-se Luther King e Bob Kennedy. Arquivavam-se os problemas. Depois de tudo isto, deduz-se que nada tem grande significado. E o mundo segue para diante, rodando como uma ridícula e grotesca bola.

— Não lhe custa interromper a sua brilhante carreira?

— Claro que custa. Mas na vida, num momento determinado, é necessário escolher. Quando se nos apresenta a alternativa da escolha há que estar á altura e ir-se até ao fundo da questão. Se o problema, afinal, não nos toca, não o consideramos importante, tanto melhor. Podemos pô-lo de lado. Mas doutras vezes não é assim. Agora tive que decidir, que escolher. E se me tivesse comportado como um velhaco, teria morrido para mim próprio.

VINTE ANOS QUEIMADOS NO ALTAR DA VAIDADE

— E as suas admiradoras?

— Que venham ouvir-me nas praças, nas fábricas, nas universidades, nos locais onde se trabalha e combate para endireitar as coisas. As admiradoras que permanecem exclusivamente ligadas aos meus assuntos cinematográficos não me interessam.

— Que balanço pode fazer dos vinte anos que dedicou ao cinema?

— Vinte anos marcados, pesados, sujos. Pesavam-me. Fisicamente, mentalmente, espiritualmente. Vinte anos que «engordaram» todas as minhas células negativas, os meus pensamentos e as minhas sensações mais banais e falsas. Vinte anos queimados no altar da vaidade, da felicidade pessoal.

— Os seus colegas dizem que deve estar «ligeiramente» louco.

— Sim, louco. Consideraram-me assim, a miudo, em Hollywood. Toda a gente com um pouco de personalidade, de inteligência e de dignidade tem que ser, segundo os de Hollywood, um pouco louco. Mas eu tive sempre muito cuidado com o meu cérebro e com a minha alma. E este facto é difícil de compreender, em Hollywood. Os meus colegas? Nunca tive companheiros, nem verdadeiros amigos no ambiente do cinema. Todos eles são personagens mesquinhos que nunca considerei.

— Qual é a sua atitude a respeito do amor?

— Todas as vezes que me enamorei, amei. Parece-me que não posso dizer mais.

— Na sua vida predominam as mulheres exóticas. Qual a razão?

— São as melhores. Cheias de sensibilidade, de calor, de poesia. Absolutamente diferentes das «mulheres de série» produzidas pela chamada civilização ocidental.

— Quantos filhos tem?

— Alguns. Os filhos são como as flores no grande prado do amor.

— Considera-se um grande actor?

— Quando interpreto, transformo-me. Queima-me por dentro uma espécie de fogo, uma espécie de delírio. E sinto-me forte, feroz como um leão. Apenas isto. Se sou ou não um bom actor é coisa que nunca soube.

— Quais são as suas aspirações mais concretas, mais urgentes?

— Seguirei para diante na direcção que tracei. Sem me voltar para trás, sem me distrair. Lutarei pelo que acredito profundamente. Lutar com força. Até que rebente.

— É feliz?

— As minhas sensações interessam-me relativamente. Uma coisa é trabalhar pela própria felicidade, por satisfação própria e outra é trabalhar por ideais comuns, situados para além do nosso egoismo e dos nossos objectivos pessoais. A minha felicidade, no presente, está a milhões de anos de distância. Mas isso não me preocupa.

— No seu último filme «Candy», no papel de um santo hindú, trabalhou com Ewa Aulin. Que opinião tem desta moça que é talvez o símbolo mais actual da nova beleza feminina?

— Ewa é uma bonita rapariga. Como ela, porém, deve haver duzentas ou trezentas mil.

TEMOS FEITO MUITO MAL À JUVENTUDE

— QUAL é a sua opinião acerca dos rapazes e raparigas de hoje?

— Há muita confusão, muita agitação, muita desilusão nos jovens. Temos feito o impossivel para destruir, ante os seus olhos, os melhores ideais, os valores mais importantes. Temos feito o impossivel para os isolar, para manter com eles um perfeito não-diálogo.

— Não se sente cansado?

— Sim, por vezes sinto-me destroçado. Destruido, acabado. Mas o mais importante não é o estado físico. Só a riqueza do espírito pode fazer que nos sintamos mais ou menos vivos. Hoje, eu sinto-me terrivelmente vivo. Sim, terrivelmente vivo.

— Recebeu muitas cartas desde que anunciou a sua decisão de lutar pela igualdade racial?

— Muitas cartas cheias de simpatia e muitas cartas chelas de insultos e ameaças obscuras. E, que isto fique bem claro, não faço o que faço para suscitar nas pessoas simpatia ou antipatia. Este aspecto deixa-me totalmente indiferente.

ROUBEI UM ÓSCAR

— QUAL é, na sua opinião, o seu melhor filme?

— Fiz filmes e interpretei personagens nos quais acreditei. Desta maneira fiz coisas boas e outras absolutamente erradas. Só recordo e tenho presente estas últimas.

— E o Óscar que ganhou?

— Nessa época, era recem-saído do Actor's Stúdio. A minha interpretação era demasiado académica, demasiado estudada. Minuciosa, feita por medida, diria o juri dos «Óscar». Agradou-lhes e eu levei comigo a estatueta. Naquele tempo agradou-me.

— O que salvaria da sua vida?

— Não gosto de olhar para trás, o pensamento do passado aborrece-me. Pensar no futuro é ùnicamente o que me interessa.

— Se tivesse que se comparar a um animal, como se pintaria?

— Sou curioso como um símio. Combativo como um urso. Feroz como um tigre. Teimoso como uma mula. Em resumo, o animal com que mais me pareço é com o homem.

— Antes de falar, pensa sempre no que quer dizer?

— As palavras são uma instituição absurda, por vezes irritante. Trato de utilizá-las ao máximo mediante o cérebro e o espírito mas nem sempre consigo resultados encorajantes.

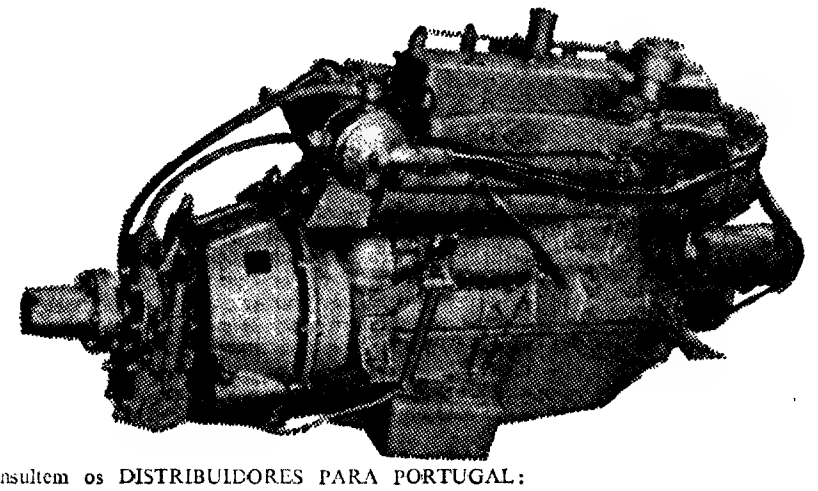
— Actua sempre de boa-fé?

— Não me pergunto nunca coisas como essa. Portanto, isso significa que vou, realmente, de boa-fé.

— Gosta de surpreender as pessoas?

— Não. Prefiro surpreender-me a mim mesmo. É uma festa mais intima. E sai sempre melhor.

PERKINS DIESEL
A MARCA QUE CRIA UM AMIGO EM CADA CLIENTE
MOTORES MARÍTIMOS de 3, 4 e 6 cilindros ★ 21 a 124 S. H. P.
★ Grande stock de peças para estes motores



Consultem os DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL:
AUTO-INDUSTRIAL
S. A. R. L.
LISBOA — AV. DUQUE DE LOULÉ, 93 — TEL. 562551 — COIMBRA — LEIRIA — PORTO
ESTORIL — AV. DE NICE, 4 — TEL. 263396 — CALDAS DA RAINHA — SANTARÉM
— TORRES VEDRAS

NO PRIN CÍPIO ERA O VERBO

Vamos ter um novo teatro chamado «Maria Matos».

A Mosca, que está por tudo, recebe a notícia e aguarda o repertório. Ao que parece juntaram-se muitos homens do teatro e sem ser do teatro para descobrir aquela alcunha. E acertaram, sim senhor.

Maria Matos foi uma grande actriz. Raul Brandão não foi um grande actor. Vasco Santana foi um grande cómico do palco. António José da Silva não foi um grande actor. E raciocinando assim saiu Maria Matos que sempre é actriz e logo melhor do que todos os nomes dos dramaturgos conhecidos e por conhecer.

Isto para chamar nomes a um teatro novo é pouco. Maria Matos, de saudosa memória, teria deixado um tão largo lastro cultural que justificasse a entronização que agora lhe foi feita?

A Mosca pergunta. Modestamente.

A razão está evidentemente na falta de imaginação teatral em que se vive. Criaram-se precedentes. Se há um *Teatro Laura Alves* porque não há-de haver um *Maria Matos*?

Se há um *Villaret*, um *Vasco Santana* porque não há-de haver um teatro *Badaró* no Parque Mayer ou um *Florbela Queiroz*?

Esperamos que se faça justiça e que dentro da ordem natural de grandeza se mude o nome do Teatro Monumental para Coliseu Vasco Morgado.

... E assim desmonstraremos ao mundo que a capital portuguesa é realmente uma inflação teatral.

P. S. — *Por favor não mudem o nome ao ABC nem se lembrem de que a D. Amélia Rey Colaço também é uma grande actriz.*

ANDARES

VENDEM-SE

Em Benfica, Buraca, Amadora, Algés, Linda-a-Velha, Carnaxide, Sassoeiros e Parede, c/ 3 a 5 casas assoalhadas, 2 casas de banho, cozinha, rouperos, etc.

TERRENOS C/ PROJECTO APROVADO
FACILITA-SE PAGAMENTO

JOÃO PROTÁSIO NALHA

Rua Luciano Cordeiro, 25-1.º-Dt.º — LISBOA
Telefs. 539200, 2910079 e 785200

A TABAQUEIRA acompanha o movimento turístico em Portugal

Agora na Ilha da Madeira

Distribuidores Gerais
IRMÃOS FERNANDES
(FRUTAS DA MADEIRA), Lda.
Funchal

A TABAQUEIRA

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 51-6º LISBOA

RODAS NA LUA

Parece que os veículos eléctricos vão ter mais futuro na Lua que na Terra.

Os astronautas irão utilizar «automóveis» eléctricos na Lua, muito mais cedo do que aqui na Terra poderão vir a ser utilizados.

Os veículos movidos a gasolina são impraticáveis na Lua, pois teriam de transportar o seu próprio suprimento de ar, dado que não há atmosfera na Lua.

O Governo americano e a indústria estão a trabalhar em veículos lunares e espera-se que o primeiro seja utilizado antes de terminado o ano de 1971.

Os veículos-automóveis são necessários, pois a exploração da Lua não pode ser feita a pé... Os lunautas do futuro terão que ter um «automóvel» que lhes permita percorrer grandes distâncias.

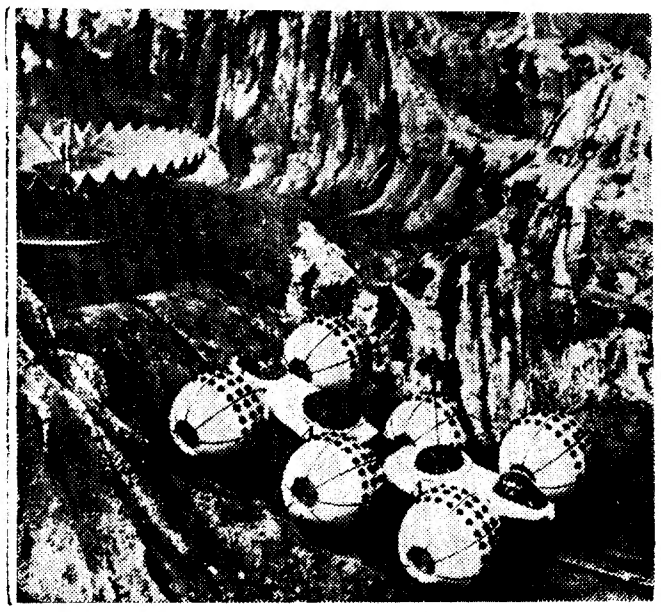
No filme «Odisseia — 2001» havia um «automóvel» do género deste de que os lunautas irão precisar — capaz de deslisar sobre fendas, de saltar obstáculos e de descer por qualquer caminho.

Mas o tempo deste veículo ainda vem longe, pois não são assim tão fáceis de conceber como possa julgar-se.

A energia eléctrica é o ideal para usar na Lua. Não podem usar-se motores de combustão interna, dada a falta de oxigénio. É possível que possa chegar-se a uma utilização da energia solar de tal modo desenvolvida que possa converter-se em energia eléctrica indefinidamente. E, assim, os «automóveis» lunares nunca teriam problemas.

A *General Motors* está a estudar este tipo de veículo. Há alguns anos já construiu, em combinação com a *Boing* um veículo, a que chamou «*mobilty test article*». O projecto previa baterias de porta galvazinada, motores eléctricos, e seis rodas. As rodas maiores eram capazes de saltar obstáculos de quase dois metros de altura. Tinha uma velocidade de 10 milhas horárias e um raio de acção de 20 a 30 milhas.

Mas nessa altura



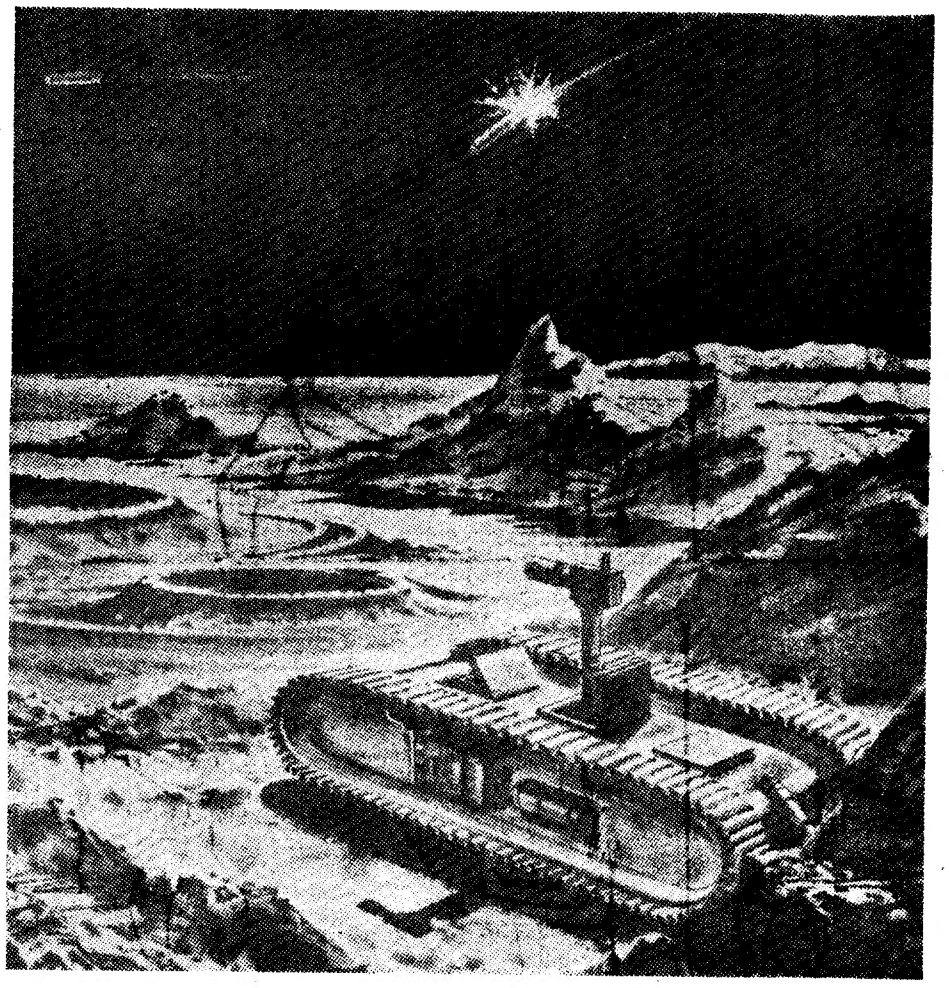
TOYOTA
DYNA
DYNHEIRO DINÂMICO

Transportar — são os negócios em movimento
No mundo de hoje o DYNHEIRO não pode parar
— tem que ser DYNÂMICO
O seu DYNHEIRO anda mais quilómetros mais baratos
nas camionetas TOYOTA DYNA

Esta é a DYNASTIA das TOYOTA DYNA
Chassis curto — JU 12 — 3.500 kg de P.B.
Chassis longo — JU 15-H3 até 3.500 kg de P.B.
Veículos ligeiros de carga
Chassis longo — JU 15-HD até 5.000 kg de P.B.
motores diesel TOYOTA de 4 cilindros, 2.481 de cilindrada.
Travões com servo-freio; rodas duplas atrás; chassis excepcionalmente robustos com longarinas de aço; cabinas luxuosas, muito confortáveis e com grande espaço para 3 pessoas; equipamento de segurança; sistema de ventilação; conforto de um carro de luxo.

Distribuidores exclusivos
SALVADOR CAETANO, SARL
Concessionarios em todo o país Em Lisboa e no Porto: TRANSMOTOR

conarte



ainda não se sabia tanta coisa acerca da superfície lunar e agora viu-se que as rodas de cinco pés e a altura (2 pés acima do solo) do carro não eram necessárias.

Supõe-se também que o veículo lunar será mais pequeno do que esse primitivo modelo experimental.

Dantes pensava-se que a Lua era coberta por uma espessa camada de pó, o que levou a conceber determinadas características do veículo, hoje postas de parte.

Depois da missão da «Apolo 11» a NASA tem entrado em conversações com certas firmas industriais para a construção dos veículos lunares. Até 22 deste mês, a NASA espera os projectos de várias companhias.

O veículo não deve pesar mais de 40 libras, mas deve poder transportar dois astronautas e 100 libras de instrumentos científicos. Será alimentado por baterias de prata galvanizada e deverá poder fazer quatro percursos de 18,75 milhas por um período de 78 horas.

A NASA especificou também que a sua velocidade máxima deve ser de 10 milhas horárias e deve poder virar a todo o comprimento. Devido à falta de atmosfera, o veículo será accionado por motores AC em vez ds convencionais DC *bresh-type* que teriam que ser vedados. As baterias são mais práticas que os depósitos de combustível pelo menos, enquanto a NASA não pretender um veículo que possa andar durante um mês ou percorrer grandes distâncias na Lua.

O veículo que a NASA pretende agora deverá ter um raio de acção de 75 milhas, mas a NASA diz que não espera que os homens trabalhem a uma distância do módulo lunar, superior a 4 milhas. O veículo deverá estar acima do solo umas 13,77 polegadas e deverá poder trepar a 11,81 a partir de ponto morto.

A NASA espera concluir os contratos para a conclusão destes veículos, no fim deste ano. O primeiro veículo deverá ser entregue dentro de 18 meses. Isto significa que a NASA terá o seu primeiro «automóvel» lunar antes dos fins de 1971, e espera estreá-la antes do fim de 1971.

Espera-se que a primeira missão a utilizá-lo seja a «Apolo 17». Nessa altura explorará a cratera Tycho. A «Apolo 18» utilizará outro automóvel para explorar Marius Rills.

As companhias em competição para construirem os «automóveis» lunares são: a *G. M., Boing, Bendix, Westinghouse, Alhis Chalmers, Chysler, North American Rockwell, Traw* e *Grummar.*

Cada «automóvel lunar» ficará entre 50 a 100 milhões de dólares.

Retrato de Família

Em visita aos portugueses

A MENINA PESCADINHA

E O SEU AGENTE ARTÍSTICO

FRIGORÍFICOS

IGNIS

· Maior capacidade em menor espaço

· A maior e melhor linha

Uma marca de prestígio ao seu dispor nas melhores condições de aquisição em:

ELGA, LDA.

AV. ALMIRANTE REIS, 104-B
T. 4 21 75 — LISBOA

SENHORES CAPITALISTAS

DESEJAM COLOCAR O VOSSO CAPITAL
NAS MELHORES CONDIÇÕES

A NORTENHA é uma organização devidamente autorizada pelo Decreto-Lei n.º 43.767, colocando dinheiro com TODA A SEGURANÇA. SIGILO E RAPIDEZ sobre hipotecas de propriedades a juro compensador permitido por Lei.
Prestamos toda a assistência até reembolso total do capital emprestado, nada cobrando de comissão aos srs. Capitalistas, tratando também de toda a documentação, registos, etc.

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

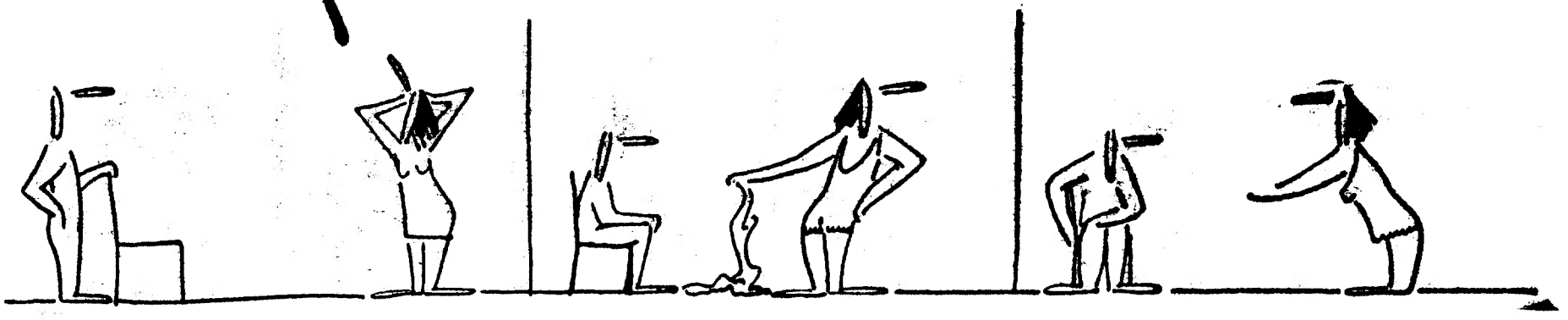
MEDIADOR OFICIAL

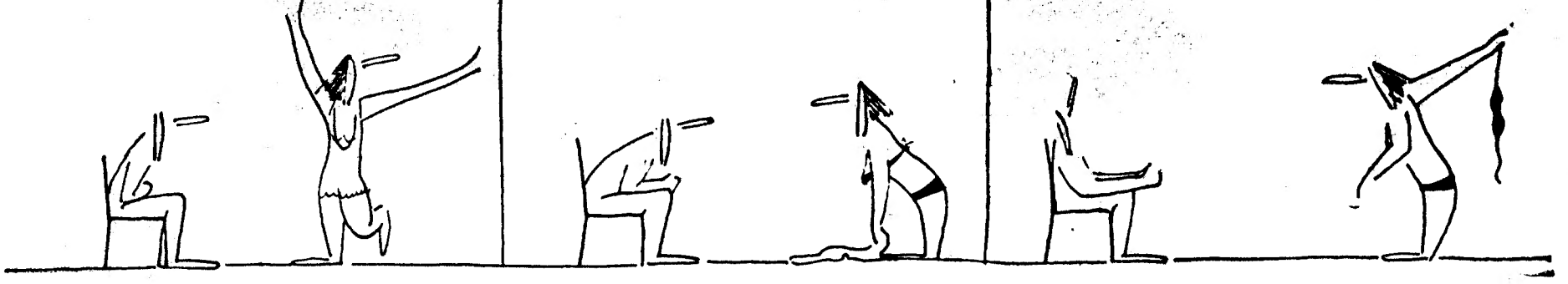
LISBOA — P. da Alegria, 58-2.º — Telef. 3 33 08

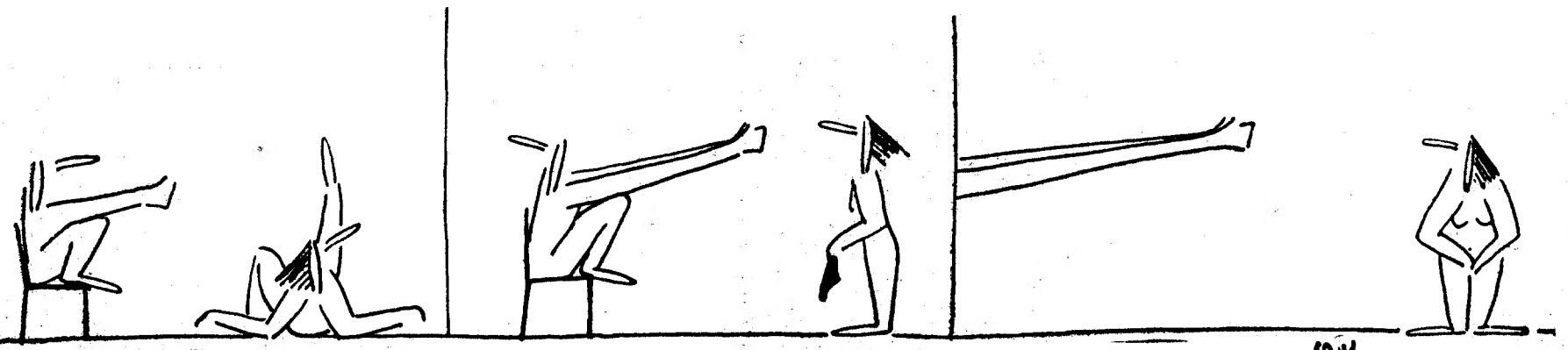
PORTO — P. D. João I, 25-1.º — Telef. 2 00 85

COIMBRA — Av. Fernão de Magalhães, 288-2.º — Telef. 2 90 45

SAM







SAM